

70

Uma publicação  
da Associação  
Palas Athena  
ISSN 1413-893X

# Thot

*Aspectos  
éticos e legais  
da doação  
de órgãos*

**Marcos de  
Almeida**

*O que  
aprendi com o  
Dalai Lama  
sobre o  
judaísmo*

**Rodger  
Kamenetz**

*Humberto  
Maturana e a  
psicoterapia*

**Alfredo Ruiz**

**DECLARAÇÃO  
DO  
PARLAMENTO  
DAS RELIGIÕES  
DO MUNDO  
PARA UMA  
ÉTICA GLOBAL**

*Hans Küng*

# Índice

- 1 Editorial
- 2 Entrevista com Elisabet Sahtouris
- 22 Integração e tolerância: o desafio do século 21  
*Maria Alice Figueiredo*
- 35 Aspectos éticos e legais da doação de órgãos  
*Marcos de Almeida*
- 43 O que aprendi com o Dalai Lama sobre o judaísmo  
*Rodger Kamenetz*
- 51 Painel: Favela espelho  
*Atilio Avancini*
- 61 Humberto Maturana e a psicoterapia  
*Alfredo Ruiz*
- 70 Sobre a beleza: Enéada 1, Tratado 6  
*Plotino*
- 78 Consciência e diversidade cultural  
*Mario Kamenetzky*
- 92 Declaração do Parlamento das Religiões do Mundo para uma ética global  
*Hans Küng*
- 108 Mahatma Gandhi e a Polícia Militar de São Paulo  
*Suzete Carvalho*
- Epifania: Uma tarde no lago oculto  
*George Barcat*



**THOT** publicação da  
Associação Palas Athena  
do Brasil.

THOT nº 70 - fevereiro de 1999  
tiragem: 3.000 exemplares  
ISSN 1413-893x  
R\$ 9,00

**Editores:** Basílio Pawlowicz,  
George Barcat, Humberto  
Mariotti, Lia Diskin,  
Primo Augusto Gerbelli,  
Uliratan D'Ambrosio.

**Equipe THOT:** Isabel Cristina  
M. Azevedo, José Flávio Rett,  
José Romão Trigo de Aguiar,  
Lúcia Benfatti Marques,  
Mara Navello Gerbelli,  
Paulina Berenstein,  
Therazinha Siqueira Campos,  
Yara Bonomo.

**Colaboradores:** Cellozo  
Veras, Daniela Mareau,  
Mario José Sesti Neves,  
Marli Montesano, Roberto  
Ziemme, Suzete Carvalho,  
Wilson Campanella.

**Produção:** Ademair Assaoka,  
Emilio Moutarige,  
Lucia Brandão S. Moutarige,  
Maria do Carmo de Oliveira,  
Sergio Marques.

**Impressão e distribuição:**  
Gráfica e Editora Palas Athena  
**Jornalista responsável:**  
José Carlos Filho

Não publicamos matérias redacionais pagas. Permitida a reprodução, citando a origem. Os números atrasados serão vendidos conforme a última tabela de preços publicada pela Editora Palas Athena. Periodicidade: trimestral. Assinatura por quatro números pedidos em nome da Associação Palas Athena do Brasil, no endereço abaixo. A responsabilidade pelos artigos assinados cabe aos autores. Matrícula nº 2046. Registro no DDCP do Departamento de Polícia Federal sob nº 1586 P. 290/73.

**Associação Palas Athena do Brasil**

Rua Leônício de Carvalho, 99 - Paraíso  
04003-010 - São Paulo - SP

Fones: (011) 288.7356 - 283.0867 e 287.2668

Fax: (011) 287.8941

Internet: <http://www.palasaathena.org>

---

# Editorial

**P**ublicada pela Associação Palas Athena desde 1975, THOT chega à sua 70ª edição. Tamanha longevidade de um periódico dedicado à cultura só tem uma causa: acreditamos na importância de fazer o pensamento circular.

Teceu-se uma rede de múltiplas aproximações disciplinares, que aspira renovar os modos de nossa espécie habitar o planeta e tomar consciência de si mesma e da interdependência que existe entre todos os seres, assuntos e coisas. Novos tempos exigem novos modos de compreensão e ação. Sem eles, arriscamo-nos a perder o rumo sem ao menos suspeitar dos motivos de nossa desorientação. Estamos, portanto, diante de uma decisão crucial: como organizar a convergência de todos esses conhecimentos? E, mais importante do que isso, como aproximar esses conhecimentos das reais necessidades da vida? Dizendo de outro modo: como transformar a superabundância de conhecimentos em sabedoria, em prática e estilo de vida?

Entendemos que o caminho passa, necessariamente, pelo incentivo de uma forma de entendimento do mundo ancorada no diálogo, amplo e sem fronteiras, entre todas as formas de racionalidade, arte e desenvolvimento espiritual. Este é o valor que temos dado ao conceito de transdisciplinaridade. Em suma, para nós, a transdisciplinaridade é muito mais uma ética do que uma epistemologia ou coisa semelhante.

Depois de 23 anos rodando pelo país, a grande motivação da THOT continua a ser despertar em seus leitores o gosto pelo cultivo do pensamento, da sensibilidade e do exercício dos direitos e deveres da cidadania, bem como o gosto pela "biodiversidade" das idéias e práticas sociais.

Vocês sempre serão bem-vindos à nossa boléia. Obrigado a todos os que viajam e viajaram conosco.

*George Barcat*

Geobiologista, ecologista e pesquisadora de estudos do futuro. Em 1989, publicou *Gaia: do caos ao cosmos*<sup>1</sup>. É também consultora da ONU para povos indígenas, *fellow* da Fundação Fındhorn, e trabalha no conselho consultivo do Institute for Sustainable Development and Alternative Futures. Atualmente, ela vive e trabalha nos Andes peruanos, onde é co-fundadora de um centro para o estudo das culturas andina e amazônica.

## PARA UMA VISÃO ORGÂNICA DO MUNDO

**H**oje em dia ouvimos falar muito em “novo paradigma”, *empowerment* [energização], “ecossistemas”, “redes globais” e “comunidade”. Esses termos acabaram se tornando chaves de nossa cultura emergente. Mas o que eles significam e por que são tão importantes?

Segundo Elisabet Sahtouris, essas expressões são parte de uma mudança que está ocorrendo em nossa visão ocidental de mundo. Essa modificação está se dirigindo, segundo ela, do “mecânico” para o “orgânico”. Os cientistas estão começando a conceber de novo a natureza, não como um sistema de mecanismos, como foi ensinado à maioria de nós, mas como um sistema complexo e auto-organizado. Essa mudança tem implicações profundas, não apenas para a ciência moderna, mas também para a nossa realidade social, política e econômica.

SCOTT LONDON – *Vamos começar pelo começo, como se diz. Como foi o início de seu trabalho sobre a evolução e a teoria de Gaia?*

ELISABET SAHTOURIS – Estudei primeiro arte, porque meus pais achavam que ciência era assunto para meninos. Assim, graduei-me em artes antes de ir para a ciência. Recebi

depois meu Ph.D em ciência e fiz um pós-doutorado no Museum of Natural History, em Nova York, justamente na época em que surgiu o primeiro artigo de Jim Lovelock sobre a hipótese de Gaia. Estava fazendo pesquisas comparativas sobre a evolução do cérebro, mas as minhas grandes questões – O que somos? De onde viemos? O que estamos fazendo aqui? Para onde estamos indo? – permaneciam sem resposta. Fiquei muito desencorajada com a ciência, porque ela não tinha resposta para esses grandes problemas. Ninguém parecia estar querendo chegar a uma visão global, ou universal, sobre a humanidade como espécie.



LONDON – *Quando você começou a se dar conta de que a ciência tradicional não era o meio mais adequado para responder a essas grandes perguntas?*

SAHTOURIS – Acho que foi durante a minha bolsa de estudos pós-doutorado, quando eu estava em Manhattan, Nova York, e vi tantos problemas sociais – pessoas sendo despejadas, respirando um ar poluído. Causou um certo desconforto no Museum of Natural History. Isso aconteceu por volta de 1969. Eles haviam gasto muito dinheiro para fazer uma exposição sobre poluição, enquanto o museu expelia uma fumaça negra sobre a região norte de Manhattan, impedindo as mulheres da vizinhança de estender a roupa que lavavam. Então mostrei a contradição entre a exposição e o que eles próprios estavam fazendo. Dessa maneira, foram muitas as pequenas lições que me levaram a perceber que a ciência tem os olhos vendados, e por isso não vê que o que faz não tem relação com a sociedade.

---

## **“Eu queria saber quem éramos dentro do contexto da natureza”**



Poucos anos depois, tive oportunidade de discutir com professores do Massachusetts Institute of Technology sobre como funciona a nossa sociedade. Na mesma época estive numa prisão, conversando sobre as mesmas questões com internos negros. Ficou óbvio para mim que os negros haviam entendido melhor que os cientistas a estrutura e a função da sociedade em que vivemos. Quanto aos professores do MIT, sempre que tinham um *insight* sobre como funciona o processo social, logo queriam publicá-lo como uma nova teoria sobre, digamos, a relação entre a educação pública e as necessidades industriais dos trabalhadores [risos]. Como se isso fosse muito familiar para as pessoas que cresceram nas ruas.

Então comecei a pensar: como pode a ciência responder às grandes questões, quando na verdade não dá qualquer atenção ao que está acontecendo no mundo? Decidi que era muito mais importante preocupar-me com a transição e o desenvolvimento de novas alternativas para uma humanidade em deterioração, do que ficar num laboratório fazendo pesquisas triviais.

Quando fui para a Grécia, poucos anos depois, decidi escrever romances para explicar a mim mesma a condição humana. Tornei-me amiga de Henry Miller e acabei compreendendo por que ele dizia odiar a linha reta. O que ele queria realmente dizer era que não gostava das coisas artificiais, geométricas, abstratas, que não fazem parte do mundo orgânico. Assim, quando cheguei às ilhas gregas, lá vivendo nos bosques e na água, com os pescadores, as mesmas velhas questões retornaram à minha mente.

Eu queria saber quem éramos dentro do contexto da natureza. Desejava uma explicação científica que fosse melhor que as que me haviam ensinado. Atribuí-me a tarefa de tentar descrever a evolução da Terra dentro do contexto de um cosmos vivo, autocriador, e então olhar para a história humana dentro desse âmbito. Fiz isso de uma forma apressada e um tanto nebulosa, mas o que eu queria mesmo era ver como as pessoas, através das idades, vêem a si próprias em relação a esse sistema vivo mais amplo do qual dependemos.

---

## **"Para mim, o planeta é vivo por definição"**



LONDON – *Seu livro é uma reflexão sobre a teoria de Gaia, desenvolvida por James Lovelock e Lynn Margulis. Como você caracterizaria essa teoria?*

SAHTOURIS – Jim Lovelock é um cientista ambiental inglês, que propôs que a Terra é uma entidade viva e auto-organizada. Chamou-a de Gaia, com base no nome grego da deusa primordial da criação, que acabou se transformando no nosso planeta.

Discordo um pouco de Lovelock e Margulis, sobre como falar de Gaia, porque jamais a vi como uma hipótese (como eles inicialmente a chamaram) ou teoria. Para mim, trata-se da conceitualização da Terra como um ser vivo, que surgiu para substituir o nosso entendimento do planeta como um conjunto de mecanismos. Ver o mundo como um ser vivo faz parte da grande transição da visão de mundo mecânica para a orgânica.

Para mim, o planeta é vivo por definição. Uso a definição de vida proposta por dois biólogos da América Latina, Humberto Maturana e Francisco Varela, que se tornou conhecida como "autopoiese". Trata-se de uma palavra grega que significa, literalmente, "autocriação". Eis a definição: entidade viva é aquela que cria a si mesma de modo constante. Estabelece-se assim a distinção entre um sistema vivo e um mecanismo, porque uma máquina não cria a si própria de modo constante. Com efeito, se ela mudar é porque provavelmente está quebrada, e gostaríamos que isso não acontecesse. O ser vivo, no entanto, ou muda constantemente ou está morto.

Dessa maneira, estou falando de autoconceitualização, não de uma hipótese ou teoria. Nessa conceitualização, ou quadro de referência científico, poderíamos propor hipóteses ou elaborar teorias sobre o seu funcionamento.

LONDON – *Quando Lovelock propôs inicialmente essa hipótese, disse que estava utilizando uma linguagem poética e metafórica. Assim, além de apresentá-la como uma hipótese científica, ele estava também metaforizando. Hoje, a teoria ou hipótese de Gaia é descrita como uma bela metáfora, ou é levada a sério pela comunidade científica?*

SAHTOURIS – Uma das coisas que aconteceram foi que as pessoas identificadas com a "Nova Era" (e essa expressão tem

---

muitos significados) entusiasmaram-se pela hipótese de Gaia tal como proposta por Lovelock, porque todos sabiam intuitivamente que a natureza é viva, que a Terra vive. Na verdade, nossa cultura ocidental e industrial é a única na história que não ficou sabendo disso, o que fez com que os cientistas, por sua vez, se distanciassem do planeta real.

Entretanto, quando alguém fala em “apenas uma metáfora”, temos que ficar atentos, porque a ciência inteira é também uma metáfora. Quando dizemos que a natureza é um conjunto de mecanismos, isso é tão metafórico quanto dizer que ela é uma entidade viva. Não há meios de falar sobre qualquer coisa nova sem invocar metáforas. A ciência inteira se baseia nelas. Se falamos do átomo como um pequeno sistema solar com elétrons girando em torno de um núcleo, ou como redemoinhos de energia (nas descrições mais recentes), estaremos também usando metáforas. Uma metáfora significa simplesmente que tomamos algo que é familiar e o utilizamos como uma imagem do que estamos tentando descrever e ainda não entendemos bem.

LONDON – *Por que é tão difícil para nós, ocidentais, pensar a Terra como um sistema vivo?*

SAHTOURIS – Acho que isso remonta à visão de mundo cartesiana. Descartes propôs que Deus era um grande arquiteto e que suas criações eram mecanismos. Isso significa que a natureza inteira era um conjunto de mecanismos criados por Ele, o arquiteto, que num dado momento pôs um pouco de sua mente divina em seu robô favorito – o homem – para que este também fosse capaz de criar máquinas. Gostemos ou não, essa era uma visão de mundo bastante completa, que dava conta de tudo.

Quando os cientistas decidiram que não precisavam mais de Deus para enxergar o mundo, eles o eliminaram da visão cartesiana, mas conservaram a idéia do conjunto de mecanismos. Mas como explicar a origem desses mecanismos sem um criador? Por definição, uma máquina não pode existir sem um criador. Se elas existem, e não podem ter sido montadas e agrupadas por alguém, a única alternativa é dizer que foram agrupadas por acidente. E assim se chegou a teorias estranhas, como a que diz, literalmente, que se suficientes peças de um Boeing 747 forem arrebatadas por um redemoinho num ferro velho, existe a possibilidade de que um desses aviões monte a si mesmo.

---

Acredito que logo vamos achar que essa é a concepção mais bizarra de como as coisas funcionam jamais proposta na história do mundo. E penso que ela será vista dessa forma num futuro muito próximo, porque se trata de um ponto de vista fundamentalmente ilógico. O problema foi que os cientistas se sentiram obrigados a escolher entre Deus, o inventor intencional, e o acaso, e não dispunham de nenhuma teoria que explicasse a autocriação como um processo perfeitamente natural, biológico e universal. Agora temos essa teoria e portanto não mais precisamos invocar hipóteses.

LONDON – *Há um trecho interessante do seu livro, no qual você fala sobre a visão de mundo científica como sendo talvez o produto de um antigo debate entre os filósofos gregos. De um lado, estavam pensadores como Platão e Aristóteles, que achavam que a razão era algo que deveria ficar afastada do mundo tal como o experienciamos. De outra parte, filósofos como Heráclito e Anaximandro tinham um ponto de vista mais orgânico, e viam o cosmos como uma entidade viva. Acho que não precisamos especular sobre quem ganhou essa discussão.*

SAHTOURIS [risos] – Certo. Entre os filósofos orgânicos, meu favorito é Anaximandro. Apenas uma frase de seus escritos chegou até nós, o resto é tradição oral, transmitida por seus discípulos. Mas essa única frase, em minha tradução do grego, é: “Tudo que se forma na natureza contrai um débito, que deve pagar dissolvendo-se de modo que outras coisas possam se formar”. Eis uma bela teoria da evolução por meio da reciclagem, expressa numa única frase. Ela mostra que o conceito estava bem vivo desde a antigüidade. Então os ocidentais – seguidores de Platão e assim por diante – moveram o foco para a lógica e a matemática, que nos leva direto aos maquinismos como modelo de natureza.

LONDON – *Por falar em antigüidade, alguns antropólogos e historiadores estão hoje reconsiderando algumas das primeiras provas que remontam à era paleolítica, e descobrindo que muitas culturas daquele tempo tinham uma visão de mundo mais holística.*

SAHTOURIS – Sim. De fato, o holismo era natural a todos os povos antigos e indígenas, incluindo os que ainda sobrevivem. Nossa obsessão ocidental é dividir o mundo e pôr os pedaços em caixas, separar a ciência da política, da religião e das artes, por exemplo. Não era o caso de outras culturas, e isso as ajudava

---

## **“Criamos a nossa própria realidade”**



a ver as coisas de modo global, simplesmente porque não separavam as coisas. Na verdade, eles são capazes de ver outras dimensões – que relegamos ao âmbito da religião – como parte da realidade ordinária. Não estão obcecados em traçar fronteiras entre os fatos e a ficção.

Isso me faz lembrar uma conversa que tive com David Abram a respeito de suas experiências na Indonésia, onde trabalhou com a medicina local. Ele estava certo de que suas habilidades de mágico e prestidigitador poderiam ajudá-lo a penetrar no universo médico daqueles povos e, com efeito, isso funcionou. David costumava dizer que todos os que exercem a medicina sabem um pouco de prestidigitação. Então eu o pressionei para que ele me dissesse onde estava a fronteira entre a prestidigitação, a magia e a realidade no mundo daquela gente. E ele dizia sempre o mesmo: “Não existem fronteiras entre magia e realidade. A natureza é profundamente mágica em seu âmago”. Levei muito tempo para compreender o que ele queria dizer com isso. Foi só por meio de meus próprios anos de experiência com povos indígenas de vários lugares que pude finalmente entender.

Há uma afirmação com a qual você se depara na literatura esotérica. Ela diz que criamos a nossa própria realidade. Em nossa cultura, há livros como os de Jane Roberts e sua entidade Seth, por exemplo, que apóiam essa noção. Para os povos nativos, faz parte da concepção comum das coisas dizer que as pessoas criam a realidade, seja cerimonialmente seja em conversa direta com árvores, animais, com toda a natureza. Eles lidam com a natureza de uma maneira co-criadora e estão conscientes disso. Em nossa cultura fazemos o mesmo, mas sem ter essa consciência.

LONDON – *Isso é muito interessante. Por falar em culturas nativas, você acrescentou um capítulo chamado A maneira indígena, na nova edição de seu livro. Quando você sentiu que era necessário fazer esse acréscimo?*

SAHTOURIS – Quando terminei a primeira versão do livro, concluí que se os seres humanos não começarem a se comportar como um sistema vivo dentro de um sistema maior, e também vivo, que chamamos de natureza, planeta ou cosmos, logo

---

## **“Os povos indígenas sabem mais do que a nossa cultura ocidental”**



estaremos caminhando para a extinção. Uma vez tendo decidido que nossa tarefa era viver como um sistema dentro de outro, tornou-se óbvio para mim que os povos indígenas sabem mais do que a nossa cultura ocidental. Esta tomou como norma separar a si mesma do resto na natureza, vendo-a objetivamente e controlando-a.

Um índio tewa amigo meu, o Dr. Greg Cajete, que escreveu um livro chamado *Olhe para a montanha; uma ecologia da educação indígena*, me disse: “A diferença entre o modo como o índio faz ciência e a maneira como o homem branco a faz é interessante. O branco isola um pedaço da natureza e a leva ao laboratório para estudá-la, porque quer controlá-la. O índio vai à natureza porque seu propósito é integrar-se nela”. Essa é uma diferença fundamental entre a nossa cultura e as outras: nosso objetivo é usar a natureza e transformá-la para finalidades humanas – ou seja, o controle. A deles é viver harmoniosamente no mundo natural, reconhecendo que somos completamente dependentes dele, do mesmo modo que qualquer célula ou órgão do corpo depende por completo do resto do organismo.

LONDON – *Parece que há uma grande necessidade de sabedoria tribal nos dias atuais. Essa situação se refletiu em nossas listas de bestsellers, que mostram livros como A profunda mensagem do mutante, de Marlo Morgan. Acho que deve haver, em algum nível, um entendimento de que as culturas indígenas têm algo que evidentemente nós perdemos.*

SAHTOURIS – Sim. Acho que o movimento ecológico nos conduziu a isso, porque nos alertou para a natureza e para como nós nos havíamos isolado tanto em nossos ambientes urbanos. Uma vez que começam a desenvolver-se esses sentimentos intuitivos de profundo respeito e amor ao mundo natural, penso que todos chegarão à conclusão que possivelmente devemos nos aproximar das culturas indígenas para entrar em contato com sua sabedoria, porque elas não se separaram da natureza como nós.

Costumo usar didaticamente uma história dos índios hopi. Nela, o Grande Espírito e a Mãe Terra dão duas tarefas diferentes a seus filhos, o irmão vermelho e o irmão branco. Dizem ao irmão branco para ir ao estrangeiro, escrever e inventar coisas.

---

Ao irmão vermelho, recomendam ficar em casa e conservar a terra em sagrada confiança por meio de cerimônias. Um dia, o irmão branco volta e eles lhe dizem que deve partilhar suas invenções com o irmão vermelho e ouvir deste a sabedoria que acumulou: se fizerem isso, poderão criar juntos um mundo melhor. Mas se o ego do irmão branco, durante o processo em que faz suas invenções, crescer tanto que ele não possa mais ouvir a sabedoria do irmão vermelho, tudo estará perdido e este mundo, tal como o conhecemos, acabará.

Gosto de usar essa história em aulas, porque ela diz que a tecnologia é uma coisa boa, desde que seja utilizada no contexto da sabedoria sobre os sistemas vivos nos quais estamos embutidos e dos quais dependemos. Hoje em dia chamamos isso de "tecnologia adequada". Eis exatamente para o que precisamos olhar: como devemos desenvolver nossas tecnologias de modo a que elas sejam inofensivas para a natureza e possam ajudá-la, o que é uma possibilidade.

LONDON – *Em seu livro, você também fala sobre os índios kogi, que têm algumas semelhanças com os hopi.*

SAHTOURIS – Sim. Os kogi são conhecidos pela mensagem do documentário de Alan Ereira, chamado *Mensagem do coração do mundo: a palavra do Velho Irmão*. Eles falam sobre Aluna como sendo a criadora do mundo, e dizem que antes de ela o ter criado vivia errando em todos os mundos possíveis, vivendo em grande angústia. Assim, ela é chamada memória e possibilidade, o que considero uma bela frase. Ela criou nove mundos, na história criacional dos kogi. No nono pôs as pessoas, inclusive dois irmãos, um velho e um jovem. Essa é uma história muito semelhante à dos irmãos vermelho e branco da história hopi. O irmão jovem estava sempre perturbando o mais velho. Então Aluna lhe deu o conhecimento da tecnologia e o mandou para longe, para o além-mar, onde ele não pudesse ser importuno. Segundo os kogi, há 500 anos ele atravessou o oceano e voltou para continuar sendo destrutivo e impertinente. E assim, se não parar de retalhar o fígado de sua mãe e de cortar o seu coração, acabará destruindo o mundo que conhecemos. Os índios estão, evidentemente, se referindo aos garimpos e ao deflorestamento que vêm na Amazônia, no sopé de suas grandes montanhas colombianas.

LONDON – *Quer dizer que eles viveram isolados durante cerca de 500 anos?*

---

SAHTOURIS – Todo esse tempo. Segundo o documentário, eles constituem os últimos sobreviventes das culturas pré-colombianas. Mas isso não é bem verdade. Fui visitar uma aldeia andina que não havia recebido a visita de ninguém antes, mesmo arqueólogos. Quando esses aldeões vieram a Cuzco, tive oportunidade de mostrar-lhes esse filme sobre os kogi. A maioria adormeceu porque nunca tinham sentado em sofás antes, vendo um vídeo. Eu estava junto com eles, alerta, e ouvi os que continuavam acordados fazer comentários sobre como a língua dos hopi parece semelhante à sua *runa* (ou, como os espanhóis a chamam, a língua Quíchua), o que mostra que eles também eram sobreviventes de uma cultura pré-colombiana.

LONDON – *O que aconteceu quando você viajou pela montanha até essa aldeia?*

SAHTOURIS – Bem, alguns deles vieram a pé da aldeia até o passo da montanha, a 5000 metros, na neve, e rumaram direto para Cuzco, o que para eles não demora mais do que o mesmo percurso feito por caminhão Volvo de 40 toneladas, naquelas estradas tortuosas e de curvas fechadas. E lá chegaram, com suas sandálias de sola de pneu (elas estão por toda parte nos Andes, e vêm desses mesmos Volvos, cujos pneus estouram nas trilhas), trazendo sacos de batatas para alimentar-se na cidade, porque não tinham dinheiro. Encontraram alguns amigos músicos, que os deixaram ficar em suas casas e cozinham para eles. À medida que lhes dávamos comida e cuidados, perguntaram se não gostaríamos de ir visitá-los, porque ninguém até então havia feito isso. Assim, fomos apresentados a eles por esses músicos da cidade, nativos urbanizados.

Tudo corria amigavelmente. Eles estavam cheios de alegria por saber que faríamos o esforço de ir até a sua aldeia para uma comemoração de três dias. Lá, tive a oportunidade de preparar um cozido de lhama na fogueira. A maioria desses aldeões se alimenta apenas de batatas. Suas práticas agrícolas são tão eficazes que, se plantam um campo num ano, dão à terra um repouso de mais seis anos antes de plantar outra vez. Há muita água nos Andes, vinda da neve, e tudo é muito verde. O solo é negro, e é realmente possível viver daquelas maravilhosas batatas, de diferentes cores e variedades.

LONDON – *O que você aprendeu ao viajar entre a nossa sociedade e as culturas indígenas?*

## **"Há uma percepção completamente oposta da riqueza material nas culturas nativas"**



SAHTOURIS – Eu poderia ilustrar uma das coisas interessantes a respeito dessa diferença falando sobre uma amiga chamada Sarah James, que é índia Gwich'n e mora numa das cidades mais setentrionais do Alasca. Sarah estava na Conferência da Terra, no Rio de Janeiro, em 1992, tocando o seu grande tambor de pele de caribu e balançando as abas da abertura de sua cabana de pele para dar boas-vindas às pessoas. Falava de como sua cultura era rica e opulenta antes da chegada do homem branco. Faziam qualquer coisa a partir do caribu. Além de comer a carne do animal, aproveitavam a pele e os ossos para a fabricação de botes, cabanas, tambores, instrumentos musicais e utensílios de cozinha.

Quando o homem branco chegou, olhou para as pessoas e disse: "Olhem para essa pobre gente, que vive a quarenta graus abaixo de zero sem quase nada. Temos de fazer alguma coisa por ela e trazê-la para o nosso mundo moderno". "Eles nos chamaram de selvagens", dizia Sarah. E, enquanto batia em seu tambor, continuava: "Bem, vamos continuar sendo selvagens do Alasca!" Estava mostrando que a autopercepção era uma de suas grandes riquezas. E disse mais: "Temos casas aquecidas e roupas quentes, bastante comida, tempo para nossas famílias e nossa cultura, histórias e uma bela religião. Somos um povo feliz. Agora estamos sendo chamados de primitivos, retrógrados e pobres. Hoje somos pobres de verdade, porque empobrecemos com as coisas que o homem branco nos trouxe" – desde doenças até casas inadequadas e alimentos enlatados, continuando com a falta de oportunidades de trabalho, álcool e outras drogas. São essas as coisas que empobrecem os povos nativos que antes eram auto-suficientes.

No noroeste, ouvimos falar com frequência da cerimônia índia do *potlach*, cujo objetivo é distribuir os bens materiais acumulados. Isso acontece porque existe uma percepção completamente oposta da riqueza material nessas culturas. As tribos se mudavam com frequência e as pessoas não queriam carregar muitas coisas, que atrapalhavam e por isso eram colocadas no caminho. Assim, para essas culturas a idéia de riqueza tinha a ver com poucas posses materiais. A fortuna era espiritual, artística, e estava ligada a outras formas de vida que não a

---

## **"Já extinguímos metade das línguas faladas na terra"**



posse material, embora as pessoas fizessem pinturas, gravações e coisas semelhantes. Trata-se de uma percepção muito diferente da materialidade, que faríamos bem em aprender.

Fiz o meu *potlach* pessoal há mais de vinte anos, quando mudei para a Grécia e me desfiz de uma casa inteira de objetos. Jurei então que jamais juntaria tantas coisas outra vez, e que me reduziria ao que pudesse caber em um ou dois metros cúbicos de espaço a cada poucos anos, de modo a poder me concentrar em outras espécies de riqueza.

LONDON – *Você conseguiu?*

SAHTOURIS – Funcionou muito bem, embora seja duro não acumular coisas. Você tem de estar constantemente se desfazendo delas. Não consegui resolver o problema da papelada. Penso que os computadores deveriam fazer isso [risos], mas parece que não fazem. Tento agir assim porque sou muito mais feliz com poucas coisas. No Peru, gosto de viver em um quarto com muito menos objetos do que teria aqui nos EUA.

LONDON – *Isso ajuda a mudar, também. Mas você estava falando a respeito da chegada do homem branco no Alasca. Ao que parece, essa chegada da aldeia global trouxe realmente muito sofrimento para os povos nativos.*

SAHTOURIS – Sem dúvida. Já extinguímos metade das línguas faladas na Terra, e estamos acabando rapidamente com as remanescentes. As pessoas não reconhecem que os tesouros culturais dessas diferentes nações indígenas e grupos menores estão se perdendo, a um custo muito mais alto do que o da perda de uma pirâmide ou templo. A sabedoria e as perspectivas, as visões de mundo dessas diversas culturas, tudo isso é muito importante. A lição número um da natureza é a diversidade. O mundo natural não gosta de monoculturas.

A tragédia de nossa agricultura é a monocultura. O lado trágico da nossa cultura é que pensamos que queremos clonar a nós mesmos – “monoculturar” a nós mesmos –, e dessa forma não respeitamos os vários grupos étnicos que temos neste país, por exemplo. Se quisermos planejar o futuro do mundo, precisamos convidar pessoas de todos os matizes e localizações

---

geográficas possíveis, porque assim a discussão será muito, muito mais rica do que seria se chamássemos apenas a classe média branca dos EUA. Para nós, é absolutamente essencial compartilhar as idéias criativas de pessoas que falam línguas diferentes e, portanto, vêm o mundo de modo diverso.

LONDON – *Gostaria de voltar a algumas das idéias de seu livro. Você faz a afirmativa um tanto assustadora de que descendemos das bactérias. É verdade?*

SAHTOURIS – Bem, ou somos descendentes ou fomos por elas construídos [risos]. Lewis Thomas, que escreveu *As vidas de uma célula*, e outros maravilhosos livros de ensaios, propôs uma vez que somos táxis gigantes que as bactérias construíram para se deslocar em segurança. É verdade que cada uma de nossas células é um coletivo de tipos bacterianos antigos que viveram antigamente. Lynn Margulis rastreou a maior parte dessa história de cooperação das células nucleadas das quais somos feitos. No mundo de dois bilhões de anos atrás havia apenas bactérias. A mudança de um estilo de vida explorador, destrutivo, para o modelo de cooperação entre as bactérias é um maravilhoso paralelo do que acontece no mundo humano de hoje.

Escrevi um artigo sobre esse assunto na revista *Context*, há cerca de um ano e meio. As bactérias que chamo de “borbulhadoras”, as azuis-verdes, e “respiradoras” (é mais fácil lembrá-las por esses nomes do que como “respiradoras”, “fermentadoras” e “fotossintetizadoras”) estavam em guerra umas com as outras de muitas maneiras. Exploravam-se mutuamente. As que dispunham de mais energia podiam comer as entranhas das “borbulhadoras”, que eram mais lentas, mais inertes, porque tinham consumido os estoques disponíveis de alimento. Essas bolsas cheias de “borbulhadoras” se transformavam, por fim, em empreendimentos de cooperação nos quais cada tipo bacteriano doava um pouco de seu DNA para o que chamo de “biblioteca central” (hoje, acho que seria melhor a denominação de “disco rígido”), onde se estocava a informação. E então elas viviam em cooperação, num regime de divisão de trabalho entre as diferentes espécies. A invenção dessa comunidade representou a única vez em que uma nova espécie de célula se formou na evolução da vida *da* Terra – digo *da* Terra e não *na* Terra, porque o planeta inteiro está vivo.

Então, o que somos nós? Se somos comunidades de bactérias que encontraram um estilo de vida melhor porque unimos

---

nossas forças, então talvez sejamos, como diz Lewis Thomas, táxis gigantes que servem para que elas se desloquem de modo seguro.

LONDON – *Estivemos discutindo a hipótese de Gaia e a idéia geral das metáforas na ciência. Bem, uma das metáforas mais persistentes de nossa visão científica de mundo é o darwinismo – seleção natural, sobrevivência dos mais aptos e assim por diante. Essa teoria teve um impacto monumental na nossa maneira de pensar a evolução e o lugar que ocupamos no mundo natural. Ainda esta semana, por exemplo, a reportagem de capa da revista Time foi escrita por um darwinista, que fala sobre a psicologia evolutiva. Ainda assim, em seu livro você sugere que precisamos reavaliar as teorias de Darwin.*

SAHTOURIS – Sim, acho que teoria de Darwin era boa para a sua época, mas lembre-se de que naquele tempo o quadro de referência era a visão mecânica do mundo. Para mim, a teoria de Darwin é muito mecânica. Ele diz que ocorrem “acidentes” na evolução. Não se esqueça de que estávamos falando sobre explicação de um mundo natural maquínico por meio do desenvolvimento accidental. Assim, as variações “acidentais” no material genético deveriam ser formatadas pelo meio, que Darwin via como uma espécie de gabarito. Se as engrenagens desses acidentes se encaixassem nas rodas do meio ambiente, elas poderiam sobreviver e a máquina funcionaria. Se o ajuste não acontecesse, elas morreriam.

Ocorreu-me que a vida parece ser muito inteligente para que sua evolução se processe por acidente. Parei para pensar nisso há cerca de dez anos. Achava que os erros genéticos que aconteciam eram provavelmente reparados. Arthur Koestler pensou de modo semelhante, e foi a fonte de minhas idéias a esse respeito.

Hoje, os geneticistas estão se tornando cientes disso tudo no plano microscópico. Podemos observar o que acontece com a relação entre proteínas, genes e membranas celulares, e parece que é como se a vida não ocorresse por acidente, mas por desígnio. E, como disse em meu livro, o núcleo celular é realmente uma biblioteca gigante de genes acumulados através da evolução, que podem ser acessados em caso de estresse. Criaturas como os tubarões ou as baratas são muito bem adaptadas e não precisam mudar (chamo-as de “bicicletas na idade do jato”, porque ainda funcionam muito bem, embora outras espécies já tenham desaparecido). Em outras palavras, a vida muda a si

## **"O que queremos é entender a dinâmica dos sistemas vivos"**



mesma apenas quando precisa fazer isso. Ela sabe como conservar o que funciona bem e como mudar o que não funciona.

LONDON – *Na ciência há movimentos que agora estão começando a questionar alguns pressupostos fundamentais. A teoria do caos me vem à mente. Você está acompanhando esses temas?*

SAHTOURIS – Sim, estou. Penso que tudo isso faz parte de nossa mudança – como eu a chamo – do mecânico para o orgânico, que vem sendo bem acompanhada por muitos cientistas. É claro que nem todos os líderes nesse campo estão cientes de que estamos falando sobre a natureza e que o que queremos é entender a dinâmica dos sistemas vivos e não a estrutura e a função de mecanismos. Assim, nossos matemáticos estão se tornando muito mais criativos, com pessoas como Ralph Abraham fazendo teoria dinâmica, e fazendo-a de modo inteligível para pessoas comuns. O mesmo vale para todas as repercussões da teoria do caos, que trata de sistemas vivos auto-organizados.

Do meu ponto de vista, o conceito de sistemas vivos deveria englobar todos os outros em nossas instituições educacionais. Em outros termos, deveríamos estar ensinando a política e a economia dos sistemas vivos. Todas essas coisas deveriam estar unidas num conceito central e isso poderia ajudar-nos, na condição de seres humanos, a formar sistemas saudáveis.

Eu costumava achar que a visão mecânica de mundo havia nos imposto estruturas mecânicas e que nossas sociedades eram realmente construídas como máquinas. Mas o fato é que não se pode transformar coisas vivas em maquinismos. Pode-se tentar forçá-las a comportar-se como tal, mas elas não são máquinas. Eis exatamente por que nossos economistas não podem mais fazer previsões e nossa política está se desintegrando. Não as entendemos como coisas vivas que estão doentes: tentamos consertá-las como se fossem máquinas. Há uma grande diferença entre curar uma pessoa e consertar uma máquina.

LONDON – *Quais são algumas das ramificações sociais e políticas dessa mudança do mecânico para o orgânico?*

---

## **“Todos os sistemas vivos obedecem aos mesmos princípios”**



SAHTOURIS – Idealizei um pequeno modelo para crianças, que mostra como a economia que praticamos no mundo de hoje não é adequada para sistemas vivos. Às vezes falo de pessoas como corpos, o que é um bom exemplo de sistema vivo. Todos os sistemas vivos obedecem aos mesmos princípios, isto é, têm em comum algumas características fundamentais de organização e função.

Se fôssemos praticar política mundial em nossos corpos, seria algo assim: temos células sangüíneas em bruto saindo da medula dos ossos e sendo despachadas através do corpo para dois órgãos industriais do hemisfério norte – o coração e os pulmões –, nos quais o sangue é purificado, oxigenado, incrementado e transformado em um produto utilizável. Então o centro cardíaco de distribuição anuncia que o preço do sangue para hoje é tanto, quem quer? Depois, o sangue é despachado para os órgãos que podem comprá-lo e o resto é jogado fora como excedente. É o caso de perguntar: esse tipo de economia é viável para um sistema vivo? É claro que fazer economia dessa maneira mata o organismo, porque algumas das partes dele não poderiam pagar pelo sangue (que poderia ser engarrafado e esperar até que o preço subisse), e assim ficariam à míngua e morreriam.

Isso, claro, é exatamente o que se vê no mundo dos homens. Exploramos algumas partes da humanidade em benefício de outras. Um mecanismo assim não poderia funcionar num sistema vivo. Se o nosso corpo devesse dar um valor maior ao coração em relação ao fígado, ou tentasse transformar o coração em fígado, ou coisa parecida (que é a espécie de loucura que fazemos como humanos), as coisas simplesmente não funcionariam.

O bom funcionamento de um sistema vivo precisa de diversidade. Requer que todas as células olhem para o que é melhor para elas, para os interesses comunitários do tecido de que fazem parte, e também para os interesses dos órgãos e do corpo inteiro. Nenhuma parte da natureza pede a qualquer outra para tomar decisões que a levem a ter que decidir entre os interesses pessoal e comunitário. Nada precisa estar à esquerda ou à direita, ou ser conservador ou radical. No mundo natural, é

---

preciso estar de ambos os lados. Essa é a fonte de toda criatividade – essa tensão entre o individual e o coletivo, entre a parte e o todo. É o fato de que há interesses de algum modo em disputa que deflagra a criatividade para a busca de soluções. Há sempre um desequilíbrio a ser resolvido – essa é a grande força propulsora da criatividade. Nunca seremos capazes de alcançar a perfeição e jamais cairemos no caos total. Estamos sempre entre os dois.

Temos de reconhecer o valor de ambos os lados. O capitalismo não é inerentemente mais viável do que o comunismo que foi praticado na União Soviética e alguns outros lugares. Um pedia ao indivíduo para se sacrificar em função do todo, o outro queria que ele sacrificasse o todo a si mesmo, o que também é inviável. Assim, estaremos indo ao encontro de muito caos neste país, à medida que começarmos a nos reagrupar, a obedecer aos princípios dos sistemas vivos, à medida que desenvolvermos uma sociedade alternativa para o futuro.

LONDON – *Você cita uma história publicada no Atlantic Monthly, dois anos atrás, na qual Robert Kaplan observou que para manter nossa ilusão de que tudo está bem no mundo nós teremos de ignorar a realidade de três quartos da população mundial.*

SAHTOURIS – É verdade.

LONDON – *Como você consegue manter o bom humor, quando considera os enormes problemas ecológicos, sociais e políticos que enfrentamos hoje?*

SAHTOURIS – Tento permanecer otimista diante desses números terríveis. O buraco na camada de ozônio está crescendo de modo assustador. Alguns dizem que por volta do ano 2022 não mais haverá ozônio, se mantido o atual ritmo de destruição. E todos sabemos a respeito dos oceanos poluídos, das florestas que estão morrendo e dos rios envenenados, o mesmo acontecendo com o ar e com o solo. Há ainda o aumento da desertificação de terras, quando precisamos de mais áreas agricultáveis. São estatísticas terríveis, mas o que estamos fazendo a respeito delas?

Não haverá uma época futura na qual teremos de reverter essas coisas. Elas já estão sendo revertidas, no sentido de que há muitas maneiras alternativas de viver que podem ser implantadas ao redor do mundo, se as pessoas estiverem criando os seus próprios sistemas monetários, ou desenvolvendo

---

sistemas de agricultura comunitária ou orgânica, ou planos educacionais alternativos. Eis as novas formas do futuro.

Gosto de usar a metáfora da borboleta. Na metamorfose, dentro do corpo da lagarta, começam a se acumular pequenas estruturas que os biólogos chamam de discos ou células imaginárias. Eles não são imunologicamente significativos, de modo que, quando começam a se tornar mais fortes e resistentes, o sistema imunológico da lagarta entra em falência e as células imaginárias formam o corpo da borboleta.

Acho que essa é uma bela metáfora para o que está acontecendo em nossa época. O velho corpo está caminhando para a dissolução enquanto o novo se desenvolve. Não é que uma coisa precise terminar para que outra comece: com todo mundo envolvido com reciclagem, projetos alternativos, vida comunitária, com o desenvolvimento de sistemas de saúde mais saudáveis, estará em marcha a construção do novo mundo enquanto o velho vai entrando em colapso. Esse colapso é inevitável. Não há outro caminho.

Devemos, por exemplo, mudar para a agricultura orgânica. Há tanto desemprego no mundo que isso é viável e pode ser feito agora, com computadores cuidando das fazendas, a cultura chegando pela mídia, de modo a que as pessoas possam ir até às cidades quando precisarem, como acontece na Dinamarca. Existem muitos meios. As culturas indígenas nos mostram que tudo pode ser feito de modo muito mais simples e eficaz. Temos o exemplo de John Jevins, aqui na Califórnia, fazendo a sua agricultura biointensiva e conseguindo de quatro a sete vezes mais produção do que no cultivo em larga escala. Na recriação da agricultura pré-incaica, nos altiplanos da Bolívia e no Peru, a produção passou, de duas a duas e meia toneladas por hectare, para quarenta toneladas por hectare em cinco anos – e essa é uma agricultura que requer muito pouco trabalho. Assim, é possível fazer uma agricultura realmente sadia, que seja mais produtiva do que a da revolução verde, e bem mais eficaz e menos destrutiva.

A agricultura é uma área na qual nossa tecnologia tem sido usada de modo inadequado e para o benefício de apenas um punhado de pessoas. É desumano trabalhar assim, por causa da fome que acarreta. Por outro lado, nossa tecnologia de comunicações é vital para que possamos interconectar as comunidades vivas auto-suficientes numa rede global. Acho que assim integraremos as técnicas nativas com a tecnologia moderna – já temos um sistema de comunicações que nos permitirá

---

## **"Há imensos interesses em jogo para a produção de alimentos não-saudáveis"**

■

viver e trabalhar localmente em comunidades biorregionais saudáveis e orgânicas e, ao mesmo tempo, estar em contato com cada uma delas ao redor do mundo.

LONDON – *Os jornalistas algumas vezes falam de mudanças positivas como reciclagem, energia solar ou agricultura orgânica como se elas fossem novidades temporárias.*

SAHTOURIS – Não há nada mais fundamental do que comida, ar e água. Se as pessoas estão demonstrando que os alimentos podem ser produzidos não apenas de modo mais eficaz, mais saudável e menos destrutivo, mas também de forma mais barata, isso só pode ser rotulado de "novidade" por aqueles cujos interesses estão sendo contrariados. Quem recebe e consome alimentos produzidos organicamente jamais usará esse rótulo.

É o mesmo que escrever descartando a idéia de Gaia como "apenas" uma metáfora, sabendo que toda ciência se baseia em metáforas. A produção de alimentos pode ser feita de maneiras saudáveis e não-saudáveis. Hoje sabemos que há imensos interesses em jogo na produção de alimentos por métodos não-saudáveis. A televisão nos informa que um terço dos frangos produzidos em Los Angeles estão contaminados, e mesmo assim as pessoas saem da frente da TV e vão comprá-los. Não se dão conta de que a comida de supermercado, que frequentemente está tão contaminada, é também com freqüência de produção mais cara do que a alimentação orgânica. Mas é subsidiada pelo governo. Mais uma vez, não estamos assumindo a responsabilidade pela democracia. Não estamos dizendo: "Por que o governo subsidia a produção de alimentos não-saudáveis, quando poderia subsidiar os fazendeiros que trabalham com agricultura orgânica e proteger o nosso bem-estar? Por que é que Clinton não pode mudar o sistema de saúde? O que está acontecendo em Washington?"

LONDON – *Antes de terminarmos, fale sobre o seu trabalho atual.*

SAHTOURIS – Estou tentando ajudar os cinco grupos indígenas com os quais trabalho nos Andes a desenvolver um centro cultural que possa reviver e promover a cultura andina e

---

## **“A própria Internet é um gigantesco sistema vivo auto-organizado”**



sua maravilhosa agricultura – os experimentos mais intensivos e produtivos jamais feitos na história andina. Mais da metade da alimentação consumida no mundo pode ser rastreada até os Andes. A música local é viva e boa para o povo. Os tecidos naturalmente tingidos, a arte, a sabedoria dos seus idosos, a linguagem, tudo isso se inclui nas coisas que estamos tentando preservar. Acho que o mundo poderia se beneficiar muito do aprendizado com essa cultura. A organização social dos incas era uma espécie de estado de bem-estar social paternalista, que garantia casa, comida e trabalho e não explorava o trabalho das pessoas. Eis algo de positivo, que poderíamos aprender.

Assim, estou tentando ajudar a promover mundialmente essa antiga cultura, bem como preservá-la e protegê-la de seus próprios descendentes nos Andes. Essa é uma região muito importante para o mundo, tanto do ponto de vista espiritual como do físico. Muitos lamas tibetanos afirmam que há uma mudança de energia para quem sai dos Himalaias e vai para os Andes. Espero que isso seja verdade e que grandes lições possam ser aprendidas dessa fonte.

Estou também trabalhando no Festival Mundial de Música, para tentar conectar a música andina com a de outras partes do mundo. Começo a trabalhar na Internet, e meu interesse está se dirigindo para as “ciberfestas” e outras maneiras de fazer com que as pessoas troquem informações, músicas e outros aspectos de suas culturas ao redor do mundo tão rapidamente quanto possível. A própria Internet é um gigantesco sistema vivo auto-organizado, um tanto caótico no momento, mas com o potencial de ser a primeira democracia real no mundo, por exemplo. Eis alguns de meus interesses. Continuo escrevendo, viajando e trabalhando nessas áreas. **THOT**

Esta entrevista foi concedida a Scott London, nos EUA, e está sendo reproduzida com permissão dele e da Sra. Sahtouris.

### Nota:

1. *Gaia: do caos ao cosmos*, obra traduzida para sete línguas e que agora está disponível na Internet numa edição ampliada, com o título de *Earthdance [A dança da Terra]*. Para acessá-la, basta ir à home page do site da autora: <http://www.ratical.com/LifeWeb>.

**MARIA ALICE FIGUEIREDO**

Graduada em Administração Pública e professora de Yoga. Reside em Salvador, Bahia.

## **INTEGRAÇÃO E TOLERÂNCIA: O DESAFIO DO SÉCULO 21**

*Equilíbrio razão-emoção:  
o desafio de uma tarefa  
tão necessária quando inadiável*

**N**esta transição de século e de milênio, vivemos um momento muito especial na história da humanidade. Nele enfrentamos sérios desafios como indivíduos e como espécie. No plano individual, a tarefa consiste em realizar a integração entre corpo físico, mente e consciência espiritual. No âmbito global, o desafio é promover a integração planetária entre o Ocidente pragmático e o Oriente contemplativo, entre o Norte racional e o Sul emocional.

Essa situação vem dividindo os seres humanos em dois grupos: de um lado, a parcela menor – mas em constante crescimento – dos que em variados graus já desenvolveram a consciência desses desafios. Do outro lado, a vasta massa dos que optaram pela irresponsabilidade diante de si mesmos e do planeta, permanecendo num estado de estagnação de mente e, portanto, de consciência ética.

A cada dia que passa, torna-se mais árduo deixar de perceber esses desafios, embora os acomodados fujam das evidências e protelem a tarefa de autotransformação, buscando refúgio numa alienação sempre mais difícil de sustentar. Quanto aos detentores do poder, procuram prolongar até o ponto de ruptura a defesa de seus interesses pessoais, em nome dos quais prejudicam a natureza, a coesão da sociedade e o equilíbrio econômico.

Os que acompanham o desenrolar dos fatos de nosso tempo e a irresponsabilidade com que o pragmatismo vem dilapidando os recursos naturais e interferindo nas interações



ecológicas, sabem que a natureza é sagrada: destruir as bases desse equilíbrio é desestabilizar a vida no planeta, ameaçando nossa espécie e as demais.

As pessoas mais conscientes sabem que estamos numa aldeia global, uns diante dos outros, sem amortecedores que suavizem os choques. Sabem ainda que precisamos aprender a conviver uns com os outros e a lidar com formas de pensar muito distintas da nossa, o que é impossível sem que desenvolvamos tolerância religiosa e adaptabilidade cultural. Precisamos encarar nossas diferenças culturais como uma riqueza, e compreender que muito daquilo que até então rejeitamos e desprezamos no outro constituem lições que necessitamos aprender porque, muito provavelmente, são aspectos que a nossa própria cultura negligenciou.

Sabem também que, enquanto não houver um padrão de vida simples e digno para todos, não existirá equilíbrio social e econômico. Simplicidade e dignidade são virtudes que não excluem o acesso à tecnologia nem às oportunidades de desenvolvimento do potencial criador intelectual, artístico, científico ou filosófico das pessoas. E certamente não excluem o seu direito à busca da felicidade individual. Mas dispensam todas as formas de desperdício, toda dissipação de recursos, a excessiva desigualdade de renda, o luxo desmedido e todas as formas de opressão econômica, social, racial e sexual.

Não ignoram que enquanto as relações internacionais forem orientadas pela ganância e pelo desejo de supremacia e poder a paz será um sonho inatingível. Cada vez mais é necessário

compreender que vivemos num único planeta, que somos todos compatriotas, porque nossa verdadeira pátria é a Terra. Muitas fronteiras estão hoje se desfazendo em mercados comuns, o que assusta muita gente, provoca reações dos grupos mais apegados ao *status quo* e deflagra surtos de violência. No entanto, as verdadeiras soluções terão de ser planetárias, pois enquanto houver a pretensão de excluir alguns povos, países, raças ou religiões da fraternidade humana os problemas continuarão a existir.

As pessoas mais conscientes sabem que nenhum desses avanços sociais, econômicos e políticos será realmente possível em escala planetária sem que uma considerável parcela dos indivíduos se liberte de seus condicionamentos, sem que se modifiquem preconceitos e pontos de vista arraigados, sem que se alterem profundamente suas atitudes diante da vida e sem que cada um passe por uma autêntica transmutação corporal<sup>1</sup>, psicológica e – principalmente – filosófica.

As tensões estão chegando ao ponto de saturação e ruptura. Persistir na mesma direção nos conduzirá a violentos traumatismos. Por conseguinte, é muito importante que nos esforcemos para entender o que está acontecendo e por quê. Tentar ignorar a situação ou adotar uma abordagem fatalista são atitudes fora de cogitação. Precisamos ser ao mesmo tempo objetivos e criativos, racionais e intuitivos, porque a solução dos enigmas contemporâneos não está nos caminhos já trilhados. Se é verdade que as circunstâncias nunca foram tão claras como agora, quanto às opções que devemos fazer, por outro lado nunca vivemos tantas situações capazes de inibir a percepção da realidade como neste momento da história.

A crise que a humanidade hoje enfrenta é decorrência de seu desenvolvimento unilateral. É causada, de um lado, pela ausência de valores éticos e espirituais, pela falta de sentido existencial, e, de outra parte, pelo desenvolvimento excessivo da mente concreta, a mente do *know-how*. Dispomos de uma tecnologia avançada que, se nos surpreende pelas suas realizações positivas, também nos assusta pelo seu grande poder de destruição. Mas a dificuldade maior é que não contamos com a sabedoria que vem da consciência espiritual do ser. Também não contamos com a ciência da cooperação, com a arte do conviver harmonioso e justo para bem administrar essa tecnologia. As soluções possíveis transcendem o indivíduo, mas passam necessariamente por ele, porque exigem uma grande transmutação de consciência, que somente será possível a partir do plano individual.

---

O desenvolvimento unilateral e distorcido ocorreu quando separamos a ciência da busca espiritual, o pensamento lógico da intuição, a mente concreta da mente abstrata, o racional do emocional. Hoje, vemos que é preciso ampliar o nosso conceito do que seja ciência para que ela não fique restrita ao plano material e laboratorial, e do que seja religião para que ela não se limite à crença dogmática.

**O potencial subutilizado** – Temos vivido utilizando apenas uma parte de nossas potencialidades, como se isso fosse normal. Se usássemos apenas uma perna ou um único pulmão, nos consideraríamos seriamente lesados em nosso funcionamento orgânico. No entanto, o fato de utilizarmos apenas a metade de nossa capacidade psíquica só agora começa a chamar a atenção dos estudiosos. Durante muito tempo privilegiáramos apenas um lado do nosso potencial, agindo como se sua utilização eliminasse as outras possibilidades, julgando-as supérfluas ou inadequadas. Elas são na verdade complementares, e enquanto não as utilizamos dessa forma não há como evitar as distorções de discriminação ou de avaliação, com todas as suas conseqüências.

As verdades espirituais expressas em diversas escrituras sagradas da humanidade – que não são patrimônio exclusivo de religiões específicas – geralmente são instruções realistas e práticas, voltadas para o desenvolvimento da maturidade do ser integral e para a obtenção de relações harmoniosas entre indivíduos e grupos de indivíduos. Estas são fundamentais à sobrevivência da humanidade, embora com freqüência venham escritas em linguagem simbólica e mítica, que exige decodificação. Essas escrituras, no entanto, têm sido desconsideradas, porque temos procurado entendê-las a partir da razão, quando suas imagens e delicadas alegorias apenas fazem sentido quando liberadas por nossa compreensão intuitiva, cujo desenvolvimento e utilização têm sido relativamente desprezados pela cultura ocidental. Outra razão para a escassa compreensão de muitas escrituras sagradas é que aqueles que se consideram seus “proprietários” não procuram distinguir as informações meramente históricas e culturais, típicas de uma época e de um determinado povo, daquilo que constitui a expressão de verdades atemporais e eternamente válidas<sup>2</sup>, expressas na linguagem mais apropriada para aquele povo e para aquela época.

Vistas desse modo, as verdades que nos foram transmitidas pelas tradições religiosas do Ocidente e do Oriente destinam-se

---

a despertar nossa consciência, iluminar nossa compreensão e contribuir efetivamente para nossa transformação – e não a tornar-se objeto de crenças dogmáticas, separatistas e proselitistas. As escrituras contêm verdades oriundas de um nível supraconsciente, e só podem ser apreendidas corretamente pela mente abstrata, intuitiva. Entretanto, exprimem-se de formas diferentes, a partir das peculiaridades da linguagem, da cultura e da época em que surgiram.

Quando utilizamos a mente concreta, cuja função é apenas lidar com os problemas pragmáticos do cotidiano, falhamos em apreender essas verdades em sua essência e deixamo-nos hipnotizar pela forma que assumiram em nossa tradição particular. E assim passamos a considerá-las intocáveis e acima de qualquer possibilidade de revisão interpretativa. Foi dessa maneira que permitimos que nossas religiões se tornassem fonte de conflitos com outras tradições, em lugar de disseminarem o amor por todos os seres, o serviço voltado para a felicidade geral e a harmonia interna e externa, que são seus verdadeiros objetivos.

Passamos a *acreditar* em lugar de *vivenciar*, criamos religiões, seitas e facções, ao invés de buscar a realização espiritual. Separamo-nos em grupos que se digladiam, quando deveríamos construir pontes que nos unissem pela compreensão, por meio da busca objetiva e desapaixonada – atributos de uma atitude científica – de uma verdade que, sendo única no plano abstrato, assumiu modelos interpretativos diferentes no plano concreto.

Embora a verdade seja única, os vários modos de expressá-la e vivê-la são válidos, porque a variedade é a tônica da Natureza. Indivíduos diferentes necessitam de caminhos espirituais diferentes. Assim, é essencial a liberdade de seguir o caminho mais fácil e natural para cada um. Esse é o princípio fundamental da tolerância entre as diversas tradições religiosas.

**Um olhar diferente** – Entretanto, em vez de olharmos a Lua que brilha no céu, como dizem os zen-budistas, vemos apenas os diferentes dedos que apontam para ela e dizemos: “O dedo do lugar onde eu nasci é o único verdadeiro. Se não olharem todos para este dedo particular, não poderão enxergar a Lua que lá está”. Bastaria que tivéssemos nascido em um lugar diferente e defenderíamos a validade de uma outra tradição, brigando sempre na defesa do “eu” e do “meu”. Pois não é a nossa religião que defendemos – ela provavelmente não

---

está sendo ameaçada por ninguém – nem a divindade, que obviamente não necessita de qualquer defesa: defendemos apenas o nosso ego, que projetamos em dimensões exacerbadas, deixando-o incapaz de submeter-se a uma saudável reavaliação<sup>3</sup>. Esse é o princípio fundamental da intolerância e do fanatismo religioso.

Como contrapartida, temos uma ciência e uma tecnologia que não estão comprometidas com os valores espirituais, não estão a serviço da humanidade como um todo, não respeitam a vida no planeta e, em grande parte, tornaram-se perniciosas e destrutivas. Temos vivido de modo predominante as três dimensões do físico, do emocional e do mental concreto, excluindo quase inteiramente a utilização do mental abstrato e da intuição, que constituem o portal de acesso à dimensão supramental. No caso dos indivíduos de mentalidade científica, por acreditarem que esse não é o seu campo de cogitações, e no caso das pessoas religiosas, porque acreditam que é sua obrigação aceitar as interpretações oficiais de suas religiões, abstendo-se de usar seu discernimento próprio. O mental abstrato e a intuição se desenvolvem quando redescobrimos as verdades espirituais por nós mesmos, recriando-as em nossas mentes e em nossas vidas: exatamente a capacidade que a passiva aceitação do dogma esteriliza<sup>4</sup>. E seguimos ignorando a existência de outras dimensões da consciência, por nunca exercitá-las, numa sociedade que não nos estimula a pensar por nós mesmos e a buscar em nosso interior tanto a felicidade como as soluções para os problemas que nos afligem.

Paradoxalmente, todas as teorias e descobertas revolucionárias da ciência se deveram à utilização do nível intuitivo da mente. Com os outros níveis, descobrimos novas maneiras de utilizar o já conhecido, mas é intuitivamente que enxergamos o radicalmente novo e original. Um dos atributos da genialidade é o emprego da mente em todas as suas dimensões e uma permanente disposição de seguir a própria luz interior.

Contudo, limitados às três dimensões do espaço e confinados a um tempo linear unidimensional, enxergamos apenas um lado de cada vez, apenas um dos aspectos de uma verdade que é necessariamente multifacetada. Desse modo, cada aspecto parece ser exclusivo e negar a validade e a veracidade dos demais. Visões parciais da realidade levam a decisões inadequadas, num mundo que se tornou amplamente interdependente. As soluções possíveis, em qualquer nível, terão de ser necessariamente holísticas, e a mente que trabalha apenas

---

naquelas dimensões limitadas não está equipada para a visão intuitiva e completa da totalidade físico-espiritual.

O pensamento lógico concreto atua como um *spotlight*, iluminando muito bem uma pequena área, mas deixando todo o resto na penumbra. Quando esse nível da mente descobre um aspecto da realidade, apressa-se em afirmar que tudo o mais é falso, porque se recusa a admitir a possibilidade de que verdades aparentemente opostas sejam complementares entre si, numa compreensão mais ampla da realidade. Pelas mesmas razões, a mente concreta tampouco está equipada para discernir claramente que a segurança, o bem-estar e a felicidade de cada um dependem da segurança, do bem-estar e da felicidade de todos os demais, porque a humanidade é um todo interdependente, assim como os continentes são unidos por baixo dos oceanos e o mundo é um só.

A noção de interdependência escapa com freqüência ao nível concreto da mente, porque este é personalístico e depende do plano mental abstrato para alargar seus horizontes limitados. Quando isso não ocorre, a mente concreta tende a ser polarizada pelo nível emocional. Seu papel passa a ser o de procurador dos desejos emocionais e instintivos, batalhando para concretizar as aspirações de um nível de consciência cuja natureza é essencialmente efêmera e insaciável. Empreendemos a viagem do filho pródigo, em busca de uma realização do ser no plano concreto. Procuramos a felicidade interior em função de circunstâncias exteriores, deixando à margem o desenvolvimento da consciência nos planos superiores, onde a felicidade e a realização existencial são potencialmente atingíveis.

Em outras palavras, a mente concreta engaja-se na busca do Eldorado, na tarefa de realizar o irrealizável, concretizar impossíveis, transformar ilusões em realidades, usando a lógica e a objetividade. Pessoas que atuam exclusivamente nessas dimensões são, contudo, respeitadas como pragmáticas, gente que “tem os pés no chão”. Esse estágio faz parte da evolução humana e nele negamos a complexidade do todo – ainda inacessível – para poder melhor apreender as suas partes. Em nome da razão e a serviço da emoção e do instinto, abrimos mão da consciência superior, da dimensão impessoal de nosso ser, que nos dá acesso à visão abrangente da realidade, nem tendenciosa nem limitada pelo interesse pessoal.

Abrimos mão do único guia de que dispomos para orientar-nos a respeito do sentido evolutivo de nossas existências, metas e valores. Essa consciência superior tem sido considerada

---

assunto exclusivo do campo religioso, quando na verdade é um potencial de toda a humanidade, independente de se ter ou não uma religião e de qualquer que seja ela. Mas a verdade é que seu exercício é impossível dentro dos limites do dogmatismo religioso ou científico. Por isso, tem sido negada nos segmentos culturais em que estes prevalecem, que ainda constituem a maior parte do mundo contemporâneo.

Nossa mente pode operar basicamente em dois níveis: o concreto, em que cada pensamento assume uma imagem e toma uma forma, é utilizado para pensar sobre o mundo material, sobre coisas: é a mente do *know-how*. O outro é o nível abstrato, no qual o pensamento é muito mais dinâmico e não assume qualquer forma. Ele é utilizado para estabelecer valores e obter *insights* abrangentes: é a mente do *know-what* e do *know-why*. Os dois modos de operar habitam o mesmo cérebro, mas enquanto estivermos vinculados às três dimensões do espaço e ao tempo linear acharemos difícil desenvolvê-los ao mesmo tempo.

Para estarmos à altura do desafio que enfrentamos, precisaremos colocar todo o nosso potencial em ação, o que implica a utilização de técnicas meditativas, em sua maioria originárias do Oriente. Os gênios criadores, os grandes artistas, místicos e cientistas que admiramos, foram precursores da utilização simultânea da razão e da intuição. Sem esta não há a descoberta do novo. Sem a razão, não temos como testá-lo para distinguirmos o que não passa de imaginação, nem temos como comunicá-lo ao senso comum de outras pessoas, seja através da palavra, da matemática, da arte ou de outras linguagens.

**A separação sujeito-objeto** – Por haver desenvolvido uma ciência voltada para o conhecimento e o domínio do mundo exterior, o Ocidente conservou-se inteiramente voltado para a parte do mundo que observava, o que lhe induziu a perigosa noção de estar separado dele, com independência e impunidade. Sendo esse mundo exterior quantificável, o ocidental passou a confiar demasiadamente na abordagem que adotou, por considerá-la objetiva e imaginar estar lidando com um campo sólido de conhecimento, aparentemente insofismável.

Entretanto, esse mundo é o mesmo que a física quântica revelou ser inconstante, fugidio e, em sua essência, inapreensível. Um mundo que se mostra diferente a cada nova postura ou tipo de inquirição de seu observador, demonstrando que sujeito e objeto estão ligados por uma relação inseparável, fato que

---

a intuição sempre reconheceu naturalmente. Até mesmo as incursões pelo psiquismo em busca do autoconhecimento sofreram esta separação entre sujeito e objeto, típica da mentalidade ocidental, que conquistou o mundo e a Lua, mas passa ao lado de sua própria essência sem conseguir vê-la.

O Oriente desenvolveu a ciência da busca interior voltada para o desenvolvimento do potencial abstrato da mente e a subordinação dos níveis mentais pessoais aos níveis de sabedoria supramental transpessoal. Passou, portanto, a ter noção da relatividade dos conceitos e da interdependência das partes do todo, típica do pensamento oriental. Contudo, seria ingenuidade acreditar que todos os orientais atingiram estas realizações, e que estariam isentos dos mesmos desenvolvimentos unilaterais que caracterizam os indivíduos do Ocidente.

A ciência de como acessar o mundo interior culmina na realização plena da consciência supramental, em que a separação entre sujeito e objeto é transcendida. Conhecimento, conhecedor e conhecido formam uma unidade perfeita, num nível supramental amplamente ignorado pela cultura ocidental, embora Jung e a psicologia transpessoal a ele se refiram. O processo de desenvolvimento da consciência é científico, embora empregue, como seria de esperar, uma abordagem diferente da ciência ordinariamente reconhecida como tal.

**Ciência e consciência** – Quando chamamos de ciência algo que tem sido relegado sob o rótulo de *misticismo* – uma palavra que vem sendo usada com conotações pejorativas, em diversos graus, porque geralmente está ligada a práticas supersticiosas e charlatanescas –, queremos dizer que os processos para o despertar da consciência supramental foram desenvolvidos ao longo de milênios, pelo método experimental do ensaio e erro. A mente do pesquisador é ao mesmo tempo seu objeto de estudo e seu laboratório de pesquisas. Suas experiências são passíveis de ser reproduzidas por meio de uma conquista pessoal, intransferível, e somente comprováveis em sua totalidade por quem se dispuser a produzi-las em si mesmo e por si mesmo. Trata-se de um tipo de conhecimento que só se adquire com participação intrínseca e envolvimento de toda uma existência. Esse fato, ao tempo em que desanima os investigadores menos sinceros, serve-lhes de desculpa para desdenhá-lo como falso, não passível de comprovação pela ciência estabelecida.

---

Na cultura oriental, pela valorização desse tipo de conhecimento, a relação do homem com seus níveis mais elevados de consciência é considerada muito mais real do que sua relação com o mundo material. Levada ao extremo, essa atitude despreza o mundo material como irrelevante. Em muitos textos da tradição oriental, o mundo exterior é equivocadamente chamado de irreal e ilusório, quando ilusórias são as formas pelas quais o vemos, as imagens que a ele associamos e as expectativas de felicidade e realização pessoal que alimentamos a partir dele.

É claro que duas abordagens tão diversas não poderiam ter sido desenvolvidas pela mesma cultura, embora sejam obviamente complementares. A humanidade dividiu as tarefas, o que foi ótimo, mas tendo-se desenvolvido unilateralmente, apresentam-se ambos, Ocidente e Oriente, em desequilíbrio, e por isso um precisa muito do outro. Nada há de errado com a ciência, seja seu objetivo o conhecimento do mundo material ou o desenvolvimento da consciência supramental. O problema surge quando um objetivo exclui o outro, dando margem a uma compreensão limitada da realidade.

Drogados e fanáticos terroristas têm em comum o fato de serem os frutos doentios de suas respectivas culturas: a ocidental é destituída de transcendência, a oriental leva a subjetividade às últimas conseqüências. Do mesmo modo, o racionalismo exagerado do hemisfério norte torna as pessoas frias, distantes de si mesmas e incapazes de compartilhar afetos com naturalidade, ao mesmo tempo em que o excesso de emocionalismo, mais encontrado nos povos do hemisfério sul, também prejudica a sua disciplina e objetividade.

Como vimos, nem o Oriente nem o Ocidente, nem o norte nem o sul, desenvolveram integralmente o potencial do ser humano. Esse tem sido o privilégio de uns poucos indivíduos que superaram sua separatividade e realizaram plenamente sua individualidade transcendente, além dos limites de sua personalidade culturalmente condicionada. Tais indivíduos muito raramente foram compreendidos.

Para estarmos aptos a enfrentar o desafio de hoje e para que tenhamos a oportunidade de viver o amanhã e fazê-lo em plenitude, não mais podemos limitar-nos a pensar e a sentir dentro dos moldes forjados pela nacionalidade, raça, religião ou cultura a que pertencemos. As soluções possíveis são aquelas que levam a totalidade em consideração, empregando toda a sabedoria, todo o conhecimento, toda a ciência que a espécie

---

humana foi capaz de manifestar e que hoje, com o avanço dos meios de comunicação, é de fato nosso patrimônio comum. Para isso, os desenvolvimentos parciais ou unilaterais devem integrar-se numa síntese planetária, cuja base é a auto-integração ao nível individual.

**A hora da transformação** – Estamos todos aqui. Chegamos ao momento inadiável do choque ou da síntese. Ao homem cuja visão alcança poucas dimensões, o choque parece inevitável e até, paradoxalmente, desejável. Sua visão egocêntrica nega a perspectiva de uma síntese, o apego exclusivo à sua raça, religião, cultura e nacionalidade o faz rejeitar essa síntese como se ela representasse uma traição a si e aos seus. Assim, tudo o que ele deseja é sair vencedor de um conflito cujo único resultado será a destruição de todos nós. Como hoje em geral encontramos comunidades de diferentes origens vivendo dentro das fronteiras de um mesmo país, esse conflito na prática equivale à guerra civil, nem sempre reconhecida como tal. É o que ocorre com os negros, mexicanos e outros latinos, nos EUA, os muçulmanos na Europa, os sérvios e os croatas, os sunitas e os xiitas, hebreus e palestinos, bascos e espanhóis, irlandeses e ingleses, as diferentes comunidades da África equatorial – os exemplos não têm fim. A vitória de um grupo implicaria o genocídio do outro ou a redução dos sobreviventes à condição de escravos.

Hitler não foi apenas um monstro: foi o precursor da monstruosidade contemporânea, porque todos aqueles que desejam esse tipo de conflito comungam em maior ou menor grau com suas idéias. Estão cegos pelo seu apego a sistemas particulares de crenças e costumes, por sua própria ignorância, pelo egoísmo com que defendem pseudovantagens materiais, econômicas e políticas. Não entendem que não precisam abrir mão de suas características positivas, de tudo aquilo que a sua cultura tem de bom. Muito pelo contrário, terão o prazer de ver que outros também podem entender, valorizar e começar também a partilhar delas. Terão apenas de aceitar que os outros tenham os mesmos direitos e de se predispor a apreciar e incorporar também as suas boas qualidades.

Para muitos, cujos olhos estão se abrindo nesta virada de século e de milênio, esta é a oportunidade ímpar para o desenvolvimento de uma compreensão inteiramente nova e criativa do sentido de suas existências, do potencial inesgotável de seu ser. Sentimos que viajamos através de idéias cada vez mais

---

claras, por meio das quais as diferenças esclarecem, enriquecem e completam, em vez de antagonizar e excluir.

As tentativas passadas de transformação da realidade, frustrantes e frustradas, foram feitas no campo da ação: chamaram-se revoluções. A transformação atual, que somos desafiados a realizar, é uma transmutação da consciência. Inicia-se dentro do ser humano, colocando a mente concreta subordinada à mente abstrata e esta, sob a influência da supraconsciência, pondo a ação pessoal sob a direção da consciência impessoal. Temos recursos, conhecimento e tecnologia para resolver todos os problemas da Terra num tempo relativamente curto. Os únicos obstáculos estão dentro de nós mesmos.

A materialização das verdades espirituais do amor ao próximo e do serviço ao todo cria o potencial para o entendimento: a síntese, que não é uma simples acomodação de interesses ou a imposição de um particular ponto de vista sobre os demais, mas a verdadeira harmonização das partes em um todo indivisível e interdependente.

Se falharmos em atingir este novo patamar evolutivo, as tentativas de harmonização planetária e salvação ecológica fracassarão, com todas as suas conseqüências lógicas e inevitáveis. É um dever inadiável de cada indivíduo aprimorar a consciência de si mesmo, entrando em harmonia com a voz interna de seu próprio espírito, aprendendo a conviver pacífica e construtivamente com sua própria família e com seu ambiente de trabalho, testemunhando suas transformações internas em todas as suas ações. Manifestar a totalidade de nosso ser é a própria razão de nossas existências, nosso dever primordial.

Quando um número suficiente de indivíduos houver passado por esta transformação interior, desenvolvendo uma visão da realidade alicerçada nas dimensões superiores da consciência, atingiremos uma massa crítica no plano da energia mental que precipitará uma irresistível, maravilhosa, simples e eficaz síntese planetária.

**THOT**

#### NOTAS

1. A rigidez de pensamento, os traumas e bloqueios psicológicos somatizam-se na rigidez das couças musculares, conforme as descobertas de Reich. Daí porque devemos considerar também o corpo no processo de transmutação.
2. Este tema foi desenvolvido por Sri Aurobindo em seu livro *Essays on the Gita*, publicado pelo Sri Aurobindo Ashram, Pondicherry, Índia.

---

3. Tema desenvolvido por Aldous Huxley em seus livros *Eminência Parda* e *A Ilha*.

4. "E não vos conformeis (não tomem a forma de) com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento (o que não pode acontecer pela mera crença em verdades não vivenciadas) para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus (que só poderemos vir a conhecer através do discernimento espiritual próprio, intuitivo.)" Rm 12-2. No processo de amadurecimento espiritual e realização existencial, a Consciência Divina fala sobre os nossos deveres éticos a cada um de nós em particular, como aconteceu regularmente com todos aqueles a quem chamamos de santos e profetas. E não se vale de intermediários.

**MARCOS DE ALMEIDA**

Professor de  
Medicina Legal  
e Ética Médica  
da Universidade  
Federal de  
São Paulo,  
Escola Paulista  
de Medicina.

## **ASPECTOS ÉTICOS E LEGAIS DA DOAÇÃO DE ÓRGÃOS**

*O encontro da ciência, da tecnologia e do humanismo na vereda que leva a um dos mais polêmicos avanços da medicina: Transplante*

**A** ciência e a tecnologia avançam a passos rápidos, e as pessoas passaram a incorporar as suas conquistas aos seus próprios modos de vida, usos e costumes. Por isso, surgiu a necessidade de definir normas e regras que estabeleçam limites temporários para esses usos. Entre o avanço da ciência e o seu acompanhamento por parte das pessoas há um lapso de tempo, durante o qual é necessário que surjam leis que possam acompanhar e regulamentar os novos hábitos.

Na tradição brasileira não há nada que seja decidido sem leis: é como se estas sempre devessem existir anteriormente aos fatos a serem regulamentados. Temos a Constituição Federal de 1988, que é relativamente nova; o atual Código de Ética Médica, também de 1988; o de Ética Odontológica é de 1995; o de Ética Fonoaudiológica é de 1996. São todos recentes, portanto.

Em contrapartida, há o Código Penal, de 1940, que do artigo 121 em diante cuida dos crimes contra a vida, inclusive o aborto. E o nosso Código Civil é de 1916. De lá para cá, a única alteração que ele sofreu foi em relação ao regime de casamento – a Lei do Divórcio. O arcabouço principal, no entanto, continua antigo. Diante disso, é possível imaginar o que acontece com esse código em relação à existência de normas sobre temas como, por exemplo, a fertilização extracorpórea – o “bebê de proveta”, conquista da ciência e tecnologia, já incorporada aos nossos hábitos e costumes. Só na cidade de São Paulo existem oito centros praticando ativamente esse tipo de fertilização, sem contar os de outras cidades e outros estados.

---

É surpreendente até que ainda não nos tenhamos deparado com um problema sequer. O único de que temos notícia surgiu em uma novela de televisão, e algo foi inventado para resolvê-lo. Mas na vida real os juízes andam preocupados a esse respeito, porque se surgisse alguma dificuldade não haveria como solucioná-la, já que não temos jurisprudência sobre o assunto. Os transplantes são um exemplo de outro avanço da ciência médica. Não são conquistas tão novas, pois datam da década de 50. Entretanto, em termos de legislação são relativamente recentes, tanto do ponto de vista civil quanto do penal.

**A era dos transplantes** – Desde 1967, quando Christian Barnard fez o primeiro transplante de coração, houve uma divisão mundial em relação ao conceito de morte. Na época, para a tradição popular, havia morte quando o coração parava de bater e quando cessava a respiração. Na tradição médica, desde o século passado já era diferente, uma vez que do ponto de vista da hierarquia de órgãos o sistema nervoso central era considerado o mais importante.

Esse fato entrou em cena um tanto inopinadamente com o primeiro transplante cardíaco, e o mundo ficou dividido em duas correntes: os cardiólogos, adoradores do coração, e o bloco do “eu também quero fazer”. Aqui no Brasil, também logo se quis executar esse tipo de cirurgia. Em 1968, surgiu uma lei permitindo que fossem feitos transplantes no país. Essa lei permaneceu em vigência até a época do presidente Collor, quando surgiu um novo anteprojeto, que passou a vigorar a partir de fevereiro de 1997. Assim, embora tenhamos um Código Civil e um Código Penal absolutamente anacrônicos, temos uma legislação de transplantes que é extremamente moderna, da década de 90, inspirada nas legislações italiana e espanhola.

No Brasil, acontece com freqüência a criação de leis específicas para circunstâncias novas. Estarão essas leis eticamente corretas, sejam elas convenientes ou não do ponto de vista doutrinário? Essa é uma questão sobre a qual precisamos refletir. Não existem especialistas em ética. A ética tem algo de irracional, é muito permeada pelo emocional. Está também em permanente evolução, tal como as leis. Seria muita pretensão da nossa geração achar que já somos detentores de um poder suficiente para nos dar o direito de dizer que existem princípios universais, absolutamente imutáveis e estratificados.

Não se pode falar assim, sobretudo na área da medicina, em que muitas vezes existe a necessidade de decisões imediatas. A

ética médica é casuística, no sentido de que cada caso é um caso, com suas particularidades. Não é possível saber o que fazer em determinadas circunstâncias sem vivê-las especificamente. Também não é possível pedir que seja suspenso o que estiver acontecendo, para que possamos ir para casa, estudar o caso por 48 horas e depois voltar com a decisão. Nem sempre podemos parar para decidir. Em grande número de oportunidades, temos que tomar decisões com base na experiência. E nem sempre elas são as mesmas. Somos mutáveis, assim como a ética, a lei e a ciência. Heráclito, o filósofo pré-socrático, dizia: "Um homem não constrói *para*; ele simplesmente constrói".

Quando se fala em transplante, fala-se também do conceito de morte. Quando o homem era nômade, bandos de pessoas caminhavam sobre a face da terra. Ao anoitecer, todos se deitavam e dormiam. Quando amanhecia, seguiam o seu caminho. Muitos não seguiam junto, porque não acordavam: simplesmente não se levantavam e isso não constituía um grande problema. Quando, porém, o homem começou a se fixar em cavernas, porque era mais seguro, essa situação mudou. Uma pessoa saía da caverna e seguia. Outra, não: continuava deitada. É provável que num primeiro momento isso não incomodasse a ninguém, mas depois o corpo exalava mau cheiro. "Ele não se levanta mais", dizia-se. Então o corpo era jogado num rio, na terra, atirado de um penhasco. O homem deve ter encarado a morte dessa forma ao longo do tempo: se o corpo respira, está vivo. Se não, está morto.

Essa era a idéia popular de morte, e também a dos médicos e religiosos. Estava no Gênesis: Deus deu vida ao homem porque soprou em suas narinas. A legislação brasileira ainda considera a respiração importante. Mas tudo mudou. Na metade do século passado, o presidente de uma academia da França recebeu um prêmio, oferecido ao médico que apresentasse a metodologia mais prática, simples e segura para diagnosticar a morte. A princípio eram sete os seus procedimentos. A seguir, restaram três: a) verificação de parada respiratória; b) constatação da cessação dos batimentos cardíacos; c) observação da parada circulatória, pela tomada do pulso. Se essas circunstâncias se mantivessem por cinco ou dez minutos, o indivíduo era considerado morto.

Os médicos fazem isso até hoje. A dilatação fixa da pupila, sem reação a estímulos luminosos, em 90% dos casos é suficiente para se diagnosticar a morte. Contudo, há situações em que isso não é suficiente: e se a pessoa estiver em parada cardíaca

---

por pouco tempo e puder ser reanimada? Essa é a primeira possibilidade a ser considerada pela ciência moderna. A segunda é tomar conhecimento o mais cedo possível do que ocorre, para que seja possível proceder à reanimação. Essas duas questões forçaram a medicina a se encaminhar para o diagnóstico precoce.

A partir do transplante de Christian Barnard, um comitê da Universidade de Harvard, nos EUA, decidiu definir a morte como a cessação da vida no sistema nervoso central. No ano seguinte, a Associação Médica Mundial, em Sidney, Austrália, baixou uma série de normas e critérios para definir de modo claro quando uma pessoa está de fato morta, de modo a que a população pudesse ser bem informada a respeito.

Durante oito anos, tudo correu bem. Até que em 1975, em Nova Jersey, uma jovem, depois de uma festa, teve parada cardíaca. Colocaram-na num respirador artificial, mas ela continuou em coma prolongado. Seis meses depois, como o quadro não se modificasse, seus pais pediram o desligamento definitivo das máquinas que a mantinham viva. Dois médicos se recusaram a fazê-lo porque, depois de tentarem "desmamá-la" (ou seja, desligar temporariamente os equipamentos), perceberam que ela dava sinais de poder reagir. A família, inconformada, entrou na justiça, solicitando o desligamento definitivo da aparelhagem.

Cerca de um ano depois, o juiz de Suprema Corte de Nova Jersey decidiu pelo desligamento definitivo. No entanto, apesar dessa providência ter sido tomada, a jovem continuou respirando sozinha, embora sempre em coma profundo, sem manifestar qualquer reação, e alimentada por sonda. O que fazer, então? Com essa relativa estabilidade, ela poderia sair da UTI e ir para casa, com a recomendação de alguns cuidados em caso de emergência. E assim foi. A jovem ficou nove anos nesse estado, sem reagir. Continuava sendo alimentada por sonda. Depois de 10 anos, faleceu. Ao morrer, tinha 1,70m de altura e 27 kg de peso.

Foi feita então uma série de exames, sobretudo em relação ao sistema nervoso central. E surgiu novamente a questão: seria necessário exigir a morte total do encéfalo, ou bastaria a simples cessação da vida nos hemisférios cerebrais? Esse passou a ser um novo dilema ético, que persiste até hoje. No Brasil, segundo o Conselho Federal de Medicina, desde que possamos garantir, além de qualquer dúvida razoável, que a pessoa não tem condições de retorno à consciência, os aparelhos podem ser desligados e removida a sonda de alimentação.

Que a morte está ligada ao sistema nervoso central não resta a menor dúvida. Os médicos sabem disso há mais de 100 anos. Em 1985, um autor francês fez um estudo no qual acompanhou clinicamente pessoas que seriam executadas. Assistia às execuções pela guilhotina. No momento em que a cabeça caía, o carrasco a levava embora e o pesquisador pinçava os grandes vasos do pescoço, para parar o sangramento, e punha uma cânula na traquéia para que o ar entrasse. Verificou que em alguns casos o coração continuava a bater por até 40 minutos. Fez então uma série de considerações do ponto de vista fisiológico e assinalou que não era possível que as pessoas pudessem ser consideradas vivas em tais situações, porque todas as conexões com o cérebro haviam sido cortadas. E concluiu: "Ainda que meus argumentos não tivessem validade do ponto de vista fisiológico, os indivíduos eram considerados mortos".

Do ponto de vista técnico, o que vale hoje no Brasil é a morte encefálica. Se por acaso alguém está em coma profundo, sem reflexos e dependente de máquinas, é lícito e juridicamente aceito que se desliguem os aparelhos e seja declarada a morte. Mas há casos de pessoas que voltam à vida depois de 6 meses. São situações em que havia dúvidas. Nem sempre é fácil diagnosticar a morte, de modo que em caso de dúvida o melhor é deixar o paciente ligado aos equipamentos. Há registros de casos como o de uma jovem que ficou 34 anos ligada a aparelhos. Outros assim permaneceram por 7 ou 8 anos. Há também o da Sra. Leda Collor, que ficou muito tempo em coma e não ligada a equipamentos. Assim, quando formos capazes de dizer, para além de qualquer dúvida, que uma pessoa tem possibilidades de retorno à consciência, é razoável mantê-la artificialmente viva.

No Brasil, adotamos o sistema antigo. O critério do Conselho Federal de Medicina não serve para crianças menores de 2 anos, não é adequado para intoxicações metabólicas, nem é útil em casos de coma barbitúrico e de hipotermia. Nessas situações, o que conta é a consciência de cada um. As pessoas passam a ter importância moral a partir do momento da concepção. Na legislação brasileira existe, claramente, a intenção de proteger a vida. Entretanto, no que se refere ao seu fim, as leis nada dizem.

**A doação de órgãos** – No Brasil o corpo humano, vivo ou morto, no todo ou em parte, não pode ser objeto de comercialização. Mas há anúncios de venda de órgãos. Nossa

---

lei diz que é crime vender órgãos, mas não especifica que é ilícito anunciá-los como mercadoria. As filas de receptores são grandes, mais para alguns órgãos do que para outros.

A lei anterior sobre doação de órgãos exigia que houvesse iniciativa do próprio indivíduo ou da família nesse sentido. Pela nova legislação brasileira, todo indivíduo é doador a não ser que declare o contrário antes de morrer, ou que sua família, por meio de um documento, assim determine. Essa circunstância se choca com o preceito constitucional de direito à religião. Se um indivíduo tem uma determinada religião e esta veda a doação de órgãos, ele não pode ser doador. É o caso das Testemunhas de Jeová. No entanto, deve ser mantido o princípio da doação presumida, já que as pessoas não tomam, habitualmente, a iniciativa nesse sentido.

A vida seria muito melhor se amássemos uns aos outros, mas a sociedade não funciona assim. Há uma escassez crítica de órgãos, sobretudo em algumas áreas, daí manter-se a necessidade da doação presumida. Contudo, precisamos desburocratizar a não-doação, de forma que o indivíduo, por meio de um bilhete assinado por ele próprio, ou uma declaração de sua família, possa não ser doador, se essa for a sua vontade. Caso ele não tenha se manifestado, a família deve ter o direito de opinar. Em outros termos, deve prevalecer a opinião da própria pessoa, como nas determinações de herança, salvo se a família conseguir provar que na época do testamento ela não estava em seu juízo perfeito.

Vejamos algumas situações específicas. Para ser aproveitada, a córnea precisa ser retirada até seis horas depois dos sinais claros de morte. Mas a nova lei exige exames que diagnostiquem o falecimento por morte encefálica, o que complica a retirada de córneas. Em reunião, as equipes do Hospital São Paulo e do Hospital das Clínicas, os dois maiores hospitais universitários do país, estabeleceram que os encarregados das equipes de transplante não adotem exatamente o que a lei estabelece. Em vez disso, eles devem perguntar às famílias se elas autorizam ou não a retirada.

Há outras situações bem mais complicadas. O tecido fetal, por exemplo, serviria para tratar o mal de Parkinson. Mas é preciso que não se use material de aborto natural, por causa do risco de infecção. Assim, só o material de abortos provocados serviria para esse fim. Em certos países que não o Brasil, permite-se que mulheres engravidem, para depois abortar e vender esse tecido.

---

Contudo, é preciso considerar que o indivíduo que faz experiências por dinheiro – o cobaia profissional – pode levar a erros. Além disso, uma oferta aumentada de órgãos não ajudará, se não for viabilizado o aproveitamento desse material. Há, por exemplo, o problema do transporte, no caso de estruturas como o pâncreas, o rim e o fígado, que precisam ser removidos e transportados com rapidez.

Um órgão pode ser aproveitado mesmo para uso temporário. Hoje se usa fígado de porco para fazer certos tipos de diálise. Cogita-se até mesmo da produção, em laboratório, de animais transgênicos, isto é, preparados à semelhança do homem, e por meio deles desenvolver repositórios de órgãos. Essa é uma das grandes possibilidades da clonagem, que antes só era feita em anfíbios e tornou-se possível na ovelha Dolly. Entretanto, é remotíssima a possibilidade de criar um ser idêntico a outro, pois nem gêmeos univitelinos o são.

**Morte e eutanásia** – A morte é encarada de modo curioso pelo ser humano. Os médicos têm pavor dela, e o mesmo vale para toda a sociedade, sobretudo a ocidental, que se inspirou nos Gregos, que chegaram à irreverência de querer se relacionar com os próprios deuses, tanto assim que criaram, na sua mitologia, as figuras de Tântatos (a morte) e seu irmão gêmeo, Hipnos (o sono).

A Igreja tem sido renovadora quanto a morte. Em 1957, o Papa Pio XII declarou que cabe aos médicos decidir e que, quando não houver esperanças, não se deve prolongar artificialmente a vida dos pacientes. O Papa atual diz que é preciso que haja uma adequação entre a metodologia que se usa e as reais possibilidades de vida dos pacientes. É comum usarmos uma altíssima tecnologia para preservar a vida por apenas mais duas horas. Em casos assim, o esforço claramente não vale a pena.

A eutanásia pode ser voluntária (quando solicitada pelo paciente) ou involuntária (casos em que a família decide). Há também os suicídios assistidos, casos em que são fornecidos aos pacientes meios para que eles se matem. No Brasil, pouco ou nada se fala a esse respeito. Aqui não existe a figura legal da eutanásia, existe o homicídio, e o suicídio é crime previsto pelo Código Penal. Nos países anglo-saxônicos existe a definição de morte, e por isso os médicos têm que obedecer a certos requisitos para declará-la. Em alguns países não se fala claramente em eutanásia, mas há algumas normas. Na Holanda, por exemplo, existe desde 1984 um acordo entre as categorias

---

médica e jurídica pelo qual, desde que obedecidas 22 etapas, é permitida a eutanásia. Também no Oregon, EUA, esse procedimento é legalizado.

No Brasil, os critérios para definir a parada total e irreversível das funções encefálicas em pessoas com mais de 2 anos são clínicos e devem ser confirmados por exames complementares. E voltamos ao grande dilema ético contemporâneo: decidir se a morte é igual à lesão irreversível do encéfalo como um todo, ou se ela corresponde à lesão irreversível apenas das áreas responsáveis pela consciência e pela vida de relação.

Lembremos aqui a teoria dos atos e das omissões. Para mim, matar ou deixar morrer são circunstâncias iguais do ponto de vista ético, ou seja, eutanásia ativa e passiva são a mesma coisa. O fundamental é saber o que é melhor para o paciente. Se melhor é não continuar com ele ligado aos aparelhos, convém desligá-los. Trata-se de uma conclusão absolutamente lógica. Prolongar a vida e sedar a dor – esses são os pilares básicos da medicina. Mas às vezes eles se contrapõem, porque há ocasiões em que sedar corresponde a não prolongar a vida e não sedar é prolongá-la aumentando a dor. Todos os sedativos são inibidores do sistema nervoso central e nessa condição podem prejudicar o processo respiratório. Dessa forma, às vezes o médico se vê diante dessas alternativas: ou é homicida ou torturador, isto é, ou seda e o paciente vive dois dias em alívio, ou não seda e ele vive dez dias em imensa dor. É preciso usar a lógica, para saber quando a morte é preferível ao sofrimento.

O doloroso da morte não é a própria morte. O segredo está na sabedoria, não na ignorância. Quanto mais se souber, melhor. A vida é um pré-requisito e não um fim. O valor está na vida da pessoa. Enquanto houver pessoa há valor na vida. O que precisamos saber não é quando a vida começa, mas quando ela principia a ter importância moral. Do mesmo modo, precisamos saber não quando a vida termina, mas quando ela deixa de ter importância moral.

**THOMAS**

Este artigo corresponde à edição de uma palestra do autor na Associação Palas Athena, em junho de 1997.

**RODGER  
KAMENETZ**

Poeta, escritor e membro da sinagoga Beth Shalom em Baton Rouge. Seu livro mais recente é *O judeu no lótus; um poeta redescobre sua identidade judaica na Índia budista.*

# O que aprendi com o Dalai Lama sobre o judaísmo



*Há quatro anos, acompanhei um grupo de oito rabinos e estudiosos judeus à Índia para uma audiência com o Dalai Lama do Tibete, que nos havia pedido para revelar o mistério da sobrevivência dos judeus no exílio durante dois milênios. Jamais imaginei que ele também tinha um segredo, que poderia ajudar o povo judeu.*

---

**D**esde o seu exílio do Tibete, em 1959, o 14<sup>o</sup> Dalai Lama, líder temporal e espiritual de seis milhões de budistas tibetanos, tem refletido com freqüência sobre o povo e a história judaicos: “Através de tantos séculos, de tantas privações, vocês nunca perderam sua cultura e sua fé. Em conseqüência, quando as condições externas se tornaram maduras, vocês estavam prontos para construir sua nação. Assim, há muito a aprender de nossos irmãos e irmãs judeus”.

O Dalai Lama vive no exílio em Dharamsala, uma remota cidade nas encostas dos Himalaias. De lá, ele vem conduzindo uma campanha não-violenta para a liberdade do Tibete, que o fez ganhar o Prêmio Nobel da Paz em 1989, e também ser reconhecido como Membro Honorário da Universidade Hebraica, em 1994. Nesse meio tempo, sob o domínio chinês, seu povo tem sofrido uma aniquilação cultural e física – mais de seis mil mosteiros já foram demolidos e a prática religiosa proibida. Nós, judeus, enfrentamos situações semelhantes muitas vezes no passado. Portanto, desejávamos saber se realmente poderíamos ajudar os tibetanos a superar sua agonia.

Depois de uma difícil viagem por terra, através do Pundjab dilacerado por tumultos, vimo-nos dentro da catedral central, um templo brilhante e cor de mostarda. Cento e cinquenta monges budistas e abades da região dos Himalaias estavam sentados em esteiras, em posição de lótus. O Dalai Lama entrou. Usava um manto vermelho-acastanhado, óculos escuros de cor rosada e, na face, trazia um amplo sorriso. Três monges cantavam o seu estranho canto gutural. Notei dúzias de *thangkas*, pinturas devocionais em seda em cores brilhantes. Uma delas mostrava fileiras de Budas sentados diante de uma lagoa de águas claras. Naquele dia havia se juntado a nós o ator de cinema Richard Gere, que explicou que o pequeno lago da pintura era na verdade de néctar.

Um lago de néctar, claro e doce. Para mim, essa tornou-se a imagem dominante do encontro dos judeus com o Dalai Lama. De algum modo, ele nos fez ver o judaísmo mais claramente e com mais doçura do que muitas vezes nós próprios o vemos.

Em nosso diálogo com o Dalai Lama vimos reviver a tradição judaica. Seu anseio de aprender era contagioso. Olhei para o seu rosto, enquanto o rabino Irving “Yitz” Greenberg – cuja organização, a CLAL, promove o entendimento entre grupos judaicos – explicava como, em nossas preces e costumes, todo judeu deve ser lembrado do exílio.

“Ao fim de cada casamento”, disse Greenberg, “quebramos um copo. Por quê? Para fazer com que as pessoas se recordem de que não podem ser inteiramente felizes. Ainda estamos no exílio, ainda não estamos reintegrados. Quando você constrói uma nova casa, deixa um pequeno cômodo inacabado. Por quê? Por mais bonita que seja uma habitação, ainda não estamos em casa”. O Dalai Lama concordou com a cabeça, pensativo, e respondeu com suavidade: “Sim. Relembrar sempre. Os pontos que o senhor mencionou realmente atingem o âmago de como manter uma cultura e uma tradição. Isso é o que eu chamo de o segredo judaico – conservar a tradição. Em todos os aspectos importantes da vida humana, há algo para lembrar-nos de que temos de voltar, temos de voltar, temos de voltar para assumir a responsabilidade”. Ele havia compreendido um aspecto básico da sobrevivência – a memória.

Para mim, a memória tornou-se viva de outro modo em Dharamsala. Senti-me religado com fragmentos perdidos de minha própria tradição. O manto do monge – compreendi – como o nosso *talit*, pode ligar a Escola Budista de Dialética às ancestrais academias rabínicas. Entretanto, se os judeus conservam lembranças do mundo antigo, os tibetanos pertencem inteiramente a ele.

Uma madrugada, acordei com o cântico de uma jovem monja. Fiquei sabendo depois que ela recitava de memória um livro inteiro, do mesmo modo que, no século I, os *tannaim* haviam recitado o *Mishnah* antes que ele houvesse sido escrito pela primeira vez.

À medida que o rabino Greenberg descrevia os sábios rabínicos em Yavneh, após a destruição do Templo pelos romanos, em Jerusalém, observei as faces enrugadas dos velhos lamas e abades, e percebi que para eles Dharamsala era Yavneh e o tempo da suprema crise era agora. Nós, judeus, conhecemos instintivamente a agonia de perder a terra-mãe, ser forçado ao exílio e sobreviver à adversidade.

“Relembrar sempre”, era o conselho-chave, mas também demos a eles outros segredos. Numa cerimônia de sexta-feira à noite, assistida por vários lamas, compartilhamos o poder do *Shabbat*. A Dra. Blu Greenberg, acadêmica e autora feminista, acendeu as velas e rezou. Substituiu cuidadosamente o *matzah*, nosso pão da aflição, pelo *challah*, em solidariedade aos nossos hóspedes do *Shabbat* que jamais retornariam do exílio. (Os monges rapidamente aprenderam a dizer *Shabbat Shalom*, e respondíamos com *Tashe Delek* – expressão tibetana para “paz

---

a você”.) Em sua sessão com o Dalai Lama ela falou sobre a importância central, para o judaísmo, do lar e da família – um ensinamento difícil para uma religião conduzida por monges celibatários. A própria presença de Blu, bem como a de Joy Levitt, rabino da Sinagoga Recontrucionista de North Shore, em Roslyn, Nova York, que explicou o papel fundamental da sinagoga, acrescentou um elemento vital ao diálogo. O “lado” tibetano da discussão era todo masculino. O grupo judeu também ofereceu sugestões específicas sobre o estabelecimento de acampamentos religiosos de verão, uma idéia que os tibetanos acharam particularmente útil.

O Dalai Lama desejou saber mais sobre a “vida interior” dos judeus. À medida que falava, movia seu punho para frente e para trás como se estivesse abrindo uma porta. Queria saber que métodos o judaísmo oferece para transformar o ser humano, para que ele supere “emoções aflitivas” como a raiva. Para os tibetanos, essa não é uma questão abstrata. O Dalai Lama vem conduzindo o seu povo através do mais difícil período de sua história, uma fase na qual a violência é uma resposta muito previsível. Assim, saber lidar com a raiva é um desafio tanto pessoal quanto político. Embora os chineses tenham levado ele e sua família ao exílio, torturado e matado o seu povo pelos últimos trinta e cinco anos, ele se refere a eles como o “*assim chamado inimigo*”.

Descobri que o Dalai Lama, que descreve a si mesmo como “um simples monge budista”, é um *mensch* – um homem profundamente gentil e benevolente. Aprendi com ele o poder do que os budistas chamam “mente silenciosa”. Em nossa primeira reunião ele estava muito resfriado mas, durante três horas de conversa, seu interesse e seus extraordinários poderes de concentração jamais pareceram enfraquecer. Encontrou também tempo para saudar cada um de nós pessoalmente. Tive uma estranha sensação quando me olhou profundamente nos olhos. Os tibetanos acreditam que ele pode ver nossas vidas passadas.

Senti-me pessoalmente desafiado pela meditação budista, que parece tornar seus praticantes mais calmos, mais sábios e mais capazes de lidar com emoções difíceis. São qualidades que não tenho. Em nosso diálogo, os tibetanos queriam saber o caminho e o objetivo do nosso sistema de crenças, e como ele nos ajuda a superar sentimentos dolorosos. Até Dharamsala, jamais havia pensado em fazer tais perguntas sobre o judaísmo. Para mim, o fato de ser judeu permeava nossa história coletiva,

---

família e identidade. Nunca havia considerado o judaísmo como um caminho espiritual.

O rabino Jonathan Omer-Man, que ensina meditação judaica em Los Angeles, referiu-se a esse problema quando falou ao Dalai Lama: “Para nós, o trabalho de transformação é um caminho sagrado. Contudo, mais e mais pessoas que procuram a mudança não vão a um rabino. Vão a um psiquiatra, que não lhes ensina a iluminação, mas a auto-satisfação”.

A apresentação do rabino Omer-man sobre meditação judaica, e a do rabino Zalman Schachter sobre a Cabala, vieram responder às questões do Dalai Lama sobre a “vida interior” judaica. Fiquei surpreso ao saber que o judaísmo tem técnicas poderosas de transformação interna. Mas elas são profundas e ocultas, inacessíveis para a maioria de nós. Historicamente, têm sido praticadas apenas por uma pequena elite; por isso, os judeus que são buscadores espirituais vão para outras partes quando estão à procura de um caminho.

Tinha isso em mente quando abordamos o delicado tema dos judeus convertidos ao budismo. Nos Estados Unidos, os judeus são desproporcionalmente representados em grupos budistas ocidentais. Em Dharamsala, encontramos um certo número de monges e monjas budistas que tinham raízes judaicas, inclusive a bisneta de Henrietta Szold. Um dos tradutores residentes do Dalai Lama é um budista judeu com doutorado em Harvard.

Meus próprios pressupostos sobre essas pessoas – apóstatas, desgarrados, cultuadores – logo se desfizeram. Convidamos toda a Dharamsala judaica para uma cerimônia de *Shabbat* no sábado de manhã, e passei horas com eles lendo e discutindo a Tora. Os judeus budistas de Dharamsala são extraordinários – argutos, até mesmo brilhantes em alguns casos; certamente não são zumbis submetidos a lavagem cerebral. Alguns ainda se consideram judeus, outros não, mas todos dizem haver encontrado algo valioso no budismo, que não tinham sido capazes de encontrar no judaísmo. Isso fez com que alguns de nós se sentissem desconfortáveis. O professor Nathan Katz, que ensina estudos budistas na Universidade de South Florida, em Tampa, expressou depois ao Dalai Lama a nossa dor por ter perdido para o budismo esses judeus espiritualmente comprometidos. Após uma longa pausa, o líder budista disse que jamais havia procurado converter os outros, porque todas as religiões oferecem satisfação espiritual. Costuma aconselhar os recém-chegados a continuar com seus próprios credos, mostrando que muitos tibetanos estão também em busca de outras religiões.

Ao aprender sobre os ensinamentos místicos judaicos, o líder tibetano disse que havia adquirido mais respeito pelo judaísmo, porque “encontrei muita sofisticação aqui”. Estava particularmente impressionado pelos conceitos cabalísticos de Deus, que acentuam a responsabilidade humana, e descobriu que as técnicas da meditação e prece judaicas eram muito similares às da meditação budista. Tais ensinamentos e práticas esotéricas, aconselhou ele, deveriam estar mais amplamente disponíveis.

O Dalai Lama fez um paralelo a partir da história budista. Como a Cabala, o misticismo budista (ou *tantrayana*), tal como é tradicionalmente ensinado na Índia, tem sido “muito reservado, muito confidencial”, e proporcionado de modo seletivo a muito poucos alunos. “Nunca houve um ensino público”. Contudo, com tanto sigilo existe o perigo de desaparecimento da tradição.

Ele não acha que convém pressionar as pessoas para que sigam uma religião específica. “Embora a motivação possa ser sincera, o resultado pode não ser positivo, se limitamos o direito de escolher e explorar. Se tentamos isolar-nos da modernidade, estamos nos autodestruindo. É preciso enfrentar a realidade. Se temos suficientes motivos para praticar uma religião, não há necessidade de temer a perda das pessoas. Mas se não temos suficientes razões, valores, não há necessidade de continuar”.

O Dalai Lama nos ofereceu um extraordinário conselho – e um desafio. Poderiam os nossos líderes tornar o judaísmo mais satisfatório e benéfico para os judeus? O Professor Katz respondeu criticando os judeus que se definem como tal principalmente em termos de luta contra “inimigos que nos ameaçam com perseguição ou assimilação. Se transmitirmos às pessoas o sentimento de que elas devem estar em guarda o tempo todo, iremos perdê-las”.

Por meio do meu encontro com os budistas, comecei a formular de modo diferente as questões do judaísmo. Como ele melhora a minha vida? Como posso aprender a trazer bênçãos para a minha vida? Como posso viver o ideal judaico de tornar sagrada a vida cotidiana?

Compreendi que havia subvalorizado o que havia de precioso em minha própria tradição, especialmente a prece e o estudo. Também ignorava completamente a meditação judaica ou a importância da *kavanah* – a intenção – na prece judaica e no dia-a-dia. Meu contato com os budistas tibetanos aprofundou minhas expectativas em relação ao judaísmo.

---

Estou levando adiante a minha busca de transformação interior, não na distante Índia, mas em minha própria casa e na sinagoga. Tenho estudado intensivamente textos espirituais judaicos e budistas. Vendo o judaísmo refletido em um lago budista de néctar, cheguei à conclusão de que a religião na qual nasci não é apenas uma etnicidade ou uma identidade: é um modo de vida e um caminho espiritual, com suas próprias exigências sobre meus pensamentos e sentimentos.

Se fosse para resumir essa mudança, poderia dizer que ela tem sido um movimento do exotérico para o esotérico, do externo para o interno – nem tanto no sentido de mudar minhas práticas judaicas, mas na direção de aprofundá-las. Minha esposa, minhas duas filhas e eu, temos, por muitos anos, celebrado o *Shabbat* em nossa casa, acendendo velas e abençoando o pão e o vinho, mas agora estou mais cuidadoso em relação à nossa *kavanah*, às nossas intenções. Quando recitamos as bênçãos, por exemplo, tento me manter afinado com o sentimento pacífico do *Shabbat*, em corpo, mente e alma.

Nossas preces e cerimônias são veículos para aprofundar esse sentimento. E, mesmo quando antes de nossa família recitar as bênçãos, cantamos *Shalom Aleichem* para dar as boas-vindas aos anjos do *Shabbat* (uma imagem profunda, vinda do acervo do misticismo judaico). Também damos as boas-vindas à noiva do *Shabbat* com o *Lecha Dodi*, e algumas vezes nos damos as mãos e dançamos em nossa cozinha.

Aprendi a trazer as imagens e a riqueza do imaginário para as minhas preces por meio da meditação. Concordo com um dos delegados, o Dr. Moshe Waldocks, editor na área de Boston, humorista e professor judeu, que disse que os judeus podem aprender de outras tradições meditativas: “Meditar, cantar e respirar, coisas que associamos com os modos orientais de rezar, não são de modo algum estranhos ao judaísmo”.

A maioria dos judeus não se dá conta do vasto acervo de espiritualidade contido nas preces judaicas, em nossa tradição mística e em nossa Tora. O Dr. Marc Lieberman, o organizador da nossa viagem a Dharamsala, disse com acerto: “A voz da claridade e da sabedoria, a voz que fala ao meu coração, só a estou descobrindo agora no judaísmo porque tive a experiência mais clara de ouvir o meu coração por meio da meditação”.

Para alguns, a trajetória da espiritualidade profunda no judaísmo envolve uma jornada através da meditação budista. Se abriremos mais amplamente as portas de nossa própria tradição meditativa, e adquirirmos clareza sobre como o estudo e a

prece judaica podem beneficiar-nos em nossas vidas hoje, talvez essa jornada não seja necessária para a próxima geração.

No *bat mitzvah* de minha filha Anya, no último outono, na sinagoga Beth Shalom, ela aprendeu a cantar todo o *mafir*, e também uma extensa passagem da *haftarah*. Conduziu também toda a cerimônia da sexta-feira à noite e, de novo, no sábado de manhã.

Entretanto, enquanto eu me sentia orgulhoso do rigor com que ela desempenhava essas funções, estava ainda mais orgulhoso do espírito que ela trouxe para as suas preces. Ela entendeu o que estava cantando – o que estava atravessando. Adorou com *kavanah*. À medida que ela conduzia a cerimônia, toda a congregação pareceu ascender cada vez mais. O rabino Caplan estava tão orgulhoso que pediu que ela repetisse a sua passagem da Tora sobre o Yom Kippur – uma grande honra. Acho que a geração dela já entende implicitamente que sua tarefa é trazer para o coração a espiritualidade judaica e aprofundá-la.

Unir-se a uma identidade judaica exterior sem cultivar uma alma judaica já não tem sentido para mim. O Dalai Lama falou de uma “curiosidade pessoal” quando indagou sobre a nossa vida interior como judeus. Foi uma pergunta tipicamente budista e me transformou num judeu. **THOT**

## Favela espelho

● ensaio fotográfico nas páginas seguintes é um registro do cotidiano da Favela Monte Azul. Localizada na zona sul de São Paulo, numa área de 24.000m<sup>2</sup>, lá vivem 3.700 pessoas amontoadas em 435 barracos. Hoje, as pequenas construções são de alvenaria, as ruelas são urbanizadas, há luz e água encanada, só o esgoto ainda é despejado a céu aberto num córrego que repousa no vale.

A garantia à educação, saúde e cultura é uma das prioridades da Associação Comunitária Monte Azul, uma organização não-governamental sem fins lucrativos, autogerida e reconhecida como entidade de utilidade pública Municipal, Estadual e Federal. Fazem parte dessa cooperativa três núcleos, todos em regiões próximas. A Favela Monte Azul é o maior deles e o pioneiro. Os outros são a Favela Peinha e uma área no bairro Horizonte Azul.

A identificação com os princípios da antroposofia é uma das razões que diferenciam o trabalho da Monte Azul. Sua proposta não se resume a um mero assistencialismo, mas há uma atuação consciente no aprimoramento do ser em busca da cidadania. O trabalho social iniciado pela alemã Ute Craemer (em uma das fotos que se segue, sentada à direita do lama nyingma do budismo vajrayana tibetano S.E. Chagdud Tulku Rinpoche)

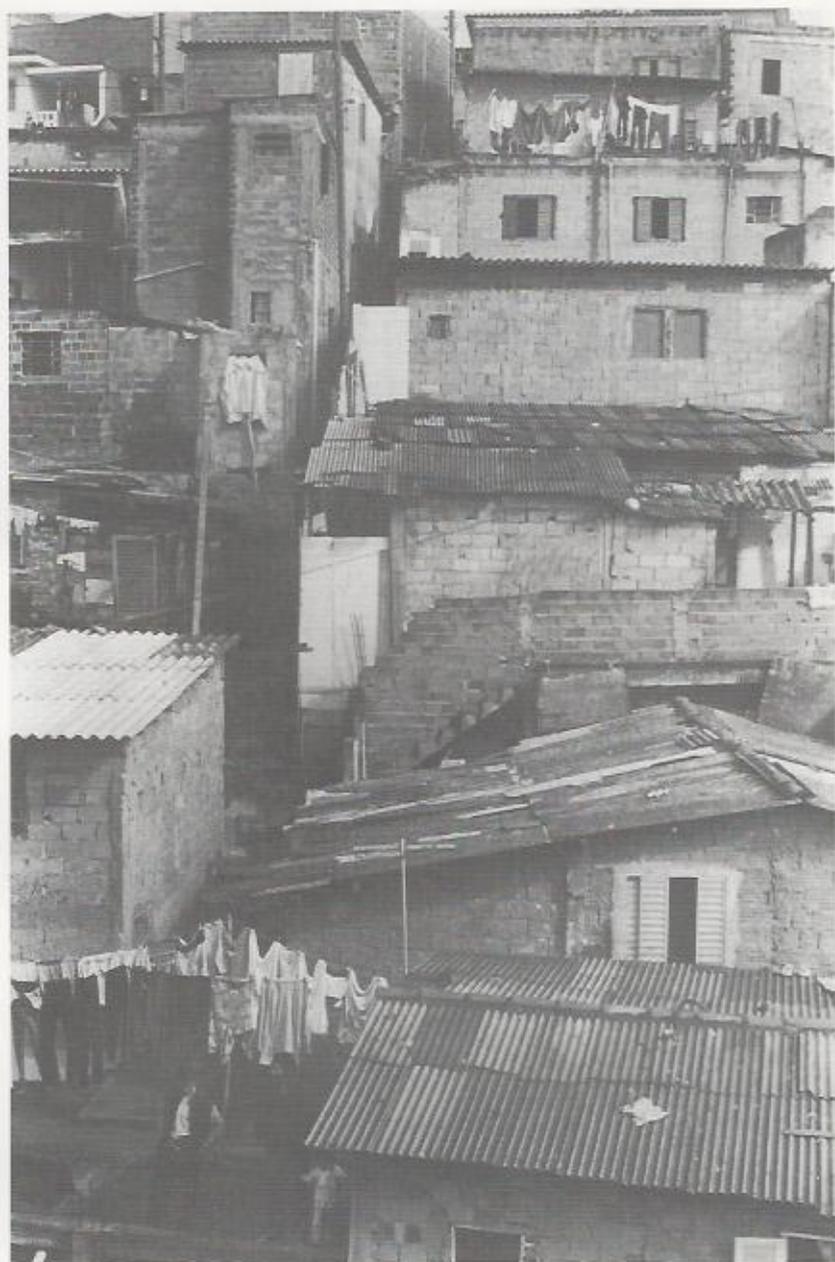
concretizou-se com a fundação da Associação Comunitária Monte Azul, em 1979, quando da inauguração de uma pequena escola e ambulatório, num terreno doado pela prefeitura.

Ute imigrou para o Brasil para ser professora da pedagogia Waldorf numa escola particular em São Paulo. A educadora comenta, quando morava nas vizinhanças da Favela Monte Azul, como surgiu a primeira semente desse movimento social: *Em 1975, quando estava em casa preparando aulas, muitas vezes era interrompida por um bater no portão. Eu ia lá fora: "Tem alguma coisa para dar?", perguntavam. Dei pão, mas logo vi que essas crianças precisavam de mais do que pão. Lembro-me de um verso que falava assim: "Se tiver dois pães, fique com um para comer e o outro você dê: assim brotará uma flor". Mais tarde, li num livro do Sr. Lievegood: "Preste atenção às perguntas. Nas perguntas se exprime o destino." Um dia cheguei em minha classe e depois de ter falado o verso diário disse: "Vejam, lá onde moro há uma favela cheia de crianças! Praticamente ninguém cuida delas, os pais têm que trabalhar, os barracos são cubículos feios e insalubres. Será que nós podíamos ajudá-las?" "É mesmo!" Gritaram uns e já tiveram mil idéias: excursão, argila, ensinar a ler e escrever. Assim foi... Montamos um esquema para que cada semana uns dois ou três viessem aqui em casa. Vamos chamar as crianças da favela para duas tarefas recreativas...*

O sucesso da Monte Azul é reconhecido no Brasil e no exterior. Ano passado foi agraciada com os prêmios Bem Eficiente e Criança Fundação Abrinq. Seu ambulatório-maternidade ostenta os melhores indicadores do país, segundo a Organização Mundial de Saúde, com apenas 3% dos partos resultando em complicações e cesáreas. Na área educacional, a entidade atualmente atende a 960 crianças e adolescentes. A formação cultural também está na ordem de prioridades: o Centro Cultural Monte Azul estimula e acolhe regularmente experiências em teatro, dança, canto e música.

Em meio às vielas escuras e desordenadas, nas brincadeiras dos meninos, no ritmo diário da creche, no corte de cabelo improvisado, no voluntário estudante, nas jovens artistas, um universo imagético descortina-se. A fotografia narra o seu modo de ver, flagra acasos do dia-a-dia, tece texturas em preto e branco. A Favela Monte Azul, uma dentre as 1.700 favelas espalhadas pela cidade de São Paulo, é o que se pode chamar de "espelho", e ela reflete o sonho possível de um Brasil que começa a vislumbrar a sua face.

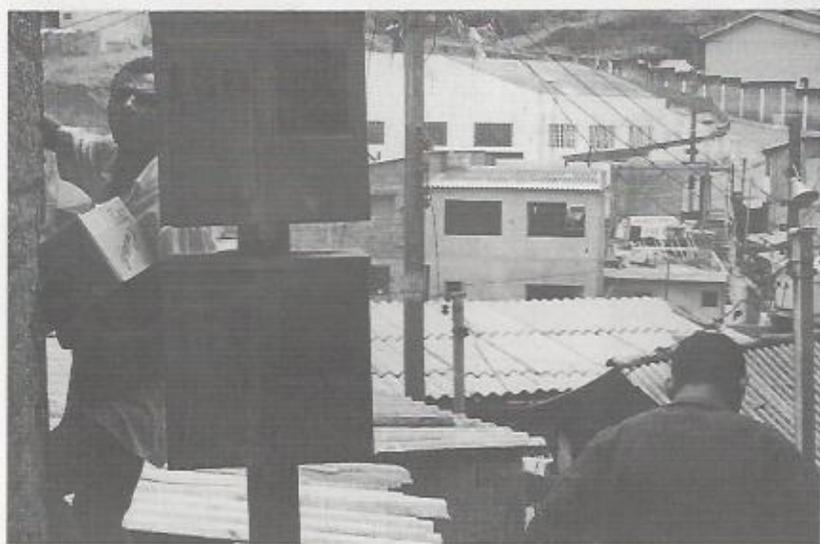
**THOT**



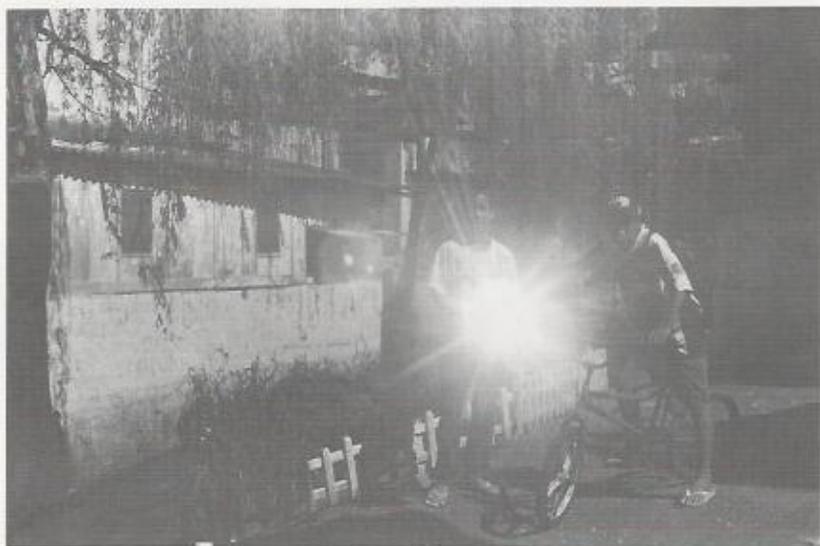
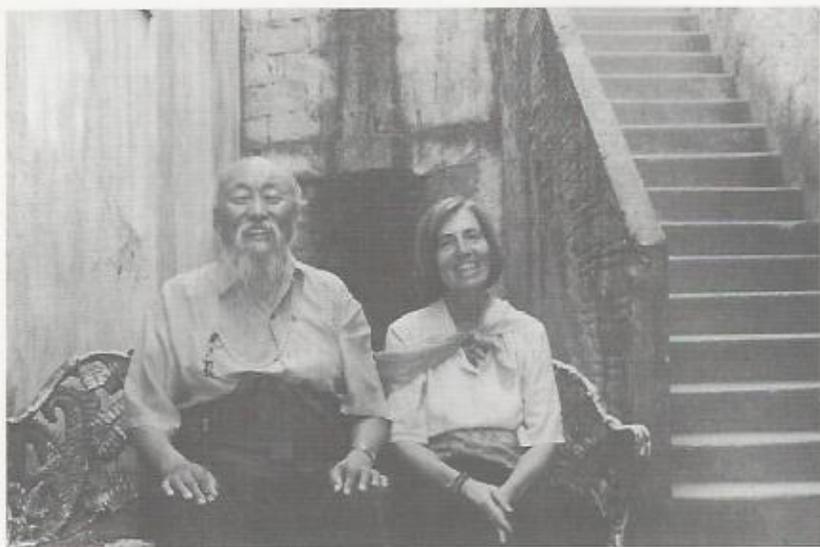


Two young men with black face paint.  
A young man painting a person's arm.













ATÍLIO AVANCINI é fotógrafo, pesquisador e professor de fotojornalismo e fotografia em editoração na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

É mestrando em Ciências da Comunicação, na área de Jornalismo, na ECA/USP. Iniciou sua carreira de fotógrafo no início dos anos 80 documentando a dança espontânea de Rolf Gelewski, desde então vem realizando como *free-lance* fotos para a mídia impressa. Já expôs no Museu de Arte de São Paulo, Museu da Imagem e do Som, Centro Cultural São Paulo e Museu de Arte da Bahia. Colabora na Associação Comunitária Monte Azul desde 1994.



**ALFREDO RUIZ**

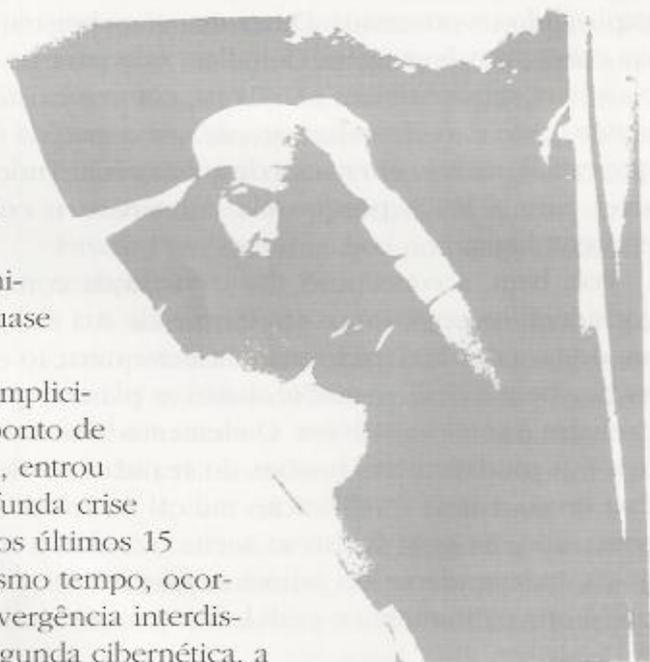
Psicoterapeuta formado pela Universidade Católica do Chile e diretor do Instituto de Terapia Cognitiva em Santiago.

## HUMBERTO MATURANA E A PSICOTERAPIA

*A convergência entre o trabalho de um dos maiores cientistas de nosso tempo e uma escola psicoterapêutica de vanguarda*

**A** psicologia contemporânea ainda parece estar muito influenciada pelos paradigmas empiristas, que aceitam a existência de uma realidade única e universal, igual para todos e independente da percepção do observador. Segundo esse modelo, o organismo é essencialmente passivo e responde unicamente a uma dada ordem externa. Por conseguinte, o sentido das coisas está objetivamente determinado de antemão e a mente humana se torna um mero receptor passivo dessa ordem externa, o que a determina em sua quase totalidade.

A rígida simplicidade desse ponto de vista, todavia, entrou em uma profunda crise explicativa nos últimos 15 anos. Ao mesmo tempo, ocorreu uma convergência interdisciplinar (a segunda cibernética, a



---

epistemologia evolutiva, a termodinâmica irreversível, as ciências cognitivas, a neurociência e o neodarwinismo, entre outras), a partir da qual está surgindo uma perspectiva de base totalmente diferente: a das ciências da complexidade.

A noção de ciências da complexidade emergiu, nos últimos anos, em parte como uma síntese de algumas disciplinas tradicionais, como a biologia, a física e as matemáticas. Os sistemas complexos (por exemplo, os seres vivos, o cérebro e os sistemas sociais), dos quais elas se ocupam, não estão confinados a uma única das disciplinas tradicionais: para estudá-los, são necessários o conhecimento e as técnicas de várias disciplinas.

Hoje, esse panorama permite vislumbrar uma nova colaboração entre as ciências "duras" (as chamadas ciências exatas) e as sociais (como a psicologia, a psicopatologia, a sociologia, a antropologia), sobretudo quando estas últimas, como diz o psicoterapeuta italiano Vittorio Guidano, mostram um atraso de 20 a 30 anos em relação às primeiras. Esse atraso se explica, segundo o mesmo autor, porque as ciências sociais não se preocuparam com os aspectos epistemológicos.

Tomemos um exemplo no âmbito das ciências "duras". Nos últimos dez anos, os físicos esclareceram os fenômenos que ocorreram quando houve o Big Bang (o início do Universo). Conseguiram, inclusive, reconstruir os acontecimentos que se desenrolaram por volta de 14 segundos depois dessa grande explosão. Mas não o fizeram especulando e sim construindo e explicando os processos. Dessa maneira chegaram a dizer certas coisas, em linguagem científica, que para os cientistas sociais nem sequer seriam pensáveis, como a existência da antimatéria, isto é, o entendimento de que a matéria só existe porque está flutuando em mares de antimatéria. Tudo isso foi possível para a física porque ela conservou o contato com a epistemologia.

Pois bem, a concepção das ciências da complexidade, ao considerar os organismos em termos de sua estrutura complexa, destaca desde o início sua autodeterminação e auto-organização, bem como o modo aberto e plástico pelo qual eles evoluem e se desenvolvem. O elemento básico dessa perspectiva é a mudança das noções de realidade e de observador. Esta levou a uma modificação radical na relação observador-observado, na qual já não se aceita o acesso a uma realidade única, independente do primeiro. Ao contrário, o que se propõe é que existem tantas realidades quantos modos de vida há em cada ser.

---

A contribuição de Humberto Maturana – Prêmio Nacional de Ciências Biológicas em 1994 – às ciências da complexidade é bem conhecida, bem como sua influência no pensamento e investigação de muitos dos cientistas a elas ligados. Quando, já no final de sua vida, perguntaram a Gregory Bateson quem poderia continuar o estudo da “Criatura” – o mundo dos seres vivos –, ele respondeu que o centro dessas investigações agora era Santiago do Chile, e que elas estavam a cargo de um homem chamado Humberto Maturana. Do mesmo modo, teóricos e psicoterapeutas como os psicoterapeutas Guidano e Arciero, ao fazer referências específicas à abordagem de Maturana, a denominam de “escola chilena”.

As contribuições mais significativas dessa escola às ciências da complexidade foram o questionamento do racionalismo objetivista e a formalização das teorias da cognição, a auto-referencialidade de toda adaptação e conhecimento, a ênfase na linguagem na construção da experiência humana e o encapsulamento do conhecimento no ser total, que contesta a tradicional dualidade corpo-mente de antes.

A contribuição da teoria de Maturana à psicoterapia é também vastamente reconhecida. Com efeito, ele tem sido constantemente solicitado para congressos no Chile e no mundo inteiro. Além disso, tem sido designado como professor de institutos de formação nessa área. O objetivo deste artigo é expor algumas de suas idéias mais importantes e relacioná-las brevemente com a psicologia e com a psicoterapia.

**A teoria biológica do conhecer** – Assinalávamos que a convergência interdisciplinar proporcionou mudanças epistemológicas em relação ao binômio observador-observado. A contribuição de Humberto Maturana à nova proposta epistemológica é fundamental. Trata-se do primeiro cientista que, a partir de sua atividade de biólogo, propõe que o conhecimento é um fenômeno biológico, e que portanto só pode ser estudado e conhecido como tal.

Mais ainda, sua proposição é que a própria vida deve ser entendida como um processo de conhecimento, cuja finalidade é proporcionar ao organismo meios para que ele se adapte para sobreviver. Nenhum ser vivo está interessado em saber se seu conhecimento é verdadeiro ou não, quando isso não importa para a sua sobrevivência. Dessa maneira, a obra de Maturana pode ser caracterizada como um sistema explicativo unitário e ontológico da vida ou da vivência. É ontológico

---

porque vê a experiência humana a partir de um ponto de vista situado dentro dela mesma, e não a partir de um referencial externo.

Como surge a partir do ser biológico, a abordagem de Maturana permite-nos refletir em termos mais amplos, no sentido de que tudo o que se relaciona com a vida pode ser explicado a partir dela própria. Por esse ângulo a psicologia é parte da biologia, já que os fenômenos que estuda se dão nos seres vivos. Embora Maturana reconheça que a biologia tem um domínio próprio, cujo âmbito é o estudo da dinâmica das relações e interações que ocorrem entre os organismos como totalidades, seu raciocínio biológico o faz ver a mente como uma instância da vida, como uma organização dentro da organização que é a própria vida. A vida e a morte se auto-organizam. São sistemas estruturalmente determinados, autopoieticos (no sentido de que os organismos vivos estão sempre se autocriando) e também auto-referentes, isto é, circulares.

Esses delineamentos tiveram conseqüências incalculáveis para a psicoterapia. Nessa perspectiva, qualquer mudança que surja num sistema humano pela intervenção de um psicoterapeuta é sempre uma reordenação da experiência do paciente, determinada por ele próprio e não pelo terapeuta. Assim, este apenas pode "perturbar" o paciente para engatilhar nele a sua reorganização. Mas nunca poderá "instruí-lo", vale dizer, não poderá passar-lhe "informações diretas", como postulam as escolas tradicionais, inclusive a psicanálise.

**O determinismo estrutural** – Maturana sustenta também que todas as mudanças que os sistemas vivos podem experimentar são determinadas por sua própria organização e estrutura. Embora esses dois conceitos sejam propriedades dos seres vivos (que, na sua terminologia, são entendidos como "unidades compostas" pertencentes a uma categoria especial), não são sinônimos.

A organização se refere à relação entre os componentes de uma "unidade composta". É ela que determina as propriedades da unidade, bem como os componentes e a relação por meio da qual eles devem participar na constituição dessa mesma unidade. Em outros termos, nós, seres vivos, mantemos nossa organização durante toda a vida: é ela que faz com que nos reconheçamos sempre como a mesma pessoa, desde a infância até a velhice. A organização é, pois, invariante. Mas a estrutura é variável: ela determina quais as alterações que são possíveis

---

numa dada "unidade composta", e quais interações específicas são necessárias para desencadeá-las. É o caso, por exemplo, de alguém que é engenheiro e aos 40 anos decide dedicar-se à poesia.

Dessa maneira, ainda que todo sistema esteja operacionalmente constituído por sua organização, sua operatividade específica se processa em sua estrutura e por meio dela. Assim sendo, mesmo que o domínio (ou espaço) de interações do sistema esteja especificado por sua organização, as interações efetivas ocorrem por meio de seus componentes. Em vista disso, afirmar que os sistemas são estruturalmente determinados implica que aquilo que neles ocorre não está determinado por nada que lhes é externo. Significa também que, quando na condição de observadores vemos algo que incide sobre um sistema, não é esse algo que provoca a mudança: apenas desencadeia, no interior do sistema, uma modificação estrutural que estava previamente determinada em sua configuração.

Na psicoterapia, essas considerações permitem concluir que as mudanças que o paciente pode experimentar estão demarcadas por sua organização, por sua identidade sistêmica. Em outras palavras, ele poderá mudar apenas até o ponto em que sua organização não corra riscos. Dessa forma, a psicoterapia tem sempre um limite, e este é determinado pelo paciente e não pelo terapeuta.

### **O fechamento organizacional e a auto-referencialidade**

– "Fechamento organizacional" significa que, uma vez definidas as características da unidade do sistema vivo, sua integridade depende de suas próprias capacidades. Maturana sustenta que nossa "linha de fundo" consiste em manter nosso *status*, isto é, permanecer vivos. Por isso, a adaptação requer mudanças estruturais na unidade dos seres vivos. Devido ao fato de serem estrutural e organizacionalmente fechados, os sistemas vivos são autônomos, no sentido de que sobrevivem, prosperam ou correm perigo segundo as leis de suas próprias atividades. A organização do sistema vivo é circular, auto-referente, recursiva, e sua organização é fechada e portanto autônoma.

Se transportarmos essas noções para o sistema do conhecimento humano, entenderemos claramente a posição de Guidano, quando ele fala da característica essencial de considerar a habilidade auto-organizadora do sistema de conhecimento humano como uma demarcação evolucionária básica que, por meio da ascensão e maturação na direção de habilidades

---

cognitivas mais altas, estrutura progressivamente um sentido total de auto-identidade com os sentimentos inerentes de unicidade e continuidade histórica. A capacidade de auto-identidade estrutural e estável permite a autopercepção contínua e coerente diante da marcha para o futuro num ambiente de mudanças. Por essa razão, a manutenção da identidade de um indivíduo chega a ser tão importante quanto a própria vida. Sem a individualidade ou identidade, seríamos incapazes de funcionar apropriadamente e perderíamos, ao mesmo tempo, nosso sentido de realidade. A conservação de um sentido de individualidade e unicidade pessoais através do ciclo da vida resulta da atividade autopoietica. Somos como somos devido às nossas histórias de interação com o mundo e com nossa história pregressa, mas somos sempre no presente, estamos sempre nos preparando para perpetuar a nós mesmos.

Isso significa que do ponto de vista da psicoterapia o paciente estará sempre limitado pela sua identidade. Em outras palavras, não pode haver mudanças para além de seu modo particular de dar significado às suas experiências. A mudança terapêutica é a reestruturação, no paciente, da maneira como o significado está organizado. Este continua sempre o mesmo. Muda-se a estrutura, mas não a organização.

**O multiverso** – Se, como assinala Maturana, negamos a realidade objetiva independente do observador e, como ele propôs em sua “ontologia do observar”, reconhecemos que o observador é um participante constitutivo do que observa, a mudança que aqui se postula é evidentemente radical. Ela prevê a passagem de um Universo, quer dizer, de uma realidade objetiva unívoca (igual para todos), para um Multiverso, no qual cada mundo, tal como construído por um determinado observador, é igualmente válido e deve ser respeitado pelos outros.

Consideremos, do ponto de vista da psicoterapia, a existência dessas duas concepções da fenomenologia psicológica. Delas resultam duas visões distintas do que acontece no cotidiano das pessoas e, portanto, duas concepções diferentes sobre as transformações que se processam nestas como resultado da terapia.

Essa circunstância implica dois modos diferentes de trabalho psicoterapêutico. No primeiro, acreditar que existe um Universo, e que temos acesso a ele, coloca o terapeuta numa posição privilegiada: ele passa a ser o portador da verdade e acredita que pode transmiti-la ao paciente. Na outra posição – a sugerida pelo Multiverso de Maturana –, o terapeuta não se

---

vê como portador da verdade e reconhece que o mundo que o paciente constrói é o único possível para ele.

**A noção de linguagem** – Outra contribuição extraordinária de Maturana é a sua teoria da linguagem. Com efeito, para teóricos como Guidano não existe na atualidade outra melhor e mais exaustiva.

Para Maturana, a linguagem como fenômeno da vida pertence à história evolutiva dos seres humanos. Os humanos são os primeiros e únicos animais (primatas, mais concretamente) que têm a peculiaridade de viver – num fluir constante, ininterrupto – uma dupla dimensão simultânea. A primeira é a experiência imediata (as emoções), que acontece a todos os animais e segundo a qual algo simplesmente ocorre. A segunda, que se dá apenas no primata humano, é a explicação, que se processa na linguagem. Só nesta, por exemplo, se pode admitir a existência de categorias como o bom e o mau, o justo e o injusto, que permitem compreender o que acontece.

A linguagem consiste na operação recorrente do que Maturana denomina coordenações de coordenações consensuais de conduta. De acordo com estas, cada palavra ou gesto não está relacionado com algo exterior a nós, e sim com nossas ocupações e com a coordenação dessas atividades com os outros. São precisamente essas ações – e as emoções que estão em sua base – que especificam e dão às nossas palavras o seu significado particular. Por isso, no plano da experiência diária, não se pode estabelecer a diferença entre o que é uma ilusão e uma percepção: só podemos fazer isso por meio da linguagem.

Assim, já que só por meio da linguagem o ser humano pode explicar sua experiência de vida e assimilá-la à continuidade de sua práxis cotidiana, o compreender é inseparável da experiência humana. Toda reordenação racional cognitiva que se pode elaborar baseia-se em premissas tácitas, que são proporcionadas pela experiência imediata. Maturana sustenta que todo sistema racional tem uma base emocional. Isso explica por que não se pode convencer ninguém com argumentos lógicos se não se aceitar suas premissas *a priori*. Do ponto de vista da psicoterapia, essa proposta é uma alternativa às abordagens racionalistas, que postulam que por meio da lógica formal é possível modificar as emoções do paciente.

Mas Maturana vai mais além e cunha o termo “linguajar”, com o qual denomina a relação dinâmica e funcional entre a experiência imediata e a coordenação de ações consensuais

---

com os outros. Esclarece também que esse linguajar é constituído pela relação entre as emoções e a linguagem. Essa concepção questiona o enfoque empirista clássico, que vê a linguagem como um simples meio de transmissão de informação de um indivíduo a outro. Mas essa postura é hoje tão dominante que não se prevê que ela mude nem mesmo na próxima década. Considero que a proposta de Maturana – com seu significado emocional e não racional – é a teoria que melhor explica esses fenômenos. Em sua abordagem ontológica, o linguajar corresponde a uma expressão da temporalidade humana: tudo o que acontece acontece na linguagem, no aqui-e-agora.

Na atualidade, essas idéias têm permitido o desenvolvimento do que se vem chamando de trama narrativa ou pensamento narrativo na construção do cotidiano das pessoas. Esse avanço será sem dúvida fundamental para compreensão da experiência humana e portanto para a psicoterapia do futuro.

**A concepção de cultura** – Para Humberto Maturana, a experiência se processa no espaço relacional do conversar. Isso quer dizer que, se bem que do ponto de vista biológico somos *Homo sapiens sapiens*, nosso modo de viver – nossa condição humana – acontece na maneira como nos relacionamos uns com os outros e com o mundo, e que configuramos no nosso cotidiano por meio do conversar.

Maturana assinala que uma cultura é uma rede fechada de conversações, e que as mudanças culturais acontecem quando se produzem modificações nessas conversas. Segundo ele, essas alterações surgem, equilibram-se e se mantêm no emocionar (nas emoções) dos membros da comunidade. Daí resulta que o humano é cultural: aparece como um modo de viver no conversar, num entrelaçamento entre o linguajar e o emocionar. Isso significa que toda experiência humana se dá no momento presente: não admite programações anteriores, nem tampouco obedece a intenções. Além disso, também no processo da evolução, seja este biológico ou cultural, não existe um caminho preestabelecido. O devir é uma deriva (uma marcha progressiva): o presente evolutivo humano é o resultado de um processo que preserva uma maneira de viver, e não apenas o que foi conseguido no processo de adaptação.

No campo da psicoterapia, as propostas da psicologia até hoje dizem que a experiência humana é construída e composta de pensamentos, emoções, consciência, sensações, impulsos etc. A contribuição de Maturana nos mostra que o fenômeno é

---

cultural, e que tanto o terapeuta quanto o paciente podem participar desse sistema. Tomemos o exemplo do marido em crise matrimonial, que vem ao terapeuta para que este lhe diga se é ele ou sua mulher o responsável pelos problemas que estão enfrentando e que, além disso, pede-lhe conselhos sobre se devem separar-se ou não. Segundo a perspectiva de Maturana, não haveria resposta possível nesses termos, porque a experiência emocional não é predeterminada.

**A biologia do amor** – Maturana é o primeiro a buscar explicação para o amor segundo a perspectiva da ciência. Em sua proposta, o amor não é uma qualidade ou dom, mas um fenômeno cultural e biológico. Como tal, ele consiste nas condutas ou classes de condutas por meio das quais o outro surge como legítimo outro na proximidade da convivência, sem deixar de conservar a sua individualidade.

Entende-se, então, que a legitimidade do outro se constitui em condutas e operações que respeitam e aceitam a sua existência tal como ela é, sem esforço e como um fenômeno do conviver. Legitimidade do outro e respeito por ele são dois modos de relação congruentes e complementares que se implicam reciprocamente. O amor é um fenômeno biológico próprio do âmbito relacional dos animais. Nos mamíferos, ele surge como um aspecto central da convivência, na intimidade da relação materno-infantil em total aceitação corporal. Segundo Maturana, tornamo-nos doentes se nosso modo de vida nega sistematicamente o amor.

Maturana afirma que o processo terapêutico é sempre o mesmo, seja qual for a forma de psicoterapia. A terapia acontece quando o terapeuta consegue, mediante sua interação com o paciente, guiá-lo, conduzi-lo inconscientemente ao abandono da negação sistemática de si mesmo ou do outro e recuperar a biologia do amor como o fio condutor de sua vida.

**Conclusão** – Essa maneira de conceber o ser humano, proposta por Maturana, pode trazer como consequência uma alteração do modo de experienciar as pessoas. Tudo isso junto pode nos levar a dar maior importância à afetividade e às emoções e menos ênfase à eficiência e aos lucros da tecnologia, tão apreciados pela modernidade. **THOT**

**PLOTINO**  
Filósofo,  
fundador do  
neoplatonismo.  
Viveu c.205-270.

# **SOBRE A BELEZA: ENÉADA 1, TRATADO 6**

## **1**

A beleza acontece nos olhos. Acontece também nos ouvidos, e aí ela acontece em razão das palavras e da música, dos muitos tipos de melodia e ritmo. Se, abandonando os limites impostos pelos nossos sentidos, viajarmos para o alto, encontraremos as belezas que nascem da alma: nossos gestos e hábitos belos, as ciências belas, as virtudes belas. Será que existe algo que, sendo belo, é também anterior a todas as belezas que nascem da alma, ou ao que acontece nos olhos e nos ouvidos? O fluxo do pensamento nos dirá.

O que nos faz dizer que um corpo é belo; o que faz os nossos ouvidos aceitarem alguns sons como belos? Quantas coisas dependem diretamente da alma, e o que as torna seres belos? E todas as coisas belas o são em virtude de uma única e mesma beleza, ou a beleza de um corpo só a ele pertence e é distinta da beleza que existe em outra coisa? O que é ou o que são estas belezas?

A beleza dos corpos não advém de si mesmos, mas do processo de participação de uma idéia. Mas, nos seres inteligíveis – por exemplo, a virtude – a beleza é algo identificado à sua própria natureza.

Basta verificar que, algumas vezes, os corpos nos aparecem belos, outras não, como se ser corpo fosse coisa diferente de ser belo. Então, em que consiste a beleza que às vezes aparece nos corpos? É daqui que iniciaremos a nossa investigação.

---

O que é isso que, apresentando-se à contemplação, deleita os olhos dos espectadores? Se conseguirmos determinar o que atrai os olhos para si, talvez encontremos um ponto de apoio ao estudo de outros casos semelhantes.

Costuma-se dizer que a beleza visível é fruto da simetria que as partes mantêm entre si e em relação ao todo. Afirma-se, assim, que a beleza deriva da simetria e da proporção. Se esta suposição for verdadeira, só o que é um composto pode ser belo, ou de outra forma, nada que seja simples pode ser belo. Além disso, a beleza seria um privilégio do todo, enquanto que as partes teriam a única finalidade de fazer do todo algo belo, carecendo, elas mesmas, de beleza.

Porém, se o todo é belo, cada uma de suas partes – de alguma forma – também o é, pois a beleza não pode resultar da agregação de elementos não-belos. Ademais, os seguidores da opinião que estamos analisando precisariam admitir que as cores (o mesmo se diga da luz do Sol) não podem ser ditas belas, pois sendo simples não podem possuir uma beleza fundada em simetria. E como eles explicam a beleza que há no ouro, ou a que contemplamos num relâmpago noturno?



---

Relativamente aos sons, encontramos a mesma dificuldade: os simples não teriam valor. Contudo, não raro, cada um dos que formam um conjunto que expressa beleza é em si mesmo belo. E a isso podemos acrescentar que um mesmo rosto, conservando idêntica simetria, aparece algumas vezes formoso e outras não.

Como negar que a beleza consiste em algo mais que a simetria, e que a simetria é bela por outra coisa?

E, quem defenderia que, apesar de belos, há simetria nos hábitos, nas leis, nas matemáticas ou nas ciências? Que sentido há na expressão "teoremas simétricos entre si"? Acaso são mutuamente coerentes?

Porém, mesmo entre concepções mentais de pouca ou nenhuma beleza, pode haver correspondência e coerência. Exemplo: "o domínio racional de si mesmo é uma ingenuidade" é uma proposição que se liga em coerência com esta outra: "a justiça é uma candidez generosa".

O que torna bela uma alma é a virtude, e essa beleza é muito mais real que as outras das quais antes falávamos; o que significaria queremos encontrar as partes simétricas da beleza de uma alma? Porque, embora a alma não seja um simples mas um todo composto de partes, estas partes não poderiam ser ditas simétricas no mesmo sentido em que dizemos isso relativamente às magnitudes ou aos números. Que proporção rege a combinação ou mistura das partes da alma ou das concepções científicas?

Fora do âmbito da proposição analisada, que beleza pode haver na inteligência pura?

## 2

Retomemos o nosso problema: em que consiste a beleza dos corpos?

O belo é algo que, ao se fazer presente e perceptível, move uma alma. Trata-se de um movimento que integra noéticamente essa alma à beleza que se apresenta a ela. Isto gera na alma a necessidade de pronunciar o logos relativo ao belo percebido enquanto tal. Diante do feio, por causa da sensação de desarmonia e dessemelhança, a alma se intranqüiliza, sente repugnância e necessidade de distanciar-se.

Por sua própria natureza, e por ser contínua com a essência dos seres mais abstratos, a alma regozija ao contemplar seres de seu mesmo gênero ou que apresentam vestígios desse

---

gênero. A sensação de tais presenças a surpreende, a atrai e provoca-lhe lembranças e ciência de si mesma; diante da beleza que se apresenta, a alma tem um êxtase de entusiasmo.

Mas que semelhanças há entre o que é formoso neste mundo e o que o é no outro? Se elas existirem (concedamos que existam), de que depende a beleza de umas e outras?

Segundo penso, o belo está condicionado à participação de uma idéia. Por natureza, todos os seres estão destinados a receber uma forma. Se esse processo de participação sofrer qualquer prejuízo, o ser que assim se apresenta a uma alma é percebido como feio e, em consequência, é exilado do plano divino. Nisto consiste a feiura absoluta: a recepção incompleta – por uma matéria ou um ser inteligível – da informação de uma idéia.

Justificativa. Todos os seres são múltiplos e participam de uma idéia; compete à idéia dar coerência e unidade aos seres através da harmonização mútua de cada uma das muitas partes que os compõem. Assim, a idéia presente em um ser restitui ao que é múltiplo a sua unidade.

Portanto, a beleza não se entregará a um ser enquanto ele não se unificar, porém, ao se entregar, ela penetrará, ao mesmo tempo, em cada uma de suas partes e em seu conjunto.

Conseqüentemente, a beleza de um corpo advém da correspondência que esse corpo mantém com uma idéia que, por seu lado, se comunica com os deuses.

### 3

Embora, para formar um juízo estético, a alma se movimente como um todo, o reconhecimento da beleza é realizado por uma faculdade especial. Talvez, essa capacidade de estimar a beleza surja na alma quando ela participa adequadamente de sua própria idéia.

Precisamos, agora, analisar uma outra questão: como a beleza de um corpo responde à beleza que é anterior ao corpo? Como o arquiteto pode dizer que a beleza da casa que ele planejou corresponde à beleza da casa que ele construiu?

Isto é possível porque a sensação capta a idéia que une o que há de múltiplo em um corpo e, num único instante, apresenta à alma uma abstração que entra em ressonância com a idéia mental que ela tem desse corpo.

A beleza simples de uma cor advém do encontro entre uma forma e a presença de uma luz incorpórea que ilumina a

---

obscuridade da matéria (de um exemplar com uma idéia). Por isso o fogo é belo em si mesmo: entre todos os elementos, ele é o único que possui associado a si a categoria de idéia. É o mais ligeiro de todos os corpos por ser o mais próximo do que é incorpóreo; está ilhado e não abriga nenhum dos outros elementos, enquanto que cada um deles o acolhe, porque os outros podem vir a esquentar, mas ele não pode ser esfriado sem deixar de ser ele mesmo; ele também possui primitivamente a cor, enquanto que os outros recebem dele a idéia de cor. O fogo resplandece e brilha porque é idéia; o que lhe é inferior deixa de ser percebido como belo quando a luminosidade ígnea não está presente.

As harmonias ocultas nos sons são as que provocam a percepção das harmonias manifestadas; são elas que movimentam a alma para que ela tome ciência do belo, fazendo-a encontrar algo idêntico a si em algo que dela é distinto.

Segue-se que as harmonias sensíveis só podem ser medidas pela proporção que exige submissão a uma idéia, e não a qualquer proporção.

É isto o que temos a dizer sobre a beleza que se apresenta no que é sensível; essa beleza – imagem e sombra de outra – refugia-se na matéria para vivificá-la e nos deixa maravilhados toda vez que se transfigura.

#### 4

Abandonemos a sensação dos corpos e contemplemos belezas mais elevadas: aquelas que a alma intui e expressa sem órgão algum. Porém, assim como os cegos são incapazes de falar sobre a beleza das cores, só podem falar sobre os belos gestos aqueles que acolheram em si a beleza que eles emanam. Aquele que não consegue imaginar a beleza do rosto da justiça ou do comando de si mesmo, é incapaz de falar sobre o resplendor da virtude; este jamais saberá que a virtude é tão bela quanto a estrela da manhã ou a estrela da tarde.

Para intuir tudo isso, a alma possui um órgão que a maravilha toda vez que ela contempla o belo; este órgão a faz tomar contato com realidades através das emoções que a percepção da beleza desperta: admiração, surpresa agradável, desejo, amor e prazer. Essas emoções só podem ser degustadas por almas erotizadas. Observe, entretanto, que diante de um corpo ou um inteligível, só alguns são capazes de perceber a beleza de maneira privilegiada.

---

## 5

Chegou a hora de estudarmos o trabalho que o amor realiza nas coisas não sensíveis.

O que você sente quando se defronta com o gesto de uma alma bela? O que você experimenta quanto contempla a beleza de sua própria alma?

Não são intensos o embriagamento e o desejo de conviver mais intimamente consigo mesmo? Tão intensamente a ponto de querer despojar-se de seu próprio corpo? Este é o sentimento que domina os erotizados.

Mas qual é o objeto de tais emoções? Não uma figura, ou uma cor, ou uma magnitude. O objeto procurado é a alma, que não tem cor e que está adornada com a sabedoria que lhe permite exercer o comando de si mesma e com o brilho das outras virtudes. Você a experimenta toda vez que descobre em você mesmo ou contempla em outro uma grandeza que reflete imagens dos deuses.

Mas por que dizemos que essas coisas são belas? Por causa de sua evidência; qualquer um que consiga vê-las não pensará duas vezes antes de chamá-las reais e belas.

Mas o que é isso que, como uma luz, brilha em todas as virtudes? A resposta virá da comparação com uma alma desprovida de beleza.

Suponhamos, pois, uma alma feia; ela é intemperante e injusta e está cheia de desejos desconexos; encontra-se turva, medrosa, invejosa e mesquinha. Ela pensa bem, mas pensa de maneira oblíqua, inclinada a consumir-se em gostos fúteis e meramente corporais. Encontra prazer na fealdade. Observando-a não diremos que tanta feiúra é uma doença?

## 6

Um antigo pensamento diz que as virtudes são purificações. Os mistérios dizem que mesmo no Hades os seres impuros vivem em um lamaçal, apenas porque amam o que é imundo.

Em que consistirá a verdadeira temperança, senão em manter-se separado da feiúra que advém de uma vida aprisionada exclusivamente ao corpo?

A alma purificada torna-se incorpórea e noética, é quase uma forma; pertence inteira ao divino – fonte de toda beleza, fonte de todas as almas.

Incorpórea e noética, a alma é muito mais bela. O bem e a beleza da alma consistem em se fazerem semelhantes aos

---

deuses, porque deles vem, além do belo, a realidade. A realidade (o Bem) e a Beleza são uma mesma coisa.

Devemos procurar, nos mesmos caminhos, o belo e o bem, o feio e o doentio. Para tanto, devemos estabelecer, desde o princípio, que o belo é também o bem; um bem a partir do qual a inteligência cria imediatamente sua beleza. A alma é bela pela inteligência: as demais belezas, a das ações e a das ocupações, provêm do fato de a alma imprimir-lhes a sua forma.

É também a alma que faz tudo aquilo que chamamos corpos; sendo algo divino, e carregando consigo a possibilidade da beleza, ela torna belas todas as coisas que toca e que domina, isso na medida em que lhes seja possível participar da beleza.

## 7

Porque a natureza da alma lhe faz tender para o bem, é nele que focaremos a nossa atenção. Se alguém já o viu, sabe o que quero dizer e sabe em que sentido ele é belo.

O bem desperta o desejo, porém só o alcançam aqueles que efetivamente se voltam para ele purificados, como fazem aqueles que sobem nus aos templos, porque ele é a causa da vida, da inteligência e do ser. A visão do bem provoca amores e desejos ardentes porque é dele que emana a beleza de todos os outros seres. Ele é a verdadeira e primeira beleza. O bem embeleza seus amantes e os faz dignos de serem amados.

Contemplar o bem é o supremo esforço da alma; através dele, ela procura realizar o máximo de sua virtude para não se privar de participar da melhor das visões. Só as almas que conseguem alcançá-lo experimentam a felicidade. Assim, o verdadeiro e único infeliz é aquele que não consegue perceber o belo.

## 8

Como se consegue esta visão? Afastando-se a cada passo do que é feio e doentio. Que aquele que for capaz de fazer esta viagem vá e siga o bem até a sua intimidade; que abandone a visão dos olhos e não se volte para o resplendor dos corpos que admirava antes.

Vá sem esquecer que as belezas corporais são imagens, vestígios e sombras. Aquele que se deixa prender por elas faz como o homem que amou a sua bela imagem refletida nas águas, até o dia em que nelas mergulhou e desapareceu.

---

O mesmo se deve dizer de todos aqueles que estão apegados apenas à beleza dos corpos e não a abandonam; não são os corpos e sim a sua alma que irá se afogar nas profundezas escuras e avessas à inteligência.

Fujamos, pois, em direção à nossa querida pátria: eis aqui o verdadeiro conselho que todos deveriam nos dar.

Como fugir? Como Odisseu, que escapou dos encantamentos de Circe e de Calipso; ou seja, que não consentiu em ficar com elas, apesar dos prazeres dos olhos e de todas as belezas sensíveis que encontrava. Nossa pátria é o lugar de onde viemos, e o bem só pode ser visto com o olho interior.

## 9

E o que é esse olho interior? Em seu despertar ele não pode ver os objetos brilhantes. É necessário acostumar a própria alma a ver primeiro as ocupações belas, depois as obras belas. Logo será necessário ver a alma daqueles que, estando ocupados de forma bela, realizam obras igualmente belas.

Como se pode ver esta beleza da alma boa? Volte-se para sua própria alma e procure-a aí. Faça como o escultor e não cesse de esculpir sua própria estátua até que o resplendor divino da virtude se manifeste, até que veja a temperança sentada sobre um trono sagrado.

Você se vê neste estado? Então você se tornou uma visão e sabe o que é o olho interior; doravante, manterá a confiança em você.

Fixe o seu olhar e contemple, lembrando-se que o olho deve se tornar parecido ao objeto que vê. Um olho jamais veria o Sol se antes ele não tivesse se tornado semelhante ao Sol. Nenhuma alma veria o belo sem ser, ela mesma, bela.

Que, primeiro, façamos que tudo seja divino e belo, se queremos contemplar o que é divino e belo. **THOT**

**MARIO  
KAMENETZKY**

Formado em engenharia, é cientista, professor e empresário. Trabalha na evolução histórica das estruturas da consciência e seus efeitos na organização e administração de empresas, economias e sociedades.

## **CONSCIÊNCIA E DIVERSIDADE CULTURAL**

*Breve introdução à  
evolução das estruturas  
da consciência*

**J**ean Gebser (1905-1973), em seu trabalho fundamental sobre as estruturas da consciência<sup>1</sup>, descreve a evolução dessa categoria mental desde que os primeiros humanóides começaram a diferenciar-se dos macacos. O operador consciente desses humanóides era muito pequeno, mas suficiente para fazê-los perceber o ambiente no qual se moviam – o aqui-e-agora da vida. A estrutura dessa consciência arcaica tinha também um pequeno inconsciente, no qual as pessoas registravam algumas de suas experiências. Esses registros eram capazes de fazer com que elas relembassem, por exemplo, que os tigres eram maus, porque quando esses animais atacam as pessoas elas sentem dor e a horda tem que deixá-las para trás quando se desloca. Certos grãos, por outro lado, poderiam ser reconhecidos como de gosto ruim ou agradável.

Naquele período inicial de nossa evolução, não havia ninguém para escrever códigos de crenças e comportamento nos discos rígidos ainda em botão da consciência humana. Não existiam culturas, e portanto não havia processos de aculturação.

A parte mais importante daquela consciência arcaica era o inconsciente. A partir dela, a natureza, a consciência cósmica, um espírito universal, ou um Deus, qualquer representação que fosse aceitável para um indivíduo dos dias atuais, era um guia de comportamento. Havia um mecanismo metabólico de luta-ou-fuga para enfrentar o tigre e outras ameaças semelhantes. Havia uma motivação inconsciente para o contato, o beijo, a carícia e a penetração de outros corpos, mas nada para

---

qualificar uma determinada ação como certa ou errada, boa ou má, recompensável ou punível. Os hominídeos se comunicavam entre si por meio da linguagem corporal, com sua mecânica visível e sua química invisível.

Foi quando emergiram as primeiras sociedades tribais que entramos na segunda geração das estruturas de consciência. Esse período durou algumas centenas de milhares de anos. Durante esse segundo período evolucionário, a capacidade do disco rígido de nosso inconsciente continuou a aumentar e nossa habilidade para conhecer sobre a natureza e usá-la continuou a se desenvolver. A partir de cada cultura tribal desdobrou-se uma determinada linguagem. Usando-a, cada cultura organizou seu próprio processo de aculturação, para adaptar seus recém-nascidos a um determinado conjunto de crenças e comportamentos.

Era o começo de um mundo multicultural, e desde então a relação entre as diferentes culturas tem sido inspirada pelo *amour propre* ou *amour de soi*. *Amour propre* é o amor que sentimos pelo que possuímos. *Amour de soi* é o amor que sentimos pelo que somos.<sup>2</sup> O processo de aculturação da maioria das sociedades tribais tinha por objetivo desenvolver o *amour propre*: apenas algumas preferiam cultivar o *amour de soi*.<sup>3</sup> O *amour de soi* em geral inspira atitudes como as descritas, em linguagem atual, no quadro I. De modo semelhante, as atitudes



---

em geral inspiradas pelo *amour propre* estão estereotipadas no quadro II. Quando o *amour propre* prevalece, a diversidade cultural, em vez de se tornar uma fonte de alegria, transforma-se numa fonte de conflito.

A tendência para a estruturação da consciência sob os padrões do *amour propre* em lugar do *amour de soi* aumentou quando as sociedades tribais cederam lugar às sociedades míticas que aprenderam a produzir alimentos, de modo que seus componentes deixaram de depender apenas da caça e da coleta. A aculturação pelo *amour propre* foi depois reforçada quando as estruturas racionais da consciência começaram a se basear em mitos.

A consciência racional implicou uma separação dos seres humanos da natureza. Devido a que a maioria das funções corporais parecem escapar ao controle da mente, o corpo foi considerado parte do mundo natural. Portanto, o corpo e a mente humana eram também separados. Além disso, no inconsciente das novas estruturas, a aculturação na direção da racionalidade substituiu os antigos mitos por dogmas, ideologias e crenças. Para mentes encarceradas nas espessas paredes dos dogmas, é fácil submeter-se a ideologias nas quais o *amour propre* justifica a dominação, às vezes a destruição de uma cultura pela outra.

Gebser sugere que agora estamos evoluindo para uma consciência integral, a-racional e não baseada em perspectivas. Ela não se baseia em perspectivas porque o mundo é conceitualizado pelos homens em sua própria complexidade, não a partir da perspectiva reducionista que vê a mente humana como a dona da Terra. É a-racional porque no processo de conceitualização se permite a mistura de sentimentos, intuições, instinto e pensamento lógico. A perspectiva foi uma grande conquista da razão. Ao separar o observador da realidade observada, ela pôde desenhar em um plano bidimensional a imagem de um mundo tridimensional. Mudar para um mundo não baseado em perspectivas não significa voltar à idade do pré-Renascimento, quando as pessoas e a natureza eram representadas juntas num pintura sem perspectivas volumétricas. A arte de um mundo visto sem base em perspectivas tentará, em vez disso, representar tão fielmente quanto possível a multidimensionalidade espiritual e mental de seres que habitam um espaço multidimensional.

Embora a terminologia de Gebser seja intelectualmente sedutora, prefiro definir o novo estágio como uma fase de consciência harmonizadora e integradora.<sup>4</sup> A palavra "integral", usada

---

por Gebser, quer dizer uma parte pertencente ao todo, e certamente a nova consciência deverá fazer com que sintamos assim. Entretanto, prefiro o termo “integrativo”, porque ele dá a idéia de um esforço para reunir o que a racionalidade separou. Acrescento o adjetivo “harmonizador” porque a nova consciência deve criar permutas, construir compromissos entre os opostos, convertendo-os em polaridades que, quando ligadas, farão surgir energia útil. Uma das principais tarefas da nova consciência é elaborar um equilíbrio mais razoável entre as exigências sociais que impomos a nós mesmos e às nossas necessidades naturais.

Será possível organizar esforços sociais para o desenvolvimento de estruturas integradoras e harmonizadoras da consciência que possam diminuir os modelos de aculturação dirigidos para o *amour propre*? Será que essas novas estruturas aumentarão a sociabilidade entre diferentes culturas? A resposta a ambas as questões é SIM! Trata-se de uma resposta apoiada por experimentos históricos e atuais. Testemunhei um destes e vou comentá-lo. Darei também alguns exemplos históricos.

**Cura e reconciliação pela promoção da mudança de consciência** – Há quase vinte anos, eu estava no Sri Lanka, um país convulsionado pela guerra entre dois grupos étnicos, os budistas singaleses e os indianos tamis. Na qualidade de especialista em ciência e tecnologia do Banco Mundial, estava buscando formas de aumentar a eficácia da transferência de recursos técnicos para os setores mais carentes da população de países pobres. Uma pesquisa bibliográfica anterior havia me esclarecido que o movimento *Sarvodaya*, no Sri Lanka, havia demonstrado uma alta eficácia nessa tarefa. Meu trabalho de campo me havia dito que essa eficácia aumentada era o resultado de intensificar ao mesmo tempo o conhecimento das pessoas e a sua consciência. A transferência de recursos era acompanhada pelo que os líderes do *Sarvodaya* chamavam de despertar da auto-atenção, que basicamente queria dizer ajudar os aldeões a superar as limitações de modelos anteriores de aculturação.

Minha experiência de campo me ensinou mais do que o simples desenvolvimento naquela aldeia. Tamis e singaleses trabalhavam juntos, em paz e alegremente, nas aldeias *Sarvodaya*. A poucos quilômetros de distância, porém, viviam em luta. Minha esposa eu nos sentimos à vontade enquanto estávamos nas aldeias. No entanto, quando viajávamos de carro de uma para outra, nós e nosso motorista singalês estávamos

sempre com medo. Nas aldeias *Sarvodaya*, singaleses e tamis percebiam habilmente a unidade e a origem espiritual comum da espécie humana, e buscavam aproveitar ao máximo o espaço que dividiam. Fora das aldeias, porém, estavam programados para competir entre si, uma competição que só poderia terminar pela separação de espaços, ou se um grupo dominasse o outro.

Quando visitei o Sri Lanka, o movimento *Sarvodaya* estava atuando em vários milhares de aldeias e envolvia cerca de cinco milhões de pessoas. As aldeias variavam em tamanho, desde as diminutas, como Manapityia, com apenas 70 habitantes, até as que forneciam grupos sociais para populações maiores, como Walana, que tinha seis mil membros. A maioria dos aldeões que estavam se juntando ao movimento não tinham terra e ganhavam menos de 50 dólares por ano. O movimento estava crescendo ao redor de centros de extensão regional e agentes de desenvolvimento das aldeias treinados nesses centros.

Depois de minha pesquisa de campo no Sri Lanka, entendi melhor Rousseau: a natureza humana não é perversa, é a sociedade que a perverte. Também entendi melhor Einstein: os problemas não podem ser resolvidos pela mesma consciência que os criou. Além disso, entendi o papel das estruturas de consciência e dos modelos de aculturação na modelagem de sociedades, economias, relações internacionais e mesmo relacionamentos domésticos.

Sempre que há um conflito, seja no Sri Lanka, na antiga Iugoslávia ou no Oriente Médio, os circunstantes dão pouca atenção à disposição mental do povo e seus líderes. Esses circunstantes podem tentar criar zonas etnicamente puras, esquecendo-se com frequência de que antes esses grupos étnicos estavam dividindo a terra e seus recursos por muitos anos. Quando deixadas a si mesmas, as culturas em contato estreito em geral desenvolvem algum tipo de sociabilidade, até que líderes religiosos ou políticos ambiciosos, gananciosos ou sem visão comecem a envenenar a mente das pessoas.

**O exemplo da Espanha moura** – O sul da Espanha permaneceu sob o controle dos muçulmanos do século 8 até o 16. A presença moura se irradiou a partir de três cidades principais: Córdoba, Sevilha e Granada. Em Córdoba, a dinastia dos Omíadas estabeleceu um califado baseado em “abertura e inclusão, não exclusão”.<sup>5</sup> Em algumas frases tiradas de seu livro *O espelho sepulto*, Carlos Fuentes reflete as conquistas que

---

resultaram dessa abertura e exclusão. Diz ele: "A filosofia grega e os textos clássicos marcharam de volta sobre os Pireneus para a Europa gótica (...) A ciência, a medicina e a astronomia foram dos muçulmanos do sul para os cristãos do norte, como a compilação dos contos hisdustânicos (...) Os três grandes mono-teísmos do mundo mediterrâneo, as religiões de Moisés, Jesus Cristo e Maomé começaram a sua longa, freqüentemente frutífera e ainda mais freqüentemente conflituosa (...) Córdoba assimilou a filosofia grega, a lei romana e a arte de Bizâncio e da Pérsia, mas também pediu respeito para as teologias do judaísmo e do cristianismo, bem como para os seus seguidores, que foram considerados pelos muçulmanos 'povos do Livro'".

Essa atitude de abertura e inclusão foi assimilada pelos primeiros reis espanhóis que, embora com o intento de reunir a Espanha sob o domínio cristão, adotaram uma política de coexistência cultural. Ferdinando III, que reconquistou Sevilha, e ainda mais o seu filho Alfonso X, chamaram para a sua corte intelectuais árabes e judeus.

Não entanto, sob as pressões de uma guerra prolongada, os líderes sucumbiram facilmente à ganância, à ambição pelo poder e ao uso malévolo de preconceitos para manter o esforço de combate. Depois da perda de Toledo para os cristãos, os tolerantes califas do sul pediram ajuda aos dogmáticos e fanáticos Almoravids e Almohads da África do Norte. Estes vieram para a Espanha para impor uma rígida ortodoxia, que pensavam que poderia ser útil na luta contra os exércitos cristãos e também para promover o fim da participação dos judeus nos negócios dos árabes. Enquanto isso, o norte da Espanha mudava da inclusão para a exclusão e da abertura para o fechamento. Em vez de reis que quisessem ser vistos como soberanos de três religiões, e uma igreja que considerasse repugnante a idéia de padres matarem seres humanos, foi celebrada uma aliança entre uma igreja combatente e reis intolerantes. A aliança terminou excluindo da Espanha todas as outras fés e culturas.

A mudança de atitude chegou ao clímax no fim do século 15, quando Granada, o último domínio muçulmano, caiu nas mãos dos espanhóis e Colombo descobriu o Novo Mundo. Depois de expulsar os muçulmanos e os judeus, e estabelecer o primado inquisitorial de uma única religião e de uma só cultura, a Espanha perdeu a criatividade que havia brotado da sociabilidade das três culturas. Com todas as suas imperfeições e contradições, os experimentos de sociabilidade, abertura e inclusão dos califas muçulmanos e dos antigos reis espanhóis

---

poderiam ter feito da Espanha um participante ativo do processo que moveu outras nações européias, primeiro na direção de um renascimento artístico, e depois para a democracia e para o capitalismo. Em vez disso, a despeito dos ganhos materiais advindos da conquista dos territórios americanos, a perda de criatividade e abertura fez a Espanha cair num sombrio subdesenvolvimento tecnológico e cultural que durou até o século 20.

A Espanha levou para as terras americanas conquistadas a mesma intolerância, divisionismo e sede de poder, fortuna e glória, que grassavam em seu próprio território. As colônias espanholas herdaram esses traços negativos de exclusão, intolerância fanática e *amour propre* exagerado, e as colônias tiveram muita dificuldade para superá-los quando se tornaram independentes, no século 19. Veremos a seguir um experimento de expansão de consciência cujo objetivo foi precisamente superar esses traços negativos.

**A Argentina antes e depois de Sarmiento** – Em 1810, a ocupação da Espanha pelas forças napoleônicas proporcionou à elite argentina a oportunidade de cortar os laços coloniais. Entretanto, logo a seguir, a vida independente do país foi ameaçada em duas frentes. No plano interno, os donos de terra locais desencadearam forças anárquicas ao explorar as estruturas mágicas e místicas que a Espanha implantou na população rural. Externamente, a monarquia espanhola recuperou forças após a derrota de Napoleão e se preparou para reconquistar suas antigas colônias.

A situação era tão desanimadora que por um momento alguns membros da elite pensaram que tinham apenas duas opções para evitar a catástrofe nos campos de batalha e restabelecer a ordem interna. Uma delas era chamar de volta o rei espanhol ou buscar outro monarca disponível. A outra opção era juntar-se a uma nação estrangeira como estado autônomo. Essas foram atitudes típicas das estruturas racionais da consciência que, sob a ação do medo, racionalizaram soluções que em outras circunstâncias rejeitariam como contrárias à sua civilização republicana. Os planos de magia e mito que subjazem às nossas estruturas racionais com freqüência pregam peças até às mentes mais brilhantes. Às vezes, a magia e o mito nos fazem acreditar que a pompa dos símbolos ou o poder de fontes externas podem resolver problemas criados por uma disposição mental profundamente situada.

---

Por volta de 1825, a ação combinada de dois militares, José de San Martín e Simón Bolívar, livrou a Argentina e outros países da eterna ameaça. Contudo, na Argentina cresceu a anarquia interna, que desencorajou os repetidos esforços para o desenvolvimento da nova nação. Foi somente em 1853 que um grupo de intelectuais, esclarecidos e corajosos, finalmente enfrentaram a ameaça interna e assumiram a tarefa de organizar um país moderno e livre.

Eles entenderam que sua tarefa deveria começar com um esforço em larga escala para expandir a consciência da população, construindo sobre as bases dos mitos e estruturas racionais. Juan Bautista Alberdi, um dos jovens pensadores desse grupo, falou de suas preocupações neste parágrafo: "É a consciência profunda e reflexiva de seu povo que civiliza uma nação. Antes ela é apenas um conglomerado que se move instintivamente e espontaneamente, sem conhecer a si própria e, portanto, incapaz de determinar o porquê, o onde e o quando de seus movimentos".<sup>8</sup>

Outro membro destacado do grupo intelectual que organizou a nação foi um educador de origem humilde, poderoso intelecto e apaixonada curiosidade. Seu nome era Domingo Faustino Sarmiento. Em 1874, ele foi convidado pelo governo chileno para aprender sobre os sucessos e fracassos dos sistemas educacionais nos países mais avançados. Depois de viajar pela Europa, ele visitou os EUA e frequentou o grupo de intelectuais bostonianos que vinham se reunindo em torno de Horace Mann, Henry W. Longfellow e Ralph W. Emerson. As amizades que estabeleceu na época foram posteriormente cultivadas durante a sua segunda estadia como embaixador argentino nos EUA, de 1864 a 1868. Quando Sarmiento assumiu a presidência da Argentina (1868-1874), organizou as primeiras escolas normais onde as novas professoras argentinas começaram a ser treinadas. Para essa tarefa, ele buscou a ajuda de Mary Mann, a viúva de Horace Mann, que mandou um grupo de 65 professoras americanas para a Argentina. Sobre essa pedra fundamental, Sarmiento e Nicolás Avellaneda, seu Ministro de Educação Pública e sucessor na presidência, começaram a construir o sistema educacional do país. A tarefa foi inteiramente executada por volta de 1880, sob a presidência de Julio A. Roca. Naquela época, por lei, a educação primária se tornou gratuita, compulsória e laica.

A partir da administração de Sarmiento, o número de escolas bem mobiliadas aumentou sem cessar, e os professores adquiriram um alto *status* social e retorno monetário adequado.

---

Ao reestruturar a consciência das populações indígenas e dos imigrantes pobres – que estavam chegando em quantidades crescentes com mentes também profundamente impregnadas de magia e mito – o sistema escolar argentino criou as condições mentais de que o avanço socio-econômico necessitava.

Por volta do fim do século 19, a Argentina alcançou várias metas: seu índice de alfabetização era superior a 90%; os imigrantes haviam formado prósperas comunidades, transformando as áreas rurais, formadas por campos abertos, onde o gado pastava livremente em pastagens silvestres, em glebas cercadas e cultivadas; foram regulamentados os direitos de propriedade; estradas de ferro começaram a cruzar as partes mais desenvolvidas do país; e, finalmente, indústrias começaram, vagarosamente, a complementar a paisagem antes puramente agrária.

O antigo sistema mercantil, baseado na exportação de matérias-primas de terras incultas e importando tudo o mais, começou a ceder lugar a atividades de capital. As indústrias locais começaram a transformar matérias-primas indígenas. Firms locais assumiram a manutenção de bens de capital importados. As atividades rurais se diversificaram para incluir a produção de grãos nas estâncias (grandes fazendas) e em áreas menores em volta das colônias de imigrantes. Maiores oportunidades de mercado levaram à formação de uma ampla classe média, que começou a compartilhar a riqueza com os tradicionais donos de terra. Camponeses e aldeões deixaram de ser fornecedores de alimento e fazer papel de carne de canhão para os exércitos particulares dos proprietários de terras, e tornaram-se trabalhadores mal pagos nas estâncias e plantações, nas quais mais pareciam servos do que assalariados modernos. Alguns se mudaram para Buenos Aires e se juntaram aos imigrantes para criar uma classe trabalhadora que se auto-organizou sob uma liderança predominantemente socialista e democrática.

O progressivo impulso dos primeiros esforços reestruturadores da consciência coletiva durou sete décadas, desde cerca de 1860 até 1930. Em seu estudo da história argentina, David Rock comenta: “À época do começo da Segunda Guerra Mundial, o salário *per capita* igualava o da Alemanha e o dos Países Baixos, e era maior do que o da Espanha, Itália, Suécia e Suíça. Tendo crescido a uma média anual de 6,5% desde 1869, Buenos Aires tornou-se a segunda cidade da costa atlântica, depois de Nova York e, de longe, a maior da América Latina. (...) Por volta de 1911, o comércio exterior da Argentina era maior do que o do Canadá e um quarto do dos EUA. A Argentina era o

---

maior produtor mundial de milho e linhaça, o segundo de lã e o terceiro de gado vivo e de cavalos. Embora estivesse apenas no sexto lugar como produtor de trigo, o país era o terceiro, e em alguns anos o segundo maior exportador. Apesar da competição pela terra, e pelo gado e pelas colheitas forrageiras, a expansão do cultivo de trigo após 1960 ultrapassou o do Canadá (...) De um modo geral, as condições das classes trabalhadoras em Buenos Aires eram as mesmas das cidades da Europa Ocidental. (...) Em comparação com as cidades dos EUA no período, Buenos Aires era relativamente livre de guetos étnicos, e sua força trabalhadora altamente móvel fez dela uma cidade com muito pouco desemprego permanente”.<sup>9</sup>

**Comentários e conclusões** – O compartilhamento do espaço, dos recursos e das tradições por duas ou mais culturas se torna mais fácil quando elas estruturam a consciência de suas populações em torno de modelos de crença e comportamento inspirados no *amour de soi*. Isso ocorre porque a consciência está no nível mágico, mítico, ou no plano racional de evolução. No último caso, entendemos a necessidade de socialização ao mesmo tempo em que experienciamos as vantagens e a alegria de compartilhar.

É o *amour propre* das elites poderosas que sabe como mobilizar a magia e os mitos para fazer com que as populações sob seu controle se prestem a seus interesses e desejos econômicos e de poder, os quais com frequência se opõem aos interesses e desejos das elites de outras culturas. É certamente mais difícil entusiasmar a mente racional com esses cantos de sereia. Por essa razão, as elites poderosas têm historicamente tentado manter as massas longe de uma racionalidade total, dando a elas somente aqueles elementos racionais que possam torná-las mais produtivas como trabalhadores e mais eficientes como guerreiros. Contudo, mesmo uma racionalidade avançada pode cair presa da magia e do mito, quando o corpo está em estado de necessidade e a mente, perturbada. O cruel experimento dos nazistas num país louvado por sua cultura racional é uma boa prova de que as estruturas racionais podem criar as condições de seu próprio desaparecimento. Isso tem acontecido repetidamente, desde que a racionalidade emergiu de dentro das sociedades míticas, há cerca de três mil anos. As pessoas foram destruídas e mutiladas em incontáveis guerras, ofuscadas e cegadas pela magia e pelo mito, os desígnios ambiciosos de líderes que não amavam a si mesmos pelo que eram, mas pelo que possuíam.

Isso pode ser menos fácil de fazer com a nova consciência integradora e harmonizadora sonhada por Teilhard de Chardin e que Gebser viu emergindo. Ela pode ser mais resistente a manipulações destrutivas da magia e do mito porque integra pensamentos e sentimentos, intuições, sabedoria e conhecimento, e tem como objetivo harmonizar as necessidades naturais com as necessárias contingências sociais.

Em essência, a nova consciência está sendo construída sobre estruturas racionais moldadas pelo *amour de soi*. Ela repousa sobre os antigos planos de magia e mito que são desfrutados como tal, sem tentar destruí-los nem permitir que eles solapem a racionalidade. E se liga abertamente ao subsolo arcaico de nossa origem sempre presente, tentando exercer o abundante amor por nós mesmos, pelos nossos semelhantes e pela natureza, que brota das fontes espirituais ali alojadas. Esses esforços de exercer o amor levam ao desfrute total da vida, aceitando suas luzes poderosas e também suas sombras.

Nossos sistemas escolares ainda estão longe de ajudar as novas gerações a desenvolver essas novas estruturas. As escolas ainda estão mandando aquelas gerações explorar as regiões polares sem roupa e usando mapas dos lagos italianos.<sup>10</sup> É por causa dessa demora da educação em acompanhar o processo evolutivo que os israelitas e palestinos ainda estão atirando pedras e bombas uns nos outros, em vez de juntar as pedras para construir empresas comuns.

Quando seus sistemas escolares mudarem, eles aprenderão, como fez o povo do Sri Lanka nas aldeias *Sarvodaya*, que é mais produtivo e agradável unir espaços do que dividi-los. Eles aprenderão a compartilhar alimentos, música, arte, conhecimento e tradições, em vez de usá-los como munição para provar a superioridade de uma cultura sobre a outra. E então o Muro das Lamentações poderá servir de base para um templo único, onde Jeová, Cristo e Alá sejam adorados juntos. As pessoas virão até ele para desfrutar os mitos criados em torno dessas três representações do Criador em vez de chorar tragédias passadas, criadas pela manipulação racional daqueles mitos.

E quando a educação nos EUA se desviar da competição e da eficiência no rumo da integração e da harmonia, os negros, os amarelos, os brancos e os pardos nem se misturarão num *fondue* com estrutura, cor e sabor únicos, nem se arranjarão em bolos de diferentes cores, consistências e sabores. Em vez disso cozinharão um ensopado, que poderá ser provado na delícia da beleza integral de seu sabor, textura e aparência, e na consistência diferenciadora da massa e do gosto de cada um de seus componentes.

TABELA I - COMPORTAMENTO INSPIRADO NO AMOUR DE SOI

ATITUDE	DESCRIÇÃO
<b>Parceria com a natureza</b>	A natureza é fonte de alimento, nutrição para meu corpo e da beleza que me faz feliz. Ela também me inspira a refletir sobre minha relação com o espírito do Criador que anima todo o Universo. Sou um co-criador da contínua evolução do planeta Terra, cujo meio ambiente devo tentar preservar e melhorar para o benefício das gerações que virão.
<b>Senso histórico</b>	Sou também co-criador na evolução da sociedade humana. Tendo criado os conceitos de justiça social e liberdade pessoal, tentarei constantemente melhorá-los e expandir a sua aplicação.
<b>Profunda espiritualidade</b>	O espírito criador universal fala comigo por meio do meu corpo, além e dentro dele. Como co-criador, as decisões que afetam só a mim devem ser tomadas apenas pelo diálogo com esse parceiro onipresente. Embora eu possa revelar meu diálogo espiritual aos outros e discutir com eles minhas decisões, estas são de minha única responsabilidade.
<b>Momentos de entrega</b>	Devo estar sempre pronto para entregar-me ao amor e à vida, incluindo a pacífica entrega final à morte, mas devo também procurar cuidar da minha saúde até o último minuto.
<b>Aceitação do corpo</b>	Sinto-me confortável com todas as partes do meu corpo e tentarei aperfeiçoá-las.
<b>Integração e unidade</b>	Não oculto idéias ou sentimentos e, para aperfeiçoá-los, gosto de saber como os outros pensam e sentem. Aprecio a diversidade e a textura das formas do corpo, dos modelos de comportamento e das crenças culturais.
<b>Apreciação da vida</b>	Não acumulo as criações materiais da mente humana: eu as uso para aumentar minha apreciação do que a vida e a natureza podem oferecer. Rejeito a acumulação e o excesso de sofisticação, porque eles atrapalham em vez de ajudar essa apreciação.
<b>Exercício do amor</b>	Não me envergonho dos caprichos sexuais polimórficos que ainda emergem das arcaicas estruturas de minha sempre presente origem como criatura da natureza. Por meio do romance, do erotismo e da brincadeira, tentarei aparar essas arestas e manter uma relação feliz e saudável com meus parceiros. Os lares organizados segundo esse modelo de comportamento proporcionam os fundamentos sobre os quais construir sociedades igualmente sadias e felizes.

TABELA II – COMPORTAMENTO INSPIRADO NO AMOUR PROPRE

ATITUDE	DESCRIÇÃO
<b>Vergonha do corpo</b>	Não deixarei que os outros vejam o meu corpo nem permitirei que eles me mostrem os seus. Não tenho controle sobre o formato do meu corpo nem permitirei que os outros o completem com os seus.
<b>Separativismo (e/ou)</b>	Quem não compartilha minhas idéias e sentimentos e minha percepção de mundo está contra mim. Minha raça, minha religião e minha cultura são superiores a todas as outras.
<b>Desfile de riquezas</b>	As conquistas de meus filhos, a beleza de minha mulher, meu carro, minha casa e todos os meus bens são partes de mim e de minha posição no mundo.
<b>Poder e controle</b>	Domino os outros ao meu redor: membros da família, acionistas, funcionários, sócios, fornecedores e consumidores, quando sou dono de empresa; colegas, se sou um profissional liberal, político ou artista. Quando o dinheiro e a persuasão não são suficientes, a força garantirá essa dominação. O mundo está dividido em massas submissas e patrões vorazes.
<b>Controle da natureza</b>	A natureza deve ser explorada pelos seres humanos, mesmo que isso resulte em destruição de algumas de suas partes.
<b>Nenhum senso histórico</b>	Depois de mim, o dilúvio.
<b>Espiritualidade como mais uma relação baseada no poder</b>	Deus é um único ser mais poderoso do que eu, mas é meu aliado.
<b>Momentos de entrega</b>	Eu me entrego somente quando estou doente (venha, doutor, dê um jeito em mim) ou com problemas legais (advogado, venha pagar a minha fiança).
<b>O amor como outra relação baseada no poder</b>	Nos jogos do amor também há vencedores e perdedores.

THOT

---

NOTAS

1. Jean Gebser, *The ever-present origin*. Athens, Ohio, Ohio University Press, 1985.
2. Para mais dados a respeito desse aspecto, ver J.J. Rousseau, *Emílio ou da educação*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1992.
3. Há uma grande quantidade de pesquisas sobre esse aspecto. Ver, entre outros, a obra de Ashley Montagu e um artigo seminal de James Prescott:  
Ashley Montagu, Editor, *Culture and human development; insights into growing human*, Englewood Cliffs, Nova Jersey, Prentice-Hall, 1974.  
James W. Prescott, *Body pleasure and the origins of violence*, *The Bulletin of the Atomic Scientists*, volume 31, número 9, novembro, 1975, pp. 10-20.
4. Mario Kamenetzky, *The invisible player; consciousness as the soul of economic, social and political life*. Rochester, Vermont, Inner Traditions International, no prelo.
5. Carlos Fuentes, *The buried mirror; reflections on Spain and the New World*. Nova York, Houghton Mifflin Co., 1992, p. 53.
6. *Ibidem*.
7. Ver Carlos A. Floria & Cesar García Nelsunce, *Historia de los argentinos*, Buenos Aires, Larousse Argentina, 1992, vol. I, pp. 380-385 e 403-407.
8. Jorge Mayer, *El pensamiento vivo de Alberdi*, Buenos Aires, Losada, 1984, p. 33.
9. David Rock, *Argentina 1516-1987: from spanish colonization to Alfonsín*. Berkeley, California, University of California Press, 1987, p. 172.
10. Estou parafraseando um comentário de Freud sobre educação. Ver Sigmund Freud, *Civilization and its discontents*, tradução e edição de James Strachey, Nova York, W.W. Norton, 1961, p. 81.

**HANS  
KÜNG**

Teólogo  
ecumênico  
holandês e  
autor de  
diversas obras,  
dentre elas,  
*Projeto de Ética  
Mundial*,  
Edições Paulina.

# Declaração do Parlamento das Religiões do Mundo para uma ética global



*A história de um dos documentos mais importantes deste fim de século, contada por um de seus principais criadores*

---

○ Conselho para um Parlamento das Religiões do Mundo em Chicago delegou-me a função de desenvolver um esboço de uma Declaração das Religiões para uma Ética Global. Essa foi para mim uma tarefa extremamente difícil. Em todo caso, depois de ter que lidar com os problemas semelhantes durante um semestre inteiro (1992), num colóquio interdisciplinar com participantes de várias religiões e continentes, tive condições de produzir um esboço inicial e enviá-lo a vários colegas e amigos para correção.

Este primeiro rascunho recebeu ampla aprovação daqueles a quem foi enviado. Ao mesmo tempo, dezenas de sugestões para correções formais, bem como de conteúdo, foram dadas. Levei-as em consideração o mais cuidadosamente possível, num segundo esboço; dessa maneira, o texto ganhou em precisão. Desejo estender meus sinceros agradecimentos àqueles que participaram deste importante projeto, seja no colóquio interdisciplinar ou em colaboração desde o início, por meio de correspondência.

Gostaria de indicar aqui, de modo breve, os princípios que me guiaram nessa tarefa.

1. Em primeiro lugar, esta deveria ser uma declaração das religiões, que poderia mais tarde ser seguida por uma declaração geral (como, por exemplo, no âmbito da UNESCO).
2. Numa declaração para uma ética mundial, o foco não poderia incidir sobre o plano das leis, direitos codificados e parágrafos recorríveis (como no caso dos direitos humanos, por exemplo), ou no plano político, de sugestão de soluções concretas (como na crise da dívida do Terceiro Mundo), mas apenas no nível ético: o âmbito dos valores agregadores, padrões irrevogáveis e atitudes interiores fundamentais. É claro que esses três níveis estão relacionados entre si.
3. Houve sugestões para tornar a declaração mais "religiosa". Contudo, novas dificuldades resultariam daí. Se, por exemplo, falássemos "em nome de Deus," *a priori* excluiríamos os Budistas. Além do mais, não há consenso sobre a definição do que é "religião". Em todo caso, referi-me claramente à dimensão da transcendência, sem forçar a anuência dos não religiosos, que esta declaração deve incluir.

4. Por outro lado, houve sugestões para tornar a declaração menos "religiosa". Contudo, se as religiões, em essência, apenas repetissem os princípios da Declaração dos Direitos Humanos das Nações Unidas, tal declaração se tornaria supérflua; uma ética é mais do que um conjunto de direitos. É claro que nossa Declaração para uma Ética Global pode ser um apoio ético à Declaração dos Direitos Humanos da ONU. De fato, é totalmente desejável que a UNESCO ou a ONU, assim que possível, também apresentem uma Declaração para uma Ética Global.
5. A declaração deve ser capaz de produzir consenso. Portanto, devem-se evitar afirmações que *a priori* seriam rejeitadas por uma das grandes religiões e, conseqüentemente, questões morais controversas (como aborto ou eutanásia) tiveram de ser excluídas.
6. Esta deve ser uma declaração formulada em linguagem amplamente compreensível, o que evitará argumentos técnicos e jargões, e passível de tradução em diversos idiomas. Pareceu-me ser mais compreensível começar com definições negativas e, em seguida, mudar para afirmações positivas.

Esta declaração foi assinada pela maioria dos quase duzentos delegados das religiões mundiais que participaram do Parlamento das Religiões do Mundo, ocorrido no centenário do primeiro Parlamento Mundial das Religiões, em Chicago, em 1893. O Parlamento das Religiões do Mundo de 1993 (com a participação de 6.500 pessoas) ocorreu entre 28 de agosto e 4 de setembro de 1993 em Chicago, e esta declaração foi solenemente proclamada em 4 de setembro de 1993.

**Considerações explicativas** – O mundo está experimentando uma crise fundamental: a crise na economia global, na ecologia global e na política global. A falta de grandes visões, o emaranhado dos problemas não resolvidos, a paralisação política, lideranças políticas medíocres com pouca visão interior e exterior e, em geral, muito pouco senso de bem comum são vistos por toda parte. Há muitas respostas antigas para novos desafios.

Centenas de milhões de seres humanos em nosso planeta sofrem cada vez mais com o desemprego, pobreza, fome e a destruição de suas famílias. A esperança de uma paz duradoura entre as nações afasta-se de nós. Há tensões entre os sexos e

as gerações. Crianças morrem, matam e são mortas. Cada vez mais países são abalados pela corrupção na política e nos negócios. É cada vez mais difícil viver pacificamente em nossas cidades, devido aos conflitos sociais, raciais e éticos, o abuso de drogas, o crime organizado e até a anarquia. Mesmo vizinhos freqüentemente vivem com medo uns dos outros. Nosso planeta continua a ser impiedosamente pilhado. Um colapso dos ecossistemas nos ameaça.

Repetidamente, vemos líderes e membros de religiões incitar a agressão, o fanatismo, o ódio e a xenofobia – e até inspirar e legitimar conflitos violentos e sangrentos. A religião é muitas vezes usada apenas para fins de poder político, incluindo a guerra. Estamos desgostosos.

Condenamos esses males e declaramos que eles não são inevitáveis. Já existe, nos ensinamentos religiosos do mundo, uma ética que pode conter a dor global. É evidente que essa ética não oferece solução direta para todos os imensos problemas mundiais. Mas proporciona fundamentos morais para uma melhor ordem individual e global – uma visão que pode afastar mulheres e homens do desespero, e a sociedade, do caos.

Somos pessoas comprometidas com os preceitos e práticas das religiões do mundo. Confirmamos que já existe um consenso entre elas, que pode ser a base para uma ética global – um consenso fundamental mínimo a respeito de valores agregadores, padrões irrevogáveis e atitudes morais fundamentais.

## **1. Nenhuma ordem mundial melhorará sem uma ética global**

Nós, mulheres e homens de várias religiões e regiões da terra, nos dirigimos aqui a todas as pessoas, religiosas e não religiosas, pois compartilhamos as seguintes convicções:

*que todos somos responsáveis por uma ordem mundial melhor;*

*que a luta pelos direitos humanos, liberdade, justiça, paz e preservação da terra é justa e necessária;*

*que nossas diferentes religiões e tradições culturais não devem impedir nosso envolvimento comum em oposição a todas as formas de desumanidade e o trabalho para uma maior humanização;*

*que os princípios expressos nesta declaração podem ser afirmados por todas as pessoas com convicções éticas, religiosamente fundamentadas ou não;*

---

*que nós, como mulheres e homens religiosos que baseamos nossas vidas numa realidade última, e que dela tiramos força espiritual e esperança por meio da fé, da oração ou meditação, em palavras ou silêncio temos, contudo, uma responsabilidade muito especial pelo bem-estar de toda a humanidade.*

Depois de duas guerras mundiais, do colapso do fascismo, nazismo, comunismo e colonialismo, e do fim da guerra fria, a humanidade entrou numa nova fase de sua história. Ela tem hoje suficientes recursos econômicos, culturais e espirituais para instaurar uma ordem mundial melhor. Mas novas tensões étnicas, nacionais, sociais e religiosas ameaçam a construção pacífica de um mundo assim. Nossa época experimentou um progresso tecnológico nunca antes ocorrido, e no entanto ainda somos confrontados pelo fato de que a pobreza, a fome, a mortalidade infantil, o desemprego, a miséria e a destruição da natureza, em âmbito mundial, não diminuíram, mas aumentaram. Muitas pessoas estão ameaçadas pela ruína econômica, desordem social, marginalização política e pelo colapso nacional.

Em tal situação crítica, a humanidade não precisa apenas de ações e programas políticos, mas também de uma visão de convívio pacífico entre as pessoas, grupos étnicos e éticos e religiões; precisa de esperanças, metas, ideais, referências. Mas estes escaparam das mãos das pessoas ao redor do mundo. Será que as religiões, contudo, apesar de suas freqüentes falhas históricas, não têm a responsabilidade de demonstrar que tais esperanças, ideais e referências podem ser cultivados, defendidos e vividos? Isso é especialmente verdadeiro em relação ao Estado moderno: exatamente porque ele garante a liberdade de consciência e religião, e precisa de valores agregadores, convicções e normas que sejam válidos para todas as pessoas, não importando a sua origem social, cor da pele, idioma ou religião.

Estamos convencidos da unidade fundamental da família humana. Portanto, rememoramos a Declaração Universal dos Direitos Humanos das Nações Unidas de 1948. Aquilo que ela formalmente proclamou em termos de direitos, gostaríamos de confirmar e aprofundar aqui, na perspectiva de uma ética: a integral realização da dignidade intrínseca da pessoa humana, da liberdade inalienável, da igualdade de todas as pessoas, e a necessária solidariedade de toda a humanidade.

Baseados em experiências de vida pessoal e na história opressiva de nosso planeta aprendemos:

---

*que uma ordem mundial melhor não pode ser criada ou, efetivamente, respeitada apenas por meio de leis, prescrições e convenções;*

*que a realização da justiça em nossas sociedades depende do discernimento e da prontidão para agir justamente;*

*que ações em favor de direitos presumem uma consciência de dever, e que portanto devemos nos dirigir tanto às mentes quanto aos corações das mulheres e homens;*

*que direitos sem moralidade não podem durar muito, e que não haverá uma ordem mundial melhor sem uma ética global.*

Não entendemos ética global como uma única religião acima de todas as demais, e certamente não como a dominação de uma religião sobre todas as outras. Por ética global entendemos um consenso fundamental sobre valores unificadores, padrões incondicionais e atitudes pessoais. Sem tal consenso ético básico, qualquer comunidade será cedo ou tarde ameaçada pelo caos ou ditadura.

## **2. Uma exigência fundamental: todo ser humano deve ser tratado humanamente**

Contudo, porque somos todos homens e mulheres falíveis, com limitações e defeitos, e porque estamos conscientes da realidade do mal, sentimo-nos compelidos, em nome do bem-estar da humanidade, a expressar nesta declaração nossas convicções sobre quais deveriam ser os elementos fundamentais de uma ética global – tanto para indivíduos como para comunidades e organizações, para Estados como também para as próprias religiões. Pois acreditamos que nossas religiões e tradições éticas, muitas vezes milenares, contêm elementos suficientes de uma ética convincente e praticável para todas as mulheres e homens de boa vontade, religiosos e não religiosos, e que podem, portanto, formar uma fundação moral comum para uma vida humana conjunta em nossa terra.

Ao mesmo tempo, sabemos que nossas diversas religiões e tradições éticas muitas vezes oferecem referências muito diferentes a respeito do que é útil e do que é inútil para os homens e as mulheres, o que é certo e o que é errado, o que é bom e o que é mau. Não queremos disfarçar ou ignorar as sérias diferenças entre cada uma das religiões. Contudo, elas não devem nos impedir de proclamar publicamente aquilo que já temos em comum agora, ao que juntos sentimo-nos comprometidos, cada um referindo-se às suas próprias bases religiosas ou éticas.

---

Estamos conscientes de que as religiões não podem solucionar os problemas econômicos, políticos e sociais deste mundo. Contudo, elas podem certamente oferecer aquilo que obviamente não pode ser obtido apenas mediante planos econômicos, programas políticos ou regulamentações legais: podem promover uma mudança na orientação interior, na mentalidade, no “coração” das pessoas, e levá-las a uma “conversão” de um caminho falso para uma nova orientação de vida. As religiões são capazes de proporcionar às pessoas um horizonte de sentido para suas vidas, padrões supremos e um lar espiritual. É evidente que elas só podem atuar com credibilidade quando eliminam os conflitos que afloram em si próprias, e desmontam imagens e preconceitos, medos e desconfianças mutuamente hostis.

Todos sabemos que hoje, como antes, em todo o mundo mulheres e homens são tratados desumanamente: são roubados em sua liberdade e oportunidades; seus direitos humanos são pisoteados; sua dignidade humana é desprezada. Mas ter poder (para) não significa ter direito (de). Face a toda a desumanidade, nossas religiões e convicções éticas exigem que cada ser humano seja tratado humanamente.

Isso significa que cada homem – sem distinção de sexo, idade, raça, cor da pele, idioma, religião, opção política, ou origem nacional ou social – possui uma dignidade inalienável e intocável. E todos, tanto indivíduos como Estados, são obrigados a honrar essa dignidade e garantir sua efetiva proteção. Os seres humanos devem sempre ser os sujeitos dos direitos, devem ser os fins, nunca meros meios, nunca objetos de comercialização e industrialização na economia, política e meios de comunicação, em institutos de pesquisa e empresas. Também em nossa era nenhum ser humano, nenhuma classe social, nenhum grupo influente de interesses, nenhum cartel de poderosos e igualmente nenhum Estado se eleva acima do bem e do mal. Não, todos os homens e mulheres, como seres dotados de razão e consciência, são obrigados a agir de forma genuinamente humana, e não desumana, a fazer o bem e não o mal!

Esclarecer o que isso significa concretamente é a intenção da nossa declaração. Gostaríamos de recordar que normas éticas não devem ser algemas e correntes, mas ajuda e suporte para os seres humanos, para que eles sempre encontrem e realizem novamente a direção, os valores, a orientação e o sentido de suas vidas.

---

Para uma atitude autenticamente humana, lembramos especialmente a Regra de Ouro que tem sido mantida em muitas religiões e tradições éticas há milhares de anos: aquilo que você não quer que seja feito a você, não o faça a outros. Ou, afirmativamente: aquilo que você quer que lhe seja feito, faça-o aos outros. Essa deveria ser a norma irrevogável e incondicional para todas as áreas da vida, para as famílias e as comunidades, para as raças, nações e religiões. A autodeterminação e a auto-realização são absolutamente legítimas – enquanto não estiverem separadas da responsabilidade individual e da responsabilidade global, da responsabilidade pelos outros seres humanos e pela natureza. Toda forma de egoísmo, contudo, toda auto-referência, seja ela individual ou coletiva, seja na forma de pensamento de classe, racismo, nacionalismo ou sexismo, deve ser rejeitada. Pois isso impede os humanos de ser autenticamente humanos.

A regra de ouro implica padrões muito concretos aos quais nós, humanos, deveríamos e gostaríamos de nos apegar firmemente, pois concernem ao bem-estar tanto dos indivíduos como da humanidade. Existem, acima de tudo, quatro antigas orientações para o comportamento humano, que são encontradas na maioria das religiões do mundo. Deveriam ser evocadas junto com uma visão para uma ordem mundial melhor.

### **3. Quatro diretivas irrevogáveis**

#### **1. Para uma cultura de não-violência e respeito à vida**

- a) Incontáveis mulheres e homens, de todas as regiões e religiões, lutam para levar uma vida que não seja determinada pelo egoísmo, mas sim pelo compromisso para com os outros seres humanos e para com o mundo ao seu redor. Contudo, no mundo de hoje ainda existe ódio, rancor, inveja e violência sem fim, não apenas entre indivíduos mas também entre grupos sociais e étnicos, classes, raças, nações e religiões. A tendência ao uso da violência e do crime organizado, equipados com novas possibilidades técnicas, alcançou proporções globais. Muitos lugares ainda são governados pelo terror, e grandes, bem como pequenos ditadores, oprimem seu próprio povo. Até mesmo em algumas democracias prisioneiros são torturados, homens e mulheres são mutilados, reféns são mortos.

---

b) Entretanto, nas grandes religiões antigas e nas tradições éticas da humanidade, encontramos o ensinamento: não matarás! Ou, em termos positivos: Tenha respeito pela vida! Concretamente, isso significa que ninguém tem o direito de torturar, ferir e, certamente, de matar nenhum outro ser humano. E nenhum povo, nenhuma raça, nenhuma religião, têm o direito de odiar, discriminar, e certamente de exilar ou liquidar uma minoria "estrangeira" que seja diferente nos costumes e nas crenças.

c) Portanto, os jovens deveriam aprender, já em seus lares e na escola, que a violência não deve ser um meio de resolver as diferenças com os outros. Só então poderá ser criada uma cultura de não-violência. Todas as pessoas têm direito à vida, à integridade corporal e ao desenvolvimento da personalidade, enquanto não ofenderem os direitos dos outros. É claro que onde quer que existam humanos haverá conflitos. Estes, entretanto, devem ser resolvidos sem violência. Isso é verdade, tanto para Estados como para indivíduos, pois os detentores de poder político devem sempre comprometer-se primeiramente com as soluções não violentas, no contexto de uma ordem internacional pacífica. E esta também tem necessidade de proteção e defesa contra os perpetuadores da violência. O armamentismo é um caminho equivocado, o desarmamento é a ordem do dia. Não haverá sobrevivência para a humanidade sem a paz.

A pessoa humana é infinitamente preciosa e deve ser incondicionalmente protegida. Mas, igualmente, a vida dos animais e das plantas que coabitam este planeta conosco merecem proteção, preservação e cuidado. Como seres humanos, temos também responsabilidade pelo ar, água e solo, com vistas às gerações futuras.

A dominação da humanidade sobre a natureza e o cosmos não deve ser propagada, mas, em seu lugar, a convivência harmônica com a natureza e o cosmos deve ser cultivada. Falamos de um respeito à vida, a toda forma de vida.

d) Sermos autenticamente humanos no espírito das nossas grandes religiões e tradições éticas significa que, tanto na vida pública como na vida privada, não devemos ser impiedosos e brutais, mas sim preocupados com os outros e dispostos a ajudar. Todos os povos, raças e religiões

---

devem demonstrar tolerância, respeito, e mesmo alto apreço pelos demais. As minorias – sejam elas raciais, étnicas ou religiosas – precisam de nossa proteção e apoio.

2. Para uma cultura de solidariedade e de ordem econômica justa

- a) Incontáveis seres humanos, em todas as regiões e religiões, lutam ainda hoje para viver uma vida em solidariedade com os demais, de trabalho e autêntico preenchimento de suas vocações. Apesar disso, no mundo de hoje existem fome sem fim, deficiências e necessidades, pelas quais não apenas indivíduos, porém mais ainda estruturas injustas, são responsáveis. Milhões de homens e mulheres estão sem trabalho, milhões são explorados, expulsos para a margem da sociedade, com suas possibilidades futuras destruídas por um trabalho mal pago. Em muitos lugares, o espaço entre os pobres e os ricos, entre os poderosos e os desprotegidos, é monstruoso. Num mundo no qual o socialismo de estado, bem como o capitalismo lucrativo, esvaziaram muitos valores éticos e espirituais por meio de uma visão meramente político-econômica das coisas, a avidez por lucros ilimitados, a cobiça por pilhagens sem fim poderiam disseminar-se, bem como uma mentalidade materialista, de reivindicações que constantemente exigem mais dos governos, sem obrigar cada um a contribuir mais. O câncer social da corrupção cresceu tanto nos países em desenvolvimento quanto nos desenvolvidos.
- b) Contudo, nas grandes religiões antigas e nas tradições éticas da humanidade, encontramos o ensinamento: não roubarás! Ou, em termos positivos: sê honesto! E, de fato, nenhum homem tem o direito de roubar ou despojar – de nenhuma maneira – outros seres humanos ou o bem público. Reciprocamente, nenhum ser humano tem o direito de usar seus bens sem se importar com as necessidades da sociedade. Onde reina a pobreza extrema ocorrerão roubos, muitas vezes por necessidade de sobrevivência, se o completo abandono e o desespero esmagador ainda estiverem reinando. E onde o poder e a riqueza são acumulados sem piedade, sentimentos de inveja, ressentimento e, sim, ódio mortal, inevitavelmente brotarão nos despossuídos. Isso leva todos facilmente a um círculo diabólico de violência e contra-violência. Não existirá uma paz global sem uma ordem global justa.

---

c) Portanto, os jovens deveriam aprender, já nos seus lares e nas escolas, que a propriedade, por pequena que seja, carrega consigo uma responsabilidade, e que seu uso deveria ao mesmo tempo servir ao bem comum. Só então uma ordem econômica justa poderá ser construída. Entretanto, se a situação crítica dos bilhões de seres humanos mais pobres, particularmente mulheres e crianças, deve ser melhorada, as estruturas da economia mundial precisam ser fundamentalmente alteradas. Boas ações individuais e projetos assistenciais, apesar de indispensáveis, não são suficientes. A participação de todos os países e a autoridade de organizações internacionais são necessárias para se chegar a um acordo justo.

Certamente conflitos de interesses são inevitáveis, e mesmo as nações em desenvolvimento têm necessidade de uma busca nacional de consciência. Mas uma solução para a crise da dívida e a pobreza do segundo e do terceiro mundos, que possa ser apoiada por todos os interessados, deve ser buscada. Em todo caso, nos países desenvolvidos, deve-se fazer uma distinção entre o consumismo justificável e o injustificável, entre o uso socialmente benéfico e o não-benéfico da propriedade, entre o uso razoável e o uso irracional dos recursos naturais, entre a economia de mercado orientada apenas pelo lucro ou social e ecologicamente orientada. É universalmente válido: onde quer que os que governam ameacem sufocar os governados, as instituições ameacem as pessoas, o poder oprima os direitos; a resistência – sempre que possível, não-violenta – deve ocorrer.

d) Ser autenticamente humano, no espírito das grandes religiões e tradições éticas no mundo de hoje, significa o seguinte:

*em vez de desperdiçar o poder econômico e político em batalhas implacáveis pela dominação, devemos utilizá-lo para o serviço da humanidade: num espírito de compaixão para com os que sofrem e com cuidado especial pelos pobres, deficientes, idosos, refugiados, e os solitários;*

*em vez de pensar apenas em poder e políticas de poder ilimitado, e nas lutas competitivas inevitáveis, deveria prevalecer um respeito mútuo, um equilíbrio razoável de interesses e um esforço para a mediação e a consideração;*

---

*em vez da avidez insaciável por dinheiro, prestígio e consumo, o sentido de moderação e modéstia deveria voltar a reinar. Pois na avidez os humanos perdem as suas almas, liberdade interior e, portanto, aquilo que os faz humanos.*

3. Para uma cultura de tolerância e uma vida honrada

- a) Incontáveis seres humanos, de todas as regiões e religiões, lutam ainda em nossos dias para levar uma vida de honestidade e honradez. E no entanto existem no nosso mundo de hoje mentiras e imposturas sem fim, fraudes e hipocrisia, ideologias e demagogia:

*políticos e empresários que usam mentiras como caminho para o sucesso;*

*meios de comunicação de massa que divulgam propaganda ideológica em vez de reportagens cuidadosas, desinformação no lugar de informação;*

*cientistas e pesquisadores que se entregam a programas políticos ou ideológicos moralmente questionáveis ou a grupos de interesses econômicos, e que se esforçam para justificar pesquisas e experimentos que violam valores éticos fundamentais;*

*representantes de religiões que rejeitam membros de outras como se tivessem pouco valor, e que pregam o fanatismo e a intolerância em vez de respeito, entendimento e tolerância.*

- b) Contudo, nas grandes religiões antigas e tradições éticas da humanidade, encontramos o ensinamento: não mentiras! Ou, em termos positivos: Diga a verdade! De fato, nenhuma mulher ou homem, nenhuma instituição, nenhum Estado, igreja ou comunidade religiosa têm o direito de dizer inverdades a outros seres humanos. Isso é especialmente verdade para:

*Os meios de comunicação de massa, aos quais o direito de liberdade de imprensa e de reportagem, para o bem da verdade, é assegurado e aos quais, portanto, o posto de guardião é concedido; não devem ficar acima da moralidade, mas a serviço da dignidade, dos direitos humanos e dos valores fundamentais; devem estar a serviço da objetividade, lealdade e preservação da dignidade pessoal; não têm o direito de imiscuir-se na esfera da privacidade humana, manipular a opinião pública ou distorcer a realidade.*

---

Artistas e cientistas, *a quem liberdade artística e acadêmica é assegurada. Não estão dispensados de padrões éticos gerais e devem servir sinceramente à verdade.*

Políticos *que, se mentirem para seus povos, desperdiçam sua credibilidade e não merecem ser reeleitos.*

Finalmente, representantes das religiões. *Quando incitam o preconceito, o ódio e a inimizade para com aqueles que professam credos diferentes, não merecem adeptos.*

- c) Portanto, os jovens deveriam aprender, já nos seus lares e nas escolas, a pensar, falar e agir conforme a verdade. Todos os seres humanos têm direito à verdade. Têm também direito à informação necessária e à educação, para que estejam aptos a tomar as decisões que serão formativas para suas vidas. Sem uma orientação ética fundamental, dificilmente poderão distinguir o importante do insignificante, na atual torrente diária de informações. Padrões éticos vão ajudá-los a identificar quando os fatos estiverem distorcidos, os interesses velados, as tendências manipuladas e as opiniões tornadas absolutas.
- d) Ser autenticamente humano, no espírito das nossas grandes religiões e tradições éticas no mundo de hoje, significa o seguinte:

*em vez de desonestidade, de uma adaptação à vida dissimulada e oportunista, devemos cultivar o espírito da verdade também nas relações diárias entre os seres humanos;*

*em vez de espalhar meias-verdades ideológicas ou partidárias, devemos sempre procurar a verdade com uma sinceridade incorruptível;*

*em vez de confundir liberdade com arbitrariedade e pluralismo com indiferença, elevemos a verdade;*

*em vez de correr atrás do oportunismo, devemos respeitar com lealdade e constância a verdade uma vez encontrada.*

4. Para uma cultura de direitos iguais e parceria entre homens e mulheres

- a) Incontáveis seres humanos, de todas as regiões e religiões, lutam para viver suas vidas num espírito de parceria entre homens e mulheres, de ação responsável nas áreas do amor, sexualidade e família. Contudo, em todo o mundo existem formas condenáveis de patriarcalismo,

---

dominação de um sexo sobre o outro, exploração de mulheres, abuso sexual de crianças e prostituição forçada. As diferenças sociais neste planeta não raro levam à prostituição como um meio de sobrevivência, particularmente pelas mulheres dos países menos desenvolvidos.

b) Contudo, nas grandes religiões antigas e nas tradições éticas da humanidade encontramos o ensinamento: não cometas imoralidades sexuais! Ou, em termos positivos: Respeita e ama o próximo! Concretamente, isso significa: Ninguém tem o direito de degradar outros a meros objetos sexuais, forçá-los ou prendê-los numa dependência sexual. A exploração sexual deve ser condenada como uma das piores formas de degradação humana. Onde quer que – inclusive em nome de convicções religiosas – a dominação de um sexo sobre o outro for pregada, e a exploração sexual tolerada, onde quer que a prostituição seja promovida, ou que crianças sejam abusadas, a resistência é imperiosa.

c) Portanto, jovens mulheres e homens deveriam aprender, já em seus lares e nas escolas, que a sexualidade é fundamentalmente não uma força negativa, destrutiva ou exploradora, mas uma força criativa. Sua função como formadora da afirmação da vida comunitária pode ser aplicada, principalmente se for vivida com responsabilidade pela felicidade própria e pela do parceiro. A relação entre homens e mulheres tem certamente uma dimensão sexual, mas a realização humana não é idêntica à felicidade sexual. A sexualidade deve ser a expressão e a reafirmação de uma relação amorosa vivida em parceria. Inversamente, contudo, algumas tradições religiosas conhecem o ideal de uma renúncia voluntária do uso completo da sexualidade; essa renúncia pode também ser uma expressão de identidade e uma realização significativa.

A forma de casamento socialmente institucionalizada que, apesar de suas variações culturais e religiosas, é caracterizada pelo amor, fidelidade e permanência, busca, e deve garantir, segurança e apoio mútuo ao marido, mulher e filhos e assegurar seus direitos. É no casamento que a relação entre a mulher e o homem deve ser caracterizada não por um comportamento de superioridade ou exploração, mas pelo amor, parceria e confiança. Todas as regiões e culturas deveriam desenvolver relações econômicas

---

e culturais que tornassem possível o casamento e a família dignos dos seres humanos, principalmente para as pessoas idosas. Os pais não deveriam explorar os filhos, nem estes os pais; sua relação deveria, sim, refletir respeito, apreço e interesse mútuos.

- d) Ser autenticamente humano, no espírito das nossas grandes religiões e tradições éticas no mundo de hoje significa:

*em vez de dominação ou degradação patriarcal, que são a expressão da violência e geram a contra-violência, respeito mútuo, parceria, entendimento e tolerância;*

*em vez de qualquer forma de lascívia sexual possessiva, ou abuso sexual, respeito mútuo, tolerância, prontidão para a reconciliação e amor. Apenas o que já foi vivido no plano das relações pessoais e familiares pode ser praticado ao nível das nações e religiões.*

#### **4. Uma transformação da consciência**

Toda experiência histórica demonstra o seguinte: nosso planeta não pode ser mudado, a não ser que num futuro não muito distante uma alteração na consciência dos indivíduos seja alcançada. Isso já foi verificado em áreas como a guerra e a paz, ou economia e ecologia. E é precisamente em relação a essa mudança interior, a essa transformação da totalidade da mente, do "coração", que as religiões têm especial responsabilidade. Estamos conscientes, contudo, de que um consenso universal sobre diversas questões individuais e éticas controversas (desde ética sexual e bioética, passando pela ética científica e dos meios de comunicação, até a ética política e econômica) será dificilmente conseguido. Em todo caso, mesmo para muitas questões ainda controversas, soluções diferenciadas devem ser buscadas no espírito dos princípios fundamentais aqui conjuntamente desenvolvidos.

Em diversas áreas da vida, já surgiu uma nova consciência das responsabilidades éticas. Portanto, ficaríamos especialmente contentes se o maior número possível de associações profissionais nacionais ou internacionais, como as dos físicos, cientistas, homens de negócios, jornalistas e políticos, pudessem juntar-se para ditar códigos de ética.

Acima de tudo, seria bom se cada religião em particular também formulasse sua ética específica: Aquilo que ela tem a dizer, sustentado pela tradição de sua fé, a respeito, por exemplo,

---

do sentido da vida e da morte; sobre como suportar os sofrimentos e o perdoar as culpas; sobre o sacrifício desinteressado e a necessidade da renúncia, compaixão e alegria. Tudo isso será compatível com uma ética global e pode até mesmo aprofundá-la, torná-la mais específica e concreta.

Estamos convencidos de que uma nova ordem global só pode ser melhor num mundo socialmente benéfico e pluralista, de relações de parceria e promoção da paz, de respeito ao meio ambiente e ecumênico. Portanto, apoiados em nossas convicções religiosas, comprometemo-nos com uma ética global comum e convidamos todas as mulheres e homens de boa vontade a fazer desta sua própria declaração. **THOT**

NOTA:

- 1 "Ética", e não "éticas", o que implicaria grandes detalhamentos. "Ética", no singular, expressa a atitude fundamental em relação ao bem e o mal e os princípios para colocá-la em ação.

**SUZETE  
CARVALHO**

É pós-graduada  
pela Universidade  
de São Paulo  
(Filosofia do  
Direito  
e Direito  
do Trabalho),  
conferencista e  
professora da  
Associação Palas  
Athena.

## **MAHATMA GANDHI E A POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SÃO PAULO**

**A**o senso comum – presa fácil de idéias dualistas estereotipadas (polícia é polícia, bandido é bandido), cuja racionalidade limitada e limitadora não permite a apreensão de noções mais abrangentes como as de totalidade (ser humano) e interdependência (social, econômica, ética) –, o paradigma gandhiano de não-violência aplicado às atividades policial-militares, deve parecer, no mínimo, surrealista.

Aos menos afeitos à terminologia sociológica, devo lembrar que a expressão *senso comum* aplica-se ao conjunto de valores, crenças e conhecimentos que, sistematicamente transmitidos por várias gerações, não passam pelo crivo da consciência, podendo traduzir-se num pensamento estereotipado, que atribui características fixas a alguém ou alguma coisa, como se lhe fossem imanentes. Assim, a ausência de reflexão sobre a realidade faz empobrecer a experiência e condicionar o comportamento social a mero movimento reacionário.

Períodos de crise generalizada como o que atravessamos, refletem-se em medo e insegurança econômica e social, podendo gerar a radicalização da violência, quer como forma de projeção, pelo não reconhecimento em nós da violência que criticamos na sociedade, quer como mecanismo de defesa, pelo ressentimento causado pelas diferenças sociais, levado inconseqüentemente ao paroxismo pelos mecanismos publicitários, que, supervalorizando o *ter*, criam constantemente novas necessidades materiais, potencializando a rivalidade e a inveja entre as classes sociais.

Fundamentalmente, vivemos a crise da modernidade, nas palavras de Leonardo Boff: "de nosso modo de ser e de ler o mundo", ou seja, atravessamos uma crise do pensamento racional que, centrado num individualismo perverso e despreparado para enfrentar a complexidade do mundo moderno, abala as instituições políticas, maximizando as questões econômicas em detrimento das sociais.

Por outro lado, *crise*, do grego "krínein", que tem a ver com discernimento, é um momento de decisão, que pode fazer emergir o verdadeiro "ethos" submerso no materialismo, levando-nos a repensar questões esquecidas pelo raciocínio lógico, relacionadas às necessidades intrínsecas do ser, que implicam tanto na busca da transcendência, quanto no aprimoramento da vida relacional, para as quais o discurso atual é insatisfatório.

Atentas a essa possibilidade, várias instituições cujos membros transcendem o senso comum, vêm desenvolvendo projetos criteriosos para o enfrentamento dessas tormentosas questões que nos afetam a todos, baseados numa nova ética que resgate valores como dignidade, solidariedade e cooperação, hoje subvertidos pela violência, egoísmo e competitividade.

Visando uma participação efetiva na minimização de alguns dos graves problemas do cotidiano da comunidade, como a proliferação das drogas e da violência, a Associação Palas Athena, o Consulado Geral da Índia (patrocinadores), a Secretaria



---

Nacional de Direitos Humanos e o Projeto "Discriminação, Preconceito, Estigma" da Faculdade de Educação da USP (apoio institucional) uniram-se ao Alto Comando da Polícia Militar do Estado de São Paulo, para a realização de um Concurso de Redação sobre o tema "Gandhi e a Não-violência", destinado a todos os policiais militares interessados.

Como pano de fundo para o desenvolvimento da redação, foi indicada a frase de Gandhi: "A não-violência nunca deve ser usada como um escudo para a covardia. É uma arma para os bravos". O Edital do concurso, acompanhado de um minidossiê contendo os principais acontecimentos e pensamentos que marcaram a vida do Mahatma, foi distribuído a todos os componentes da Polícia Militar, cuja Diretoria de Ensino providenciou gravações em vídeo de palestras proferidas sobre o assunto por professores da Associação Palas Athena, como material básico de pesquisa.

Experiências como esta, dentre outras, por seus instigantes resultados, fortalecem minha convicção de que a violência é um vírus que pode ser isolado e combatido, que a mesmice petrifica o pensamento, impedindo o livre vôo da criatividade e que o medo nos condena a viver ocultos nas sombras, enquanto a luz continua a iluminar o caminho daqueles que ousam libertar-se do cabresto dos condicionamentos e agir (não re-agir) com consciência e liberdade.

A nova Política de Integração adotada pelo Alto Comando da Polícia Militar, aliada à dedicação à causa da paz, da justiça e dos direitos humanos, de alguns poucos membros de organizações governamentais ou não, teve o condão de revelar, em apenas dois meses de trabalho, a imensa potencialidade de um número sugestivo de policiais (em torno de oitocentos), para auxiliar na mudança de padrões mentais e comportamentais de toda a corporação, haja vista a qualidade e o nível de profundidade de grande parte das redações apresentadas, nas quais os participantes surpreendentemente abriram seus corações, expondo confiantemente suas preocupações e opiniões.

Surpreendente, também, foi o caráter de depoimento e a vontade expressa de mudança, evidentes principalmente na emocionante leitura, pelos próprios participantes, das redações melhor classificadas, chegando a levar às lágrimas não só os componentes das equipes de trabalho, como também várias das autoridades e convidados presentes à Sessão Solene de Premiação, ocasião em que se comemorou também o cinquentenário da Declaração Universal de Direitos

Humanos e que contou com a participação do próprio Comandante Geral da Polícia Militar do Estado de São Paulo, Coronel Carlos Alberto de Camargo.

Corroborando essa visão, extraio da redação do Soldado PM Paulo Cilas Raimundo, que adotou o pseudônimo de Antígão, o seguinte:

*Sou do tempo que nos quartéis ensinava-se a combater distúrbios civis com baioneta calada.*

E, referindo-se à frase indicada como pano de fundo do trabalho:

*Aos mais jovens, aqueles que estão se iniciando profissionalmente, que tenham essa máxima de Gandhi como uma bússola em suas vidas.*

As preocupações dos policiais, porém, não se limitam, embora predominantes, à questão mais primária da violência entre os homens, mas se sutilizam em preocupações de cunho ecológico, social e até mesmo filosófico, como se extrai dos trechos a seguir transcritos, redigidos pela soldado Fátima Aparecida Santos de Souza, terceira colocada no concurso, mãe de quatro filhos e digna representante de tantos heróis e heroínas anônimas, policiais ou não:

*A natureza, por exemplo, ano após ano, vem sendo impiedosamente agredida. Espigões, empresas multinacionais tomam o lugar das verdes matas, despejam detritos nas águas dos rios, mares, lagos e oceanos, transformando-os em fétidos esgotos a céu aberto; fumaças cinzentas substituem o azul do nosso céu e sufocam nossos pulmões; animais da nossa fauna viram adereços fúteis como casacos, bolsas entre outros, conseqüentemente condenados à extinção em prol de uma ganância desenfreada. (...) E quem é na verdade essa Globalização? Afirmam que ela integrará todos os países. Mas como, se os países desenvolvidos estão cada vez mais poderosos e os subdesenvolvidos cada vez mais impotentes? Acaso tal situação não seria uma violência contra os direitos de igualdade? (...) Exposto está o problema e necessita de solução. Não se pode ignorar os fatos, dizendo: Isso não é problema meu!*

Destaca-se também a preocupação dos mais antigos em aconselhar os mais jovens a não trilhar o caminho da violência, como foi o caso do supra-citado "Antígão" e como se depreende da leitura de trecho da redação do segundo colocado, 1º Sargento Luiz Antonio Teixeira, o "Tôtoin", prestes a se aposentar, que com digna humildade e muita lucidez, assim se expressou:

---

*Eu sei o quanto é difícil seguir um caminho certo, mas quando sentir ódio e vontade incontrolável de desforrar sua raiva em alguém, lembre-se de Deus, de sua família e, se tiver, de seus filhos. Pois um dia a vida de PM acaba e você volta a ser apenas mais um homem comum no mundo.*

Enfim, é clara a percepção do pragmatismo contido na máxima gandhiana da não-violência, no seguinte trecho da redação do primeiro classificado, 2º Sargento Marcos Bonini Flores:

*A não-violência é o exercício da paz social. Exercício é trabalho, empenho. É necessário empenho para ocorrer mudanças, mudar o status quo.*

Assim, se a leitura atenta das quinze redações premiadas, já permite a extração de verdadeiras pérolas de sabedoria, pode-se presumir a magnífica jóia embutida nas expressões das centenas de policiais concorrentes e no inestimável valor humano de milhares de componentes da instituição que por um motivo ou outro deixaram de participar do concurso.

O primeiro passo foi dado, mas o trabalho é artesanal e demanda vontade política e cooperação de vários segmentos da sociedade, inclusive a mídia, que, sempre tão ágil na divulgação de notícias sensacionalistas em primeira mão, necessita sensibilizar suas antenas para a captação de iniciativas desse porte, responsável que é por grande parte do comportamento social.

O contínuo bombardeamento de uma programação baseada numa realidade estereotipada, que transmite a idéia de um mundo sem saídas, sobre uma comunidade já fragilizada pelas dificuldades reais do cotidiano, só faz favorecer o conformismo estagnador, tão grato à perpetuação da hegemonia, que não se confunde com a indefectível idéia gandhiana de não-violência (ahimsa), enquanto "atributo da alma a ser praticado por todos, em todos os momentos e em todas as áreas da vida".

Portanto, é uma proposta concreta, de eficácia comprovada, de persistente ação pacífica (não passiva) para o enfrentamento de todas as conjunturas individuais e coletivas da vida, que faz do legado do Mahatma um caminho incomparável para o aprimoramento da convivência humana. **THOT**

Nota:

Esta edição de THOT já se encontrava no prelo quando, sobre o mesmo assunto, foi publicada na revista VEJA (27/01/99), a excelente reportagem sob o título: "O desabafo da PM".

## OBRAS DESTA EDITORA

- |                                |  |
|--------------------------------|--|
| Romano Guardini                | A aceitação de si mesmo e As idades da vida        |
| Henrich Zimmer                 | A conquista psicológica do mal                     |
| Nagarjuna                      | A grinalda preciosa                                |
| Beto Hoisel                    | Anais de um simpósio imaginário                    |
| Mahatma Gandhi                 | A roca e o calmo pensar                            |
| Joseph Campbell                | As máscaras de Deus                                |
|                                | mitologia primitiva - vol. 1                       |
|                                | mitologia oriental - vol. 2                        |
| Maura Baiocchi                 | Butoh, dança veredas d'alma                        |
| Nagarjuna                      | Carta a um amigo                                   |
| Edgar Morin                    | Ética, solidariedade e complexidade                |
| Edgard de Assis Carvalho,      |  |
| Maria da Conceição de Almeida, |  |
| Nelly Novates Coelho           |  |
| Nelson Fiedler-Ferrara e       |  |
| Heinrich Zimmer                | Filosofias da Índia                                |
| Ignacio da Silva Telles        | Forjadores espirituais da história                 |
| Shunryu Suzuki                 | Mente zen, mente de principiante                   |
| Tenzin Gyatso, XIV Dalai Lama  | Minha terra e meu povo                             |
| Heinrich Zimmer                | Mitos e símbolos na arte e civilização da Índia    |
| Jacob Needleman                | O coração da filosofia                             |
| Sogyal Rinpoche                | O livro tibetano do viver e do morrer              |
| Joseph Campbell e Bill Moyers  | O poder do mito                                    |
| Patrício Sciadini, OCD         | San Juan de la Cruz, o poeta de Deus               |
| Morgana Masetti                | Soluções de palhaços:                              |
|                                | Transformações na realidade hospitalar             |
| Ubiratan D'Ambrosio            | Transdisciplinaridade                              |
| Olgária Matos                  | Vestígios - Escritos de filosofia e crítica social |
| Mircea Eliade                  | Yoga - Imortalidade e liberdade                    |
|                                | <b>Publicação periódica:</b>                       |
|                                | THOT   |
|                                | <b>Co-edição - Palas Athena/EDUSP:</b>             |
| Henrique Murachco              | Diálogo dos mortos, Luciano                        |
|                                | <b>Co-edição - Palas Athena/EDUC:</b>              |
| Hypnós nº 1                    | Do Divino: Imagens e conceitos                     |
| Hypnós nº 2                    | Reflexões sobre a natureza                         |
| Hypnós nº 3                    | Ethos, ética                                       |
| Hypnós nº 4                    | Techné   |

Para aquisição de nossas obras e assinatura da publicação THOT, entrar em contato com

### Associação Palas Athena

Rua Leôncio de Carvalho, 99 - Paraíso 04003-010 - São Paulo - SP  
Fones: (011) 288.7356 - 283.0867 e 287.2668 - Fax: (011) 287.8941

## Uma tarde no lago oculto

**A** tarde marcou com barro os sapatos de Ele, mas seus passos não deixaram marcas visíveis no caminho que Ela estava lhe mostrando. Aproveitando a presença dessa invisibilidade, a tarde sugeriu que Ela e Ele conversassem sobre um tema muito antigo: a existência das coisas. Quase mudos, foi o que fizeram.

O diálogo começou com uma troca de olhares. Naquele instante, Ele compreendeu que as coisas que vemos são feitas de coisas que não vemos. Tudo o que realmente existe é invisível.

Diante de um lago, Ele fechou os olhos e viu seu coração se mobilizando para suportar os dias de ausência de Ela. Essa visão fez Ele temer que, abertos, os olhos de Ela fossem incapazes de enxergar que nove dias são um tempo muito maior do que o necessário para a criação do Universo. Estavam encostados na cerca que os impediu de chegarem perto das águas, mas não das imaginadas carpas.

Debruçado sobre a certeza de que nove dias são muitos dias, Ele fechou os olhos e viu a tarde mergulhar no lago oculto. Imediatamente, Ele se imagina uma figueira ladeada por Ela, agora, uma amoreira. Esse desejo transformou seus pés em raízes, que logo esqueceram os sapatos, o barro e o caminho de volta. Afinal, árvores não caminham. Árvores vivem como esta tarde viveu; acolhem e alimentam. Para sua alegria, árvores e tardes não partem para lugar algum.

Quando Ele reabriu os olhos, viu a tarde e Ela ressurgirem como fantasmas nesta folha de papel; essas palavras jamais farão alguém, além dos dois, saber o sabor que aquela tarde lhes proporcionou. Porém, elas estão aqui apenas como servas da Memória. As carpas continuam nadando.

Ele fechou os olhos e permitiu que sua alma o recolhesse. Então, viu tudo o que existe entre eles dois, e talvez mais 12 vidas, mais 12 galáxias. É a visão lhe mostrou porque o mistério faz do entre 2 a sua morada. Admirar essa mulher faz de Ele uma criatura satisfeita. Apenas outras três vezes em sua vida, Ele foi possuído pela mesma intuição serena de estar ligado a um acontecimento de forma duradoura e inquebrantável. Apenas outras 3 vezes, Ele viu a impermanência desvestir a sua roupa de rio para embelezar o mundo com a nudez de um fogo inextinguível.

Então, quando a lua sorriu, Ele prometeu à sua alma e a todos os deuses: "Ela jamais se sentirá abandonada".

